

12
PADRE J. CABRAL

A Igreja e o Marxismo

Colecção



Convivium

APROVAÇÃO ECLESIAÍSTICA

Imprimatur
Rio, 2-7-1948
E. Costa Rêgo
Vigário Geral

Nihil obstat
Rio, 29-6-1948
Pe. Helder Câmara

PADRE J. CABRAL

A Igreja e o Marxismo

COMPANHIA EDITORA PANORAMA
RUA MARTINIANO DE CARVALHO, 187
CAIXA POSTAL, 4.815 — SÃO PAULO

Livros do Padre J. Cabral

No Terreno dos Princípios	Editôra VOZES
Lutas da Mocidade — 2.a edição	” ”
Nas Linhas de Frente	” ”
A Miragem Soviética — esgotado	” ”
Conceitos e Factos	” ”
Ação Social da Igreja — esgotado	” ”
Minhas Orações — Livraria H. Antunes — Rio	
Espírito e Vida — Editôra A.B.C. — Rio	
A Questão Judaica — Livraria do Globo — Pôrto Alegre	
Jesus Cristo - Rei dos Reis — 2.a edição — “Lar Católico” — Juiz de Fôra	
S. Francisco de Sales — Bispo de Genebra e Doutor da Igrejã — Juiz de Fôra	
Imitação de Cristo — Tradução — 3.a edição — Editôra S.C.J. — Taubaté — S. Paulo	
Manual de Orações e Cântico - Irmandade do Rosário — Rio	

COLEÇÃO CONVIVÍUM

1.a SÉRIE

ESTUDOS POLÍTICOS
JURÍDICOS, ECONÓ-
MICOS E SOCIAIS

VOL. 4

DUAS PALAVRAS

AO LEITOR:

Sob o título de "A IGREJA E O MARXISMO", enfeixamos em volume alguns ensaios e diversos artigos sôbre temas da mais palpitante atualidade e da mais alta importância.

Não pretendemos apresentar o panorama da ação social da religião católica, nem tão pouco expor e refutar as teorias do materialismo histórico. Nosso intuito é muito mais modesto: oferecer nossa humilde contribuição para o esclarecimento de alguns pontos doutrinários muito debatidos e que dividem os espíritos no mundo inteiro.

Será imensa a nossa satisfação se lograrmos algum êxito, por pequeno que seja, nêsse sentido.

Trabalhamos em pról da defesa da Igreja e do bem do Brasil.

Rio, 24 de Junho de 1949

Pe. J. CABRAL

A IGREJA E O MARXISMO

Faz um século que Karl Marx, judeu alemão, lançou aos quatro ventos o seu manifesto, que se tornou célebre. É ele considerado como fundador do socialismo moderno ou comunismo.

Marx associou-se a Engels, seu amigo e discípulo, que colaborou na redação do "Manifesto do Partido Comunista", dirigido ao operariado do mundo inteiro, documento êsse que se tornou famoso como uma espécie de Bíblia da reforma social.

As doutrinas de Marx estão compendiadas no livro "O Capital", que, ainda hoje, é considerado como o guia de todos os comunistas.

A base da reforma social que Marx propõe, está fundada no mais radical e extremado materialismo. De acôrdo com os seus princípios, tôdas as atividades humanas: politica, religião, ciência, literatura, belas artes e vida social, são determinadas pelas condições econômicas, pelo aparelhamento da produção e pelo meios de transporte. Segundo as idéias dêsse mesmo autor, a revolução das noções está condicionada à situação material e aos fenômenos econômicos, que são os motivos determinantes de todos os movimentos sociais. Disso se origina a chamada "luta de classes", isto é, o antagonismo entre patrões e operários,

ou seja entre a burguesia, que detém o capital, e o proletário, que nada possui.

Para remediar tantos males, propõe Marx a abolição da propriedade privada. Por meio dessa reforma social, pretende-se estabelecer o paraíso na terra, instaurar uma igualdade utópica e abolir as classes sociais.

Apontando às classes trabalhadoras um ideal irrealizável, indica-lhes a violência como o meio mais eficaz para o assalto ao poder, no fito de levar a efeito a realização dos seus planos. Todos os meios são lícitos, podem e devem mesmo ser empregado, quando se trata de assumir o governo e dar ao Partido Comunista o controle da situação para que possa executar os seus planos.

* * *

Dessa breve e sumária exposição, deduz-se, de modo claro e insofismavel, que não pode haver conciliação, quer na teoria, quer na prática, entre o marxismo e o catolicismo.

Apesar de certa semelhança doutrinária, que se observa entre a religião cristã e certos pontos da teoria marxista, os dois sistemas não se conciliarão nunca, porque um tem por base a matéria e o outro se funda na crença em Deus.

As teorias do comunismo e as doutrinas sociais cristãs são inconciliáveis, pois partem de pontos diametralmente opostos e visam fins inteiramente contrários.

A luta de classes, que o marxismo prega, opõe a Igreja a colaboração; ao materialismo opõe a fé na divindade; à violência, os processos democráticos, dentro dos princípios da justiça e do respeito aos direitos adquiridos. Nessas condições, para que se conciliem o comunismo e o cristianismo, um dos dois deve deixar de ser o que é.

Não é de admirar, portanto, que o catolicismo e o

marxismo tenham entrado em oposição desde o primeiro instante.

Sempre que surgiu alguma heresia ou algum sistema contrário aos princípios admitidos e professados pela religião, os Papas, Vigários de Cristo e chefes da cristandade, denunciaram o êrro e condenaram todos aquêles que no mesmo se obstinaram. Dessa maneira, o comunismo não podia fazer exceção à regra; não podia ser poupado o materialismo histórico, que se arvorava em réformador social e prometia à humanidade um novo paraíso terrestre.

A história eclesiástica está pontilhada de heresias e de falsos sistemas, que atacavam e combatiam ora um dogma, ora outro, que negavam essa ou aquela verdade.

O comunismo, porém, assumiu uma atitude única e até então desconhecida. O sistema de Marx veio combater a religião em sua essência e em sua natureza; nega a existência de Deus e tudo quanto decorre dessa verdade primária; renega tanto os dogmas quanto os preceitos da moral e propugna, na prática, por uma sociedade dentro da qual a religião não poderá existir e realizar sua missão.

Os governos mais tirânicos e mais despóticos, embora persigam certas e determinadas religiões, adotam ou ao menos toleram essa ou aquela. O comunismo, porém, em seu ódio e em seu furor contra Deus, a tôdas persegue e procura extinguir. Professa a incredulidade ou seja a religião dos "sem Deus".

Daqui procede a impossibilidade de uma conciliação, de uma trégua ou armistício entre Roma e Moscou, entre o reino de Cristo e o império do poder das trevas.

O tempo, - que tantas divergências aplaça e tantos

antagonismos amortece, só tem feito alargar o abismo que separa a sociologia cristã dos conceitos de Marx.

* * *

Roma, "coluna e firmamento da verdade", inúmeras vezes se tem levantado contra os êrros do comunismo, condenando os princípios sôbre os quais êste quer fundar a nova sociedade.

Pio IX, que desde a primeira hora, formal e solenemente, havia condenado a "nefanda doutrina" do comunismo ateu, em 1846; renovou, no "Syllabus", a condenação de um sistema que êle classificou de essencialmente contrário ao direito natural e que, uma vez admitido, produziria a mais radical subversão dos direitos, das cousas, das instituições, das propriedades e da mesma sociedade humana.

Com o andar dos tempos, o comunismo foi ampliando o seu sistema, desenvolvendo as suas teorias e dilatando a sua esfera de ação e influência. A Igreja, de sua parte permaneceu de atalaia, denunciando cada novo êrro que surgia e advertindo os cristãos contra uma ideologia que foi classificada de "essencialmente perversa".

Leão XIII, que testemunhou tantos acontecimentos históricos e assistiu a tantas mudanças na política e na sociedade, condenou várias vezes êsse novo sistema e reprovou, enérgicamente, a divulgação, por parte dos católicos, dessa nova concepção da vida.

Em dezembro de 1878, escreveu aquêle grande pontífice:

"Obedecendo ao dever do Nosso cargo apostólico, não deixamos logo no princípio de Nosso Pontificado..... de apontar esta peste moral, que se introduz como uma serpente por entre as articulações mais íntimas dos membros da sociedade humana, e a coloca num perigo extremo..... Vós compreendereis fácilmente que Nos referimos a essa

seita de homens que, debaixo de nomes diversos e quase bárbaros, se chamam socialistas, comunistas ou niilistas, e que, espalhados sobre toda a superfície da terra, e estreitamente ligados entre si por um pacto de iniquidade, já não procuram abrigo nas trevas dos conciliábulos secretos, mas caminham ousadamente à luz do dia, e se esforçam por levar a cabo o desígnio, que têm formado de há muito, de destruir os alicerces da sociedade civil. . . . Nada deixam intacto ou inteiro do que foi sábiamente estabelecido pelas leis divinas e humanas para a segurança e a honra da vida”.

Noutra passagem, completando seu pensamento, acrescentou:

“E’ necessário, além disto, que trabalheis para que os filhos da Igreja Católica não usem, seja debaixo de que pretexto fôr, filiar-se na seita abominável nem favorece-la”. Assim falou o pontífice que escreveu “*Quod Apostolici Muneris*” e “*Rerum novarum*”.

Pio XI, que em várias oportunidades condenou a ideologia marxista, consagrou duas de suas encíclicas a esse importante e grave assunto.

Em 3 de maio de 1932, saiu à lume uma encíclica sobre a crise política e social da humanidade, “*Charitate Christi Compulsi*”. Nesta carta dirigida ao povo cristão, que se debatia em situação angustiosa, o chefe da Igreja convidava o mundo civilizado e livre a unir-se e opôr uma verdadeira “muralha” contra a expansão do comunismo soviético.

Nesse documento pontifício lêmos o seguinte:

“Nós, portanto, suplicamos no Senhor tanto aos indivíduos como às nações. . . que se unam, ainda que à custa dos maiores sacrifícios, para salvarem-se a si mesmos e à humanidade. Em tal consórcio de sentimentos e de forças, não resta dúvida que os primeiros devem ser os cristãos. A eles se ajuntem, no entanto, sincera e lealmente quantos

crêem em Deus e o adoram, para afastar da humanidade o perigo que a todos ameaça. Porque se acreditar em Deus é o fundamento inabalável de toda ordem social, de toda responsabilidade sobre a terra, todos aqueles que não querem a anarquia e o terror, devem trabalhar com afincio para que os inimigos da religião não consigam o fim que tão tenazmente colimam. E lembremo-nos, Veneráveis Irmãos, que nesta peleja pela defesa da religião devemos empregar todos os meios legítimos ao nosso alcance:.....”

Mais tarde agravadas as circunstâncias, o pastor supremo do rebanho de Jesus Cristo, em 19 de Março de 1937, publicou a encíclica “*Divini Redemptoris*”, que tem como assunto especial o comunismo ateu. Depois de renovar a condenação desse sistema errôneo, o Papa Pio XI faz uma advertência memorável, que reproduzimos infra:

“Em alguns lugares, mantendo-se firmes em seus diversos princípios, os comunistas convidam os católicos a colaborar com eles no chamado campo humanitário e caritativo, propondo por vêzes cousas em tudo até conformes ao espírito cristão e à doutrina da Igreja. Em outros lugares, sua hipocrisia vai ao ponto de fazer acreditar que, em países de maior fé ou de maior cultura, o comunismo tomará feição mais branda, não impedirá o culto religioso e respeitará a liberdade de consciência. Mais: alguns, referindo-se a certas mudanças introduzidas recentemente na legislação soviética, concluem que o comunismo está prestes a abandonar seu programa de luta contra Deus... Velai, Veneráveis Irmãos, para que se não deixem iludir os fieis.

O comunismo é intrinsecamente mau e não se pôde admitir em campo algum a colaboração com ele por parte de quem pretenda salvar a civilização cristã.”

S.S. Pio XII, gloriosamente reinante na sede de Pedro, não se afastou um ápice da trilha dos seus gloriosos prede-

cessores. Em vários discursos, proferidos em ocasiões solenes, o pontífice tem afirmado a incompatibilidade, entre o dogma cristão e o ateísmo do marxismo.

No discurso radiofônico da vigília de Natal de 1947, há um trecho sobremodo notável e que merece a mais ampla divulgação. É o que segue:

"A vós todos, caríssimos filhos e filhas, Nós dizemos: Vossa hora chegou! Nas assembléias dos homens de Estado preside como Senhor soberano um espírito invisível, o Deus onipotente a cujo olhar nada se oculta e que detém nas Suas mãos as inteligências e os corações a fim de incliná-los como lhe aprouver, na hora que tiver determinado, de acôrdô com os seus imperscrutáveis desígnios, todos infundidos de seu paterno amor. Mas para que êstes se realizem, Ele quer servir-se da vossa cooperação. Nestes dias de lutas, o vosso lugar é nas primeiras filas, na frente de combate. Os tímidos e os emboscados, porém, são os que estão prestes a se tornar desertores e traidores... Seria, de fato, desertor e traidor quem quer que quisesse prestar sua colaboração material, seus serviços, suas capacidades, seu auxílio, seu voto a partidos e a poderes que negam a Deus; que substituem a força ao direito, a ameaça e o terror à liberdade, que fazem da dissensão, do sublevamento das massas os instrumentos de sua política, que tornam impossível a paz interna e externa".

Em face de declarações tão claras e positivas, proferidas em ocasiões solenes, não é possível fazer-se conciliação alguma entre a Igreja Católica e o comunismo Ateu.

Depois da transcrição das palavras de vários sumos pontífices sobre o marxismo, julgamos desnecessário acrescentar o que cardeais, arcebispos, bispos e prelados católicos têm afirmado sobre a incompatibilidade que existe entre o cristianismo e o totalitarismo esquerdista.

Tem havido tentativas e esforços para conciliar e para estabelecer colaboração entre os seguidores de Cristo e os partidários de Marx. A religião católica porém, sempre se tem negado a essa aproximação, pois o programa de Jesus Cristo não pode transigir com o de Marx. A Igreja tem seu programa de ação social, traçado de acôrdo com o Evangelho, não pode renegar essa base ideológica, sem sofrer radical transformação na sua própria essência.

* * *

Quando se observa o panorama do mundo contemporâneo, verifica-se que a humanidade se acha dividida em dois campos, em dois mundos: o cristianismo e o marxismo.

As divisões clássicas dos partidos políticos: monarquistas, republicanos, conservadores, liberais, radicais, progressistas, democratas, federalistas, parlamentaristas e presidencialistas — essas denominações tradicionais vão perdendo, aos poucos, o seu valor e a sua significação. No fundo, cada uma das facções, cada um dos partidos ou se inclina para um lado ou para outro; quem não pende para o lado do cristianismo, facilmente se alista sob a bandeira do materialismo. É o que vemos em muitos países democráticos, onde os partidos de fundo cristão se coligam contra os esquerdistas, que são chefiados pelos comunistas. A França e a Itália dos nossos dias confirmam as nossas afirmações. O divórcio entre o sagrado e o profano, entre o espírito e a matéria se foi acentuando nos últimos tempos, de modo a permitir o aparecimento do comunismo, que é o verdadeiro anti-cristianismo.

Os partidos políticos lutam mais em prol da conquista do poder do que pela sustentação de seus princípios e ideais. E isso é tão verdadeiro que, não raro, as correntes mais antagônicas se dão as mãos, quando se trata de partilhar

o poder. O antagonismo só se mostra irreductível quando se defrontam o marxismo e o cristianismo, na ordem social e política, pois os dois estão separados por uma tal ordem de idéias que não permite se façam transações.....

A Igreja, pondo em prática aquelas célebres palavras de Agostinho de Hipona: "Amai os homens e combatei seus erros", sempre tem feito distinção entre o individuo e sua opinião pessoal e sempre tem demonstrado carinho e tolerância para com todos os que se deixam arrastar pelos falsos sistemas, mas tem sido sempre inflexível no combate ao erro, debaixo de qualquer aspecto que se apresente.

* * *

O comunismo tem logrado êxitos; é triste verdade que é forçoso reconhecer. Firmou-se na Rússia, que dilatou suas fronteiras à custa de enormes territórios conquistados pelos exércitos vermelhos. Num século que repudia as guerras de conquista, a U.R.S.S. não se pejou de as fazer na Europa e na Ásia, a expensas de povos fracos, seus vizinhos.

O governo russo vai impondo o seu sistema político aos países títeres que pela proximidade geográfica caíram debaixo da influência de Moscou, que os domina.

Uma verdadeira "cortina de ferro", que se estende do Báltico ao Adriático, separa a Europa Ocidental, democrática e livre, do império soviético, onde reinam o absolutismo e a escravidão, piores que nos tempos dos tzares. Nessa fronteira de dois mundos poderíamos escrever aquelas terríveis palavras do "Inferno" de Dante: "Lasciate ogni speranza voi che entraté". É isso o que podemos dizer aos que, desgraçadamente, caem sob o domínio do comunismo ateu.

Pior ainda. O comunismo, através dos partidos mar-

xistas, instalados em vários países, à sombra das liberdades e direitos assegurados pelo regime democrático, vai organizando a quinta-coluna, que lhe preparará o assalto ao poder.

Agora vejamos o reverso da medalha.

Os triunfos do marxismo são devidos ao absoluto desprezo pela vida e liberdade humanas e não ao voto livre e consciente do povo. Milhões e milhões de vidas, em holocausto ao Moloch vermelho, foram ceifadas, para que a bandeira da foice e do martelo continue a flutuar sobre as muralhas gélidas do Kremlin... Dezenas e dezenas de milhões de homens jazem no fundo dos cárceres, aprofundam nos campos de concentração e arrastam uma existência miserável e sem esperança, jungidos ao trabalho forçado, como escravos... É assim que se mantém o regime que Lenine inaugurou e Stalin continúa.

No mundo democrático, nos países da Euroda Ocidental e nos povos cristãos aumenta, dia a dia, a repulsa das consciências livres à tirania implantada na Moscóvia. E debaixo do regime soviético vivem muitos milhões de criaturas humanas cuja esperança única é que à noite da escravidão suceda a aurora da liberdade. Sim. Da liberdade que Cristo veio trazer aos povos, por meio de seu Evangelho, de que a Igreja é o grande arauto.

COMUNISMO ATEU E COMUNISMO CRISTÃO

Cripto-comunistas e católicos da “Mão Estendida”, católicos, divorciados do “sentire cum Ecclesia” e cívicos de tendências esquerdistas, pretendem estabelecer duas espécies de comunismo, o comunismo ateu e o comunismo cristão.

Forçados a reconhecer, ante a evidência dos fatos, que o Papa tem condenado, inúmeras vezes, o comunismo — coisa que todo mundo está farto de saber — dizem que o chefe da Igreja condena sómente o comunismo ateu, isto é, o comunismo que trucidá o clero, arrasa os templos e persegue os católicos. Em face de tal modo de proceder êsses senhores aplicam e restringem as palavras do chefe da cristandade a êsse comunismo... como se houvesse outra espécie de comunismo.

Pretendem estabelecer uma espécie de comunismo que absolutamente não existe, um comunismo cristão, um comunismo que se concilie com o Evangelho, um comunismo adotado por Cristo, um comunismo que não persiga a religião e possa cooperar com esta em prol do bem da humanidade.

Êsses partidários ou defensores do comunismo cristão

esquecem-se de duas circunstâncias que tornam impossível a aceitação da distinção supra-mencionada, em face dos documentos pontifícios e das chamadas encíclicas sociais.

Em primeiro lugar, cumpre evidenciar que a Igreja condenou o comunismo, isto é, a doutrina de Karl Marx, desde o comêço, desde que principiou a ser divulgada. Muito antes de o comunismo começar a perseguir a religião católica, já estava o mesmo condenado pela Igreja. Antes de o partido comunista assumir o poder na Rússia ou antes das perseguições religiosas movidas na Espanha, o supremo pontificado, que é o mestre infalível da verdade, já havia condenado as doutrinas do materialismo histórico.

Em segundo lugar, devemos observar que o comunismo foi condenado pelas suas doutrinas perversas e subversivas, em tudo contrárias aos ensinamentos da Igreja.

As perseguições, que surgiram mais tarde, já estavam em germe na própria natureza do comunismo, que é essencialmente materialista em sua doutrina e violento em seus processos.

Dai os motivos pelos quais os Papas, numerosas vezes, em épocas diferentes, em documentos e ocasiões diversas, condenaram, de modo claro e insofismável, as doutrinas básicas do comunismo.

Eis por que não se pode admitir a existência de dois comunismos, um bom e cristão, e outro mau e ateu.

Essa distinção é inteiramente falsa e insubsistente perante os fatos e foi estabelecida para semear a confusão no mundo das idéas, em benefício dos inimigos da ordem democrática e da civilização cristã.

Existe ainda uma particularidade digna de nota. Não são os comunistas que se atribuem origens provenientes do

Evangelho e do cristianismo; são os católicos da "Mão Estendida", que, gratuitamente e sem fundamento teórico ou doutrinário, pretendem torcer as idéias e os fatos, com tanto que possam conferir origens e fundamentos cristãos a um sistema que é o mais anti-cristão de quantos já surgiram nesses vinte últimos séculos da história humana.

* * *

Remontando aos primeiros tempos do cristianismo, encontramos entre os fiéis de Jerusalém a prática da comunhão de bens.

Dêsse fato procuram alguns tirar motivo para combater a Igreja, que condena as teorias de Marx.

São Lucas, em seu livro sobre os "Atos dos Apóstolos", encerra algumas informações a propósito da comunhão de bens que existiu entre os primeiros cristãos de Jerusalém.

No cap. II, versículos 44 e 45, assim escreve o autor sagrado:

"E todos os que criam estavam unidos, e tinham tôdas as cousas em comum.

Vendiam as suas propriedades e os seus bens e os repartiam por todos, conforme a necessidade que cada um tinha."

No cap. IV, vers. 32 a 35, o autor volta ao mesmo assunto, ajuntando mais algum esclarecimento:

"E da multidão dos que criam, o coração era um e a alma uma; e nenhum dizia ser sua cousa alguma daquelas que possuía, mas tudo entre êles era comum. Também não havia nenhum necessitado entre êles; porque todos quanto eram possuidores de campos ou de casas, vendendo-os, traziam o preço do que vendiam; e o colocavam aos pés dos apóstolos: e repartia-se por êles em particular; segundo a necessidade que tinha cada um."

É inegável que, na primitiva Igreja de Jerusalém,

os fiéis adotaram a prática da comunidade dos bens temporais.

O texto do livro sagrado é assaz claro e escritores profanos dizem o mesmo.

Cumprê, porém, fazer algumas breves observações, que são do mais alto valor.

Preliminarmente cumpre observar que essa comunhão de bens não tinha nenhum caráter de obrigatoriedade; cada um podia conservar as suas propriedades; vendendo-as, podia guardar para si o produto da venda. Era admitida a existência da propriedade particular.

O episódio de Ananias e Safira vem confirmar o que acima dissemos. Esses dois esposos foram repreendidos e castigados pelo peccado da mentira e não pelo fato de haverem reservado para si parte do dinheiro apurado com a venda de seu campo. O texto do livro dos "Atos dos Apóstolos" não deixa margem à dúvida alguma.

Tal modo de proceder encontra sua origem, e sua fonte no entusiasmo e no fervor dos que acabavam de abraçar a nova creença; nada encerrava de obrigatoriedade nem despertou imitadores nas demais comunidades cristãs da época.

Os resultados práticos dessa tentativa generosa, infelizmente, foram desastrosos. Dentro em pouco, esgotaram-se as poucas reservas dos cristãos de Jerusalém e o povo viu-se arrastado à miséria. Se não fossem as esmolas das cristandades vizinhas, os fiéis da cidade santa teriam perecido de fome.

Assim acabou uma tentativa generosa, mas imprudente.

Há também um verdadeiro comunismo cristão, aprovado e abençoado pela Igreja.

Referimo-nos ao comunismo vigente nas ordens monásticas e nas congregações religiosas, em que o indivíduo faz

voto de pobreza e renuncia à posse dos bens temporais.

Essa espécie de comunismo implica o estado de perfeição cristã e a observância dos três conselhos evangélicos: pobreza voluntária, obediência inteira e castidade perpétua.

É um estado de perfeição, que exige um chamamento ou vocação especial de Deus, que não o impõe a ninguém.

Excusado é dizer que os comunistas nem querem ouvir falar de tal espécie de comunismo.

A POLÍTICA DA "MÃO ESTENDIDA"

No estudo dos problemas político-sociais contemporâneos, na pesquisa de soluções justas e eficientes para as magnas questões dos nossos tempos, surgiu um movimento de colaboração entre católicos e comunistas, movimento que ficou denominado política da "Mão Estendida".

Momento houve em que alguns elementos católicos esperaram que a Igreja mudasse de atitude e se tornasse mais "transigente" e assumisse uma autoridade mais "conciliatória", diziam, para com o comunismo.

Partindo do falso suposto de que o comunismo deseja o bem do povo e trabalha em favor das camadas do proletariado, entendiam certos católicos que deveria haver algum acordo, pelo menos tácito, entre Roma e Moscou. Julgavam estes que os cristãos deviam carregar as pedras que os comunistas empregariam na construção da nova sociedade, que seria fundada segundo o traçado de Karl Marx.

Suposição gratuita essa, filha de excessiva boa fé, dizemos nós; uma vez que não queremos duvidar da sinceridade de uns tantos elementos do laicado católico do Brasil e de outros países.

A despeito de haver a Igreja, várias vezes e em documentos públicos e oficiais, condenado o comunismo; apesar de o Santo Padre Pio XI ter declarado que "o comunismo

é intrinsecamente perverso e que não se pode admitir a colaboração com êle”...., há uns tantos católicos que defendem essa colaboração.

Isso não deixa de ser estranho, mas, infelizmente, não deixa de ser verídico.

A Igreja tem um corpo de doutrinas e um sistema de moral, que se opõem de maneira flagrante à essência e à substância do marxismo.

O cristianismo assenta sobre o dogma da existência de Deus; o bolchevismo é fundamentalmente materialista e absolutamente ateu. Dai a religião cristã e o comunismo ateu estarem situados em polos opostos, sendo intransponível a barreira que separa os dois sistemas. Da doutrina e dos princípios se segue a ordem prática, sendo impossível que da irreductibilidade doutrinária se possa originar fecunda e pacífica colaboração na ordem prática.

E' o que se deduz do que lemos na encíclica “Divini Redemptoris”:

“Assim em alguns lugares, mantendo-se firmes em seus perversos princípios, os chefes comunistas convidam os católicos a colaborar com êle, no chamado campo humanitário e caritativo, propondo por vezes, cousas em tudo, até conformes ao espírito e à doutrina da Igreja... Em outras partes sua hipocrisia vai ao ponto de fazer acreditar que o comunismo, em países de maior fé ou de maior cultura, tomará feição mais branda; não impedirá o culto religioso e respeitará a liberdade de consciência. Mais. Alguns há que, referindo-se a certas mudanças introduzidas recentemente na legislação soviética, daí concluem que o comunismo está prèstes a abandonar o seu programa de luta contra Deus”.

E o sumo pontífice, como para responder futuras objeções, diz mais o seguinte:

“Velai, Veneráveis Irmãos, para que se não deixem,

por parte de quem quer que pretenda salvar a civilização iludir os fiéis. Intrinsecamente mau é o comunismo e não se pode admitir, em campo algum, a colaboração recíproca cristã. E se alguém, induzido em erro, cooperasse para a vitória do comunismo em seu país, seria o primeiro a cair como vítima do próprio erro. Quanto mais se distinguirem pela antiguidade e pela grandeza de sua civilização cristã as regiões onde consegue penetrar o comunismo, tanto mais devastador se manifestará aí o ódio dos "sem — Deus".

Crêmos que estas palavras acima citadas são por demais claras e fáceis de se interpretar.

Até hoje, os católicos partidários da colaboração com o comunismo não tiveram uma resposta a dar às afirmações do chefe da cristandade. Até hoje, todos o reconhecem, estas palavras não foram retratadas. Roma não mudou de orientação.

Não poucos dos partidários dessa estranha colaboração, felizmente, voltaram atrás, compreenderam o próprio erro, perceberam que marchavam por um atalho perigoso e retificaram seu modo de julgar e agir. Os que assim procederam, demonstraram ser filhos sinceros e dóceis da Igreja; preferiram seguir o pastor da cristandade, em vez de se obstinarem em suas próprias opiniões. Outros, porém, perseveraram em trilhar uma senda que não foi traçada pela direção suprema do catolicismo.

Felizmente e graças aos céus, a imensa maioria dos fiéis, em tôdas as nações, forma ao lado dos seus legítimos pastores, que estão íntimamente ligados ao vigário de Jesus Cristo.

* * *

Para melhor esclarecimento dessa questão, será da utilidade um estudo, mesmo que seja perfunctório, dêsse

movimento de aproximação entre católicos e comunistas.

Pensam certos católicos que não se deve combater o comunismo... que devemos tolerá-lo e deixá-lo fazer sua campanha e sua propaganda para arrebanhar prosélitos. Outros, porém, vão muito além, avançam muito... julgam e sustentam que devemos apoiar os comunistas, secundar-lhes certas empresas e ajudá-los na luta de classes.

Até o ano de 1936, católicos e comunistas não mantiveram ligação alguma; lutaram sempre em campos opostos, sem que algo os aproximasse no trabalho em prol da reforma social, que ambos reconhecem ser uma necessidade.

Os primeiros entendimentos havidos entre êsses dois adversários se processaram em França depois da constituição do govêrno da "Frente Popular", que era manobrado pelo partido comunista.

Esperava-se então que o novo govêrno, a cuja frente se encontrava o socialista Leon Blum, iniciasse uma perseguição declarada contra a Igreja. Aconteceu, porém, o contrário; a perseguição religiosa não veio.

Algum tempo depois de organizado o govêrno, dos partidos da esquerda, o líder comunista Maurice Thorez, em discurso, pronunciou estas palavras, que se tornaram famosas "católicos, nós vos estendemos as mãos".

A estupefação foi geral e êste apêlo inesperado causou profunda controvérgia nos meios católicos. Ao passo que uns entendiam que se devia continuar a combater o comunismo, apareceram outros que opinavam pela aceitação da oferta de Thorez, preferindo a colaboração ao combate aos partidários da extrema esquerda.

Entre os católicos começou a lavrar funda discórdia. Ao passo que os comodistas e os acomodaticios, receiosos de uma perseguição religiosa, procuravam um acôrdo com os mais encarniçados inimigos dos princípios cristãos, a parte

mais sã não concordava com semelhante política e preferia continuar a combater o marxismo, viesse, embora, nova perseguição aos católicos.

A imprensa católica da França também tomou parte nessa disputa entre as correntes que se degladiavam por meio de seus periódicos.

Um semanário de grande circulação, "Sept", aderiu inteiramente à política de colaboração; o grande diário católico de Paris, "La Croix", também o fez, embora com menor entusiasmo.

Em muitos espíritos cultos e esclarecidos, pairava angustiosa dúvida: até que ponto chegaria a política da "Mão Estendida"? Seria apenas um mero acôrdo político e um conchavo de partidos? Tratar-se-ia, ao contrário, de ligações mais profundas? Que dizer e julgar de tudo isso?

A proposta de Thorez baseava-se no seguinte raciocínio: o catolicismo e o comunismo visam às mesmas finalidades. A religião católica procura auxiliar as classes pobres por meio de assistência social e instituições beneficentes ou de caridade. O comunismo, igualmente, luta pelo bem-estar do proletariado, dos que trabalham e levam vida difícil. Se, pois, houvesse acôrdo e colaboração entre essas duas correntes, mais facilmente se atingiria o objetivo comum.

Estudando o caso a fundo, tornava-se evidente que não se tratava de um simples acôrdo político, de um compromisso transitório entre dois partidos. Não era um ajuste para evitar uma pugna eleitoral ou mesmo uma perseguição religiosa. Tratava-se, nem mais nem menos, de pôr em acôrdo duas correntes ideológicas, até então radicalmente opostas; para que colaborassem íntimamente, visando um fim comum.

Semelhante estado de cousas não podia deixar de ocasionar perturbações de consciência e angústias de espírito,

pois era inadmissível que, a um simples apêlo de um líder comunista, se estabelecesse, tão prontamente, uma conciliação entre o Evangelho de Jesus Cristo e "O Capital" de Karl Marx.

As diretrizes de Roma não haviam sido alteradas, o Papa não revogara as condenações anteriormente proferidas contra o comunismo e a Igreja não modificara sua doutrina social. O comunismo, por sua vez, não se transformara; a sua profissão de fé continuava a ser materialismo e a violência era ainda o seu método de atuação.

Como, pois, o catolicismo e o marxismo poderiam unir-se para a execução de um programa social?

Era esta a interrogação que se fazia ouvir nos espíritos dotados de bom senso e de retidão.

E' certo que, segundo se pôde observar, há certa semelhança de esforços, entre o comunismo e a Igreja, no sentido de melhorar as condições sociais e econômicas do operariado. Cumpre, porém, observar que tal semelhança é antes aparente que real; é mais teórica do que prática. A muitos dos líderes comunistas, parece, acima de tudo interessava agravar as condições de vida até o desespero no intuito de precipitar a revolução social, que levará ao poder, por meios violentos, a pequena minoria aguerrida do partido da extrema esquerda.

E' mister ainda observar que, nêsse único ponto em que se assemelham, encontramos grande diferença entre o cristianismo e o marxismo, se se toma em consideração o espírito e a finalidade que animam um e outro.

Ninguém ignora que a doutrina católica subordina tôda e qualquer atividade humana à finalidade última para a qual fomos criados, a vida eterna e a salvação da nossa alma. O comunismo, de seu lado, mira, com todos os seus esforços sociais em prol das classes trabalhadoras, o

estabelecimento de uma nova sociedade sem classes e a utopia de um novo paraíso terrestre. Torna-se, pois, evidente que os caminhos dessas duas organizações, ainda que sejam até certo ponto paralelos, conduzem a resultados e fins inteiramente opostos.

Dentro de algum tempo se fêz a luz e se restabeleceu a ordem e a disciplina nos arraiais dos católicos franceses. A autoridade eclesiástica teve que intervir; interditou a publicação do "Sept" e censurou a atitude do "La Croix".

A Igreja pelos seus mais altos representantes, condenou a política de colaboração com o comunismo. A publicação da encíclica *Divini Redemptores* e várias alocações de SS. Pio XI tiraram qualquer dúvida que pairasse nos espíritos bem intencionados. A Santa Sé declarou ser impossível a colaboração com o comunismo, em campo algum.

* * *

A colaboração com o comunismo, do ponto de vista doutrinário, é um erro, já denunciado pelo chefe da cristandade; no terreno da prática, diz a experiência, é um desastre de conseqüências imprevisíveis.

A proposta de Thorez, debaixo de um gesto de paz e de amizade, ocultava o propósito de dominar tôda a França e de esmagar as organizações religiosas.

O comunismo tirara duras lições do caso da Espanha. Antes de assenhorear-se por completo do poder, começara cêdo demais a perseguição religiosa e, em resultado, os católicos se levantaram sob o comando de Franco e, depois de sangrenta guerra civil, a extrema esquerda sofreu completa e tremenda derrota. Tal cousa não devia se repetir. Era mister, portanto, agir com muita prudência na França; mostrar intuítos pacíficos, neutralizar as possíveis resistên-

cias e assim jugular as forças católicas. Era conveniente que o Komintern não mostrasse as garras muito depressa, para não amedrontar os elementos conservadores, os direitistas e os cristãos. Dai a proposta de colaboração...

Certos católicos, tímidos e transigentes, julgaram de bom alvitre apertar a mão que Thorez lhes estendia, mas os católicos verdadeiros e os legítimos filhos da Filha Primogênita da Igreja logo perceberam a manobra do inimigo e viram que, em face do comunismo ateu só resta uma atitude: a luta.

Quando falamos de luta, não falamos, é claro, em luta de agressão; que essa não é a do espírito da Igreja, mas a luta para a defesa e sustentação das posições-chaves, que são essenciais à vida da religião católica.

Os vinte séculos que o cristianismo conta de existência, são outros tantos séculos de lutas e de perseguições, de vitórias e de triunfos.

O verdadeiro fiel não se deve arreceiar desses acontecimentos adversos, que se sucedem freqüentemente, porque Jesus Cristo anunciou que a sua Igreja seria perseguida, mas não sucumbiria às mãos de seus inimigos. O Divino Mestre afirmou que o poder das trevas e as forças do inferno não prevaleceriam contra a sua religião.

Contra a Igreja, no decurso dos séculos, se levantaram a Sinagoga, o Império Romano, o Arianismo, os Bárbaros, a Renascença, a Reforma Protestante e a revolução Francesa; todos esses inimigos foram vencidos, também o será o inimigo da décima hora — o Comunismo Ateu. Aguardemos o soar de hora marcada pela Providência.

É essa a lição da história. São os eternos desígnios de Deus.

Cumpra ainda observar o que atesta a experiência. A atitude conciliatória ou colaboracionista dos católicos não evitará que a religião seja perseguida no dia em que o

marxismo controlar o poder e detiver em suas mãos as rédeas do governo. A Espanha é disso um exemplo perfeito.

Eis porque os sumos pontífices e as figuras mais destacadas da hierarquia católica têm tomado e continuam a tomar, em todos os países, posição declarada e atitude decidida contra o totalitarismo bolchevista.

* * *

Uma das modalidades mais conhecidas e mais comuns de colaboração com o partido comunista consiste em conchavos eleitorais, na inclusão de esquerdistas em chapas de conservadores e católicos e vice-versa. Isso é coisa que conhecemos.

Essa modalidade de cooperação também está condenada pelas autoridades eclesiásticas. Em várias ocasiões os bispos têm advertido os seus súditos que não lhes é permitido votar em candidatos marxistas.

As últimas eleições italianas, para renovação do parlamento, apresentam o exemplo da repulsa que tem a Igreja a conchavos com o comunismo. Cardeais, arcebispos e bispos das várias regiões e províncias eclesiásticas da Itália recordaram aos fiéis, de modo formal e enérgico, que não podiam votar com o partido comunista ou com seus aliados.

Entre numerosas citações, que poderíamos fazer para documentar o que dizemos, vamos dar preferência às declarações do Cardeal Tisserand.

Esse ilustre príncipe da Igreja, da mesma forma que outros prelados, em documento público, lembrou aos católicos italianos "o perigo que representa o social-comunismo para a religião;" e foi mais positivô na sua condenação de qualquer colaboração com o totalitarismo comunista declarando:

"Os que fazem propaganda do social-comunismo não

podem ser ouvidos de confissão, desde que não repudiem essas falsas idéias." E acrescentou mais: "Os católicos que favorecem a difusão do social-comunismo cooperam na luta contra Deus e contra a sua Igreja e cooperam em benefício do triunfo imoral da desordem e da anarquia na família e nos países. Os católicos que se conduzem dessa forma estão na mesma situação dos judeus, maçulmanos ou pagãos, que pretendem ser católicos sem renunciar às suas confissões."

Dessa vez a autoridade eclesiástica não se limitou a simples advertências e avisos paternais aos fiéis. Dada a gravidade da situação e a importância dos interesses em jogo, foram impostas penalidades aos que se recusassem a obedecer ao mandado dos seus chefes espirituais. Assim é que o mesmo Cardeal Tisserand, em carta pastoral a ser lida em todas as paróquias submetidas à sua jurisdição, afirmou: "Todos os católicos que favorecem ou propagam os princípios do comunismo social se arriscam a:

- 1) — Perversão e perda de fé;
- 2) — Cooperação na difusão de falsas doutrinas, que negam as verdades religiosas, auxiliando assim a luta contra Deus e sua Igreja;
- 3) — Transformação de si mesmos em instrumentos de contradição com sua própria consciência;
- 4) — Se agirem de má fé, é pior ainda; se levarem a efeito uma propaganda ativa, induzindo outros a seguir a mesma linha de conduta, incorrem em pecado grave, não podendo receber a absolvição;
- 5) — Não podem esperar os sacramentos."

O cardeal Arcebispo de Mlão não foi menos enérgico em seus avisos pastorais e nas penas canônicas cominadas aos católicos que favorecessem ao comunismo.

Mui perto de nós, na católica e simpática república do Chile, organizou-se o partido da Falange, que nada tem

de comum com a Falange Espanhola, do General Franco. Trata-se de um partido do tipo democrata-cristão, o qual, infelizmente, caiu nas mãos de um grupo de intelectuais católicos eivados do liberalismo condenado pela Igreja. A Falange Chilena, orientada por tais líderes, bem cedo enveredou pelo caminho da política da "Mão Estendida" e da colaboração íntima com o partido comunista chileno. Esse fato escandalizou os verdadeiros filhos da Igreja, que não compreenderam a razão de semelhante atitude. A hierarquia católica do Chile, pela Comissão Episcopal da Ação Católica, imediatamente tomou conhecimento do caso e houve por bem condenar essa política errada e imprudente de católicos indisciplinados, que se punham em ligação com o comunismo, contrariando os ensinamentos e as determinações da Santa Sé.

O Cardeal Rodrigues Caro, Arcebispo de Santiago, em declarações feitas através do rádio e publicadas na imprensa, denunciou os erros dos falangistas e esclareceu os espíritos desorientados por líderes partidários da "Mão Estendida."

Para rematar com chave-de-ouro tudo quanto poderíamos dizer sobre esse magno assunto, vamos citar um breve trecho do memorável discurso do Santo Padre, na vigília de Natal de 1947:

"Seria, de fato, desertor e traidor quem quer que quisesse prestar sua colaboração material, seus serviços, suas capacidades, seu auxílio, seu voto a partidos e a poderes que negam a Deus; que substituem a força ao direito, a ameaça e o terror à liberdade, que fazem da mentira, da dissensão, do sublevamento das massas os instrumentos da sua política, que tornam impossível a paz interna e externa."

O COMUNISMO E O OPERARIADO

O comunismo, através de seus agentes espalhados por todos os países do mundo, vai fazendo sua propaganda.

A Rússia vive fechada a todos os povos; de lá ninguém se afasta; ninguém lhe transpõe as fronteiras; o que entra e o que sai, é rigorosamente fiscalizado. Em tudo dominam as conveniências do regime. O que se publica e as estatísticas divulgadas devem redundar em favor da doutrina do partido dominante.

A não ser algum fugitivo, que logre libertar-se de um campo de concentração e de trabalho forçado, ninguém pôde atravessar os limites dos domínios soviéticos.

Nessas condições, devemos convir, são muito escassas as informações verídicas e seguras de que dispomos para julgar os resultados práticos e os benefícios do regime soviético. Mesmo em face de certos dados estatísticos, torna-se difícil avaliar, com exatidão, qual seja a vida do operariado russo e que existência levam as massas populares nas terras de Stalin.

Os agentes do comunismo internacional, que bem conhecem as crises e as dificuldades de vida do proletariado nos países capitalistas, vivem a apregoar que a Rússia é o paraíso dos operários....

Para responder a tal propaganda e confundir as men-

tiras dos quinta-colunistas soviéticos, o que melhor que se pode fazer é estabelecer uma comparação entre o índice de vida e os direitos de que gozam os operários na Rússia e nos países democráticos. Assim, com dados concretos, é possível verificar onde o povo goza de mais direitos e desfruta de melhores condições de vida.

A Câmara de Comércio do Canadá publicou, recentemente, em um folheto intitulado "A Ameaça Comunista no Canadá." Visa essa publicação demonstrar que o comunismo não é o paraíso das classes trabalhadoras.

Em onze pontos o referido folheto assinala a realidade da situação do operário na Rússia.

Estão registrados os seguintes fatos:

- 1 — No Canadá, o operário pode garantir-se com contratos coletivos de trabalho que seu sindicato conceda. Na Rússia está proibido contrato coletivo de trabalho. Na edição do "Pravda", de 23 de dezembro de 1945, Andreev dizia: — "A escala de salários deve ficar inteiramente em mãos dos dirigentes da indústria."
- 2 — No Canadá os salários são relativamente uniformes para a mesma categoria de trabalho em uma fábrica. Na Rússia, os salários se baseiam em uma exaustiva jornada, que resulta no recebimento de salários trinta vezes maiores por parte de alguns operários que fazem o mesmo trabalho que outros; ali prevalece a pressão em favor da super-produção, sem considerações para com o trabalhador.
- 3 — No Canadá, os sindicatos podem, em certas condições, decretar greve. Na Rússia, o grevista é fuzilado.
- 4 — No Canadá, os trabalhadores gozam de liberdade para mudar de emprego. Na Rússia estão presos a seu

trabalho. (Decretos de setembro de 1930 e janeiro de 1939).

- 5 — No Canadá, não há oficialmente estabelecida nenhuma punição para as faltas de pontualidade. Na Rússia, uma demora de 20 minutos, sem um atestado do médico da fábrica que justifique o atraso, faz o trabalhador merecedor de penas como trabalhos forçados Na Sibéria. ("Izvestia". janeiro de 1939).
- 6 — No Canadá, o operário pode ser proprietário, e quando inquilino, está protegido por um contrato. Durante os anos de emergência era auxiliado com a congelação de rendas e a garantia temporária de sua permanência na casa. Na Rússia, há vastas "povoações comuns" onde tôdas as casas pertencem ao governo, podendo o chefe da fábrica despedir qualquer operário por quebra de disciplina do trabalho (falta de pontualidade, perda de tempo, etc.), e não se pôde encontrar outra casa (Lei de 4 de dezembro de 1932).
- 7 — No Canadá, é adotado progressivamente o princípio do descanso remunerado; sendo os salários mais altos que os da Rússia o operário projeta por si mesmo suas férias. Na Rússia, supõe-se que os trabalhadores desfrutam do descanso remunerado e de acomodação nos sítios destinados ao gozo de férias; mas, por uma lei de 1934, este privilégio fica reservado à minoria das "brigadas de choque".
- 8 — No Canadá, os filhos dos operários podem cursar até o ensino superior sem despesas de quotas ou matrículas. Na Rússia, desde 1940, os filhos dos trabalhadores devem pagar quotas muito altas do sétimo grau em diante (Lei de outubro de 1940) e os que não possam pagar essa educação são envolvidos à

fôrça em batalhões de trabalho. Como resultado dela muito poucos filhos de operários adquirem educação superior na Rússia.

- 9 — No Canadá, estão estabelecidas as pensões de aposentadoria. Em dezembro de 1944 havia 187.127 pessoas, em 11.500.000 habitantes, que recebiam tais pensões, com uma média de 24 dólares mensais. Na Rússia, ainda que em 1935 houvesse mais de 1.000.000 de pessoas (em um total de 170.000.000 de habitantes) que tinham direito legalmente à mencionada aposentadoria, somente 91.055 as recebiam e a média era de 4 dólares mensais. "O Diário de Moscou", em sua edição de 22 de setembro de 1936, diz que 250 trabalhadores da indústria têxtil de montanhas recebiam pensões que somavam 70.000 rublos, quer dizer 23,50 rublos mensais para cada um, soma que podia dar para adquirir 50 libras de pão ou 13 litros de leite.
- 10 — No Canadá, qualquer pessoa pode abandonar livremente o país. Na Rússia, a gente incorre em pena de morte por esta ação (Lei de novembro de 1929, incluído o artigo 58 do Código Penal de 1934). A família do convicto é desterrada para a Sibéria por 5 anos. (Lei de junho de 1934).
- 11 — No Canadá, não há trabalho forçado exceto para os criminosos nas penitenciárias, os quais somavam a 2.969, em 1943. Na Rússia há uns 20.000.000 de escravos submetidos a trabalhos forçados nos campos de concentração, por haverem chegado tarde a seu trabalho ou por serem parentes de um refogado (Documento 754 da Câmara de representantes dos Estados Unidos, 790, Congresso, Segunda sessão, 1946, Capítulo V). A cifra 20.000.000 foi tirada do livro "O comunismo em ação".

A citação foi muito longa, mas assim era necessário para estabelecer a verdade a propósito dos direitos que o regime comunista confere aos operários. O que se diz do Canadá aplica-se, *mutatis mutandis*, aos demais países democráticos, em comparação com a Rússia e seus satélites isolados do mundo pela "cortina de ferro".

Já está demonstrando que o regime comunista, em matéria de direitos e de garantias, não oferece vantagens às classes operárias. O confronto estabelecido pela Câmara de Comércio do Canadá é inteiramente desfavorável ao sistema soviético.

Do ponto de vista dos salários e do nível de vida comum, o regime que impera na Rússia em nada favorece ao proletariado. As condições de vida existentes nos Estados Unidos, em geral, são superiores quase dez vezes às vigentes no império soviético. O salário de um operário russo permite que o mesmo adquira apenas a décima parte dos alimentos e das mercadorias que pode comprar o operário norte-americano com o seu salário oficial semanal.

Isso está demonstrado pelo estudo oficial feito dos preços e ordenados na Rússia, estudo êsse tornado público pelo Ministério do Trabalho. No relatório sobre o assunto figuram sete tabelas dos preços oficiais fixados pelas autoridades de Moscou, pelas quais se vê que o poder de compras dos trabalhadores soviéticos tem decrescido consideravelmente desde o fim da guerra. Eis aqui a diferença resultante da comparação, no caso hipotético, para os fins desta comparação de que os salários semanais inteiros se destinassem a aquisição de um só artigo: Um operário russo poderia, com os 120 rublos que ganha por semana, comprar 23 pães; um operário dos Estados Unidos, com os seus 50 dólares semanais, poderia adquirir 390 pães. Um operário russo poderia comprar pouco mais de 37 quilos de açúcar; um operário estadunidense mais de 1.102 quilos; um operário

russo, 15 litros de leite; um americano mais de 260 litros; um operário russo, pouco mais de 4 quilos de carne; um estadunidense, 37 quilos; um russo, no máximo, cerca de 2 quilos de manteiga; um norte-americano, muito mais de 31 quilos.

Esses dados falam muito alto.

O paralelo estabelecido entre os direitos e garantias existentes nos países de regime capitalista e o que se concede na Rússia Soviética, diz muito mal do chamado paraíso do proletariado.

Em meio das dificuldades de vida, que angustiam os poderes modernos, não se nota melhoria substancial alguma nos países dominados pelo marxismo, quando se compara a situação desses perante as outras nações.

A experiência vem provar que o comunismo nada tem feito em benefício do operariado.

ECONOMIA E CRISTIANISMO

Economia e cristianismo são duas palavras que, juntas num título de artigo, podem causar certa estranheza e até provocar demonstrações de que não estão certos aquêles que as aproximaram. Assim pode acontecer se se trata de espíritos superficiais, de gente que julga das coisas apenas pelo aspécto externo e que não penetra nas razões mais profundas dos problemas humanos.

Claro está que os minerais que arrancamos das entranhas da terra, os cereais que colhemos nos mesmos campos; os produtos das fábricas e tudo o mais que o labor humano pode auferir da natureza — tudo isso, em si mesmo é indifferente em matéria religiosa e moral. Isso é mais que evidente. Se, porém, nós descermos mais a fundo em nossas observações, se investigarmos um pouco mais, chegaremos à conclusão de que tudo depende do esforço humano, tudo representa a soma de trabalho e provém do suor operário. E é aí que se encontra um fator de ordem moral, algo que não pode ser calculado segundo elementos puramente de ordem material. Na avaliação do trabalho operário, na medição das energias e dos esforços destinados à determinada produção, devemos ter em conta o homem, o ser racional e consciente, cujo trabalho é indispensavel à obtenção do

necessário, do útil e do agradável à vida em tôdas as suas manifestações e debaixo de todos os seus aspéctos.

É por isso que, na procura de solução para os problemas sociais, falharam indivíduos e escolas que tentaram resolver essas questões olhando apenas para aquilo que representa algum valor material ou que se pode converter em moeda corrente. Não é assim que se solucionam as grandes dificuldades que a humanidade atravessa em nossos tempos.

A solução dos problemas econômicos será encontrada na aplicação ampla dos princípios morais do cristianismo, que os foi haurir na fonte da verdade, isto é, no Evangelho.

A aplicação dos princípios evangélicos, no que concerne à questão social está enunciada, clara e positivamente, nos ensinamentos dos Sumos Pontífices, particularmente nas chamadas encíclicas sociais, onde encontramos as mais seguras e oportunas diretrizes.

DEMOCRACIA CRISTÃ

No estudo da questão social e dos problemas resultantes do conflito travado entre o capital e o trabalho, aparecem certas expressões, que merecem ser bem compreendidas, do contrário, teremos confusão de idéias e enganos lamentáveis.

Entre as expressões que julgamos merecedoras de exploração, encontra-se a que serve de título ao presente artigo: **democracia cristã**.

A palavra **democracia**, que etimologicamente indica o regime popular ou as formas de governo nas quais o povo é chamado a participar do exercício da soberania, é tomada em diversos sentidos e aplicada de modos diversos.

A **democracia política**, como se torna evidente do próprio qualificativo, visa fins políticos e partidários.

A **democracia social** é levada por muitos de seus fatores a tal extremo, que coloca em primeiro plano e acima de tudo os bens materiais; faz consistir a felicidade do homem sobre a terra na posse e no gozo das riquezas temporais; exige que o poder público seja entregue todo ao povo, sejam supressas as classes sociais e seja abolida toda e qualquer propriedade privada.

Muito diversa é a **democracia cristã**, a qual, segundo afirma Leão XIII, na encíclica "Chaves de communi", de 18 janeiro de 1901, "precisamente porque é cristã, deve apoiar-

se sobre os princípios postos pela fé divina como sua própria base, favorecendo aos interesses dos pequenos, de modo que encaminhe para a perfeição as almas criadas, a fim de gozarem dos bens eternos. Importa, por consequência, que nada lhe seja mais sagrado do que a justiça, que preserve a manutenção integral do direito de propriedade e de posse; que defenda a distinção de classes, que sem contradição são próprias de um Estado bem constituido; enfim, que queira dar à comunidade humana uma forma e um caráter conformes àqueles que o Deus Criador estabeleceu. É, pois, evidente que a **democracia cristã** e a **democracia social** nada têm de comum, e diferem, com efeito, uma do outra, tanto como o sistema socialista e a profissão de fé cristã”.

De acôrdo com os ensinamentos do papa das imortais encíclicas, que acabamos de citar, a **democracia cristã** não visa finalidades políticas e partidárias, não se insurge contra as classes superiores e não recusa obediência à autoridade legitimamente constituída.

A **democracia cristã**, que foi sempre posta em prática pela Igreja, segundo os ensinamentos e exemplos do Divino Mestre, dos apóstolos e dos primeiros fiéis, proclama que a questão social não é uma questão puramente econômica — consiste numa ação beneficente em favor dos pobres e dos humildes, digna de homens e de cristãos.

Democrata cristão é o indivíduo ou partido que quer implantar na vida social e política os princípios cristãos da democracia.

COMUNISMO E PROLETARIADO

A idéia geral que muita gente forma do comunismo é a de um partido político ou de uma organização social destinada a promover o maior bem das classes pobres e dos indivíduos que vivem do próprio labor quotidiano.

Essa idéia está radicada em não poucos cérebros e há quem afirme ser o comunismo uma fonte de bens e de vantagens para o operariado.

Esse conceito, ora arraigado na mente de muitos transviados da trilha do bem e dos princípios da ordem, não corresponde à realidade dos fatos nem às diretrizes traçadas pelos grandes líderes dos movimentos e das agitações comunistas.

Se o comunismo fôsse na realidade o amigo do proletariado, trataria de solucionar pacificamente os conflitos ou choques, que surgem de quando em vez, entre o capital e o trabalho, ou seja, entre patrões e operários.

O contrário disso, porém, é o que acontece; é o que verificamos com a experiência quotidiana.

Aos comunistas não convêm, absolutamente, a solução pacífica das questões que envolvem os interesses materiais das classes pobres. O comunismo não trata de atender, dentro da ordem e da justiça, às reivindicações dos traba-

lhadores, para levantar-lhes o nível de vida e melhorar-lhes as condições ordinárias de sua existência.

Ao comunismo interessá, acima de tudo, perturbar e desagregar a vida e a ordem sociais, por meio de greves frequentes e periódicas, que desorganizam a produção e a economia das nações.

É mister que o operário viva na miséria, no desconforto e perene agitação das reclamações diárias. É assim que se prepara a greve geral, predecessora da revolta e da revolução. É essa a escada fatídica pela qual galgarão o poder aquêles que, não sendo trabalhadores nem operários, se dizem e se transformam em condutores e mentores dos trabalhadores e dos operários.

Nada de soluções pacíficas e de acórdos verdadeiros entre os empregados e os empregadores; nada de harmonia e de colaboração entre as classes sociais.

E não somos nós que tal afirmamos. Vamos citar as palavras de um agente qualificado do regime soviético, Demétrio Sokoslov. Falando na convenção do partido comunista do México, em maio de 1944, êsse líder vermelho, a propósito das greves disse estas palavras:

— “Cada vez que se organiza uma greve pacificamente, cada vez que se apaziguam as exigências dos operários somos nós os derrotados. Porque o comunismo deve excitar os operários a tal ponto que prefiram aniquilar patrões por todos os meios mesmo com a violência antes de voltar a trabalhar debaixo de sua direção... Os líderes operários carecem de uma consciência de classe suficientemente formada para arrasar o capitalismo... Por isso é importantíssimo que nós os comunistas obtenhamos o contrôle das massas operárias para utiliza-las de forma tal que com sua força acabemos com o sistema capitalista”.

E ainda há quem julgue que o comunismo quer o bem dos operários e das classes trabalhadoras.

OS ERROS E OS MALES DO PRESENTE

A humanidade, nos longos séculos de seu caminhar sobre a terra, tem encontrado, é certo, tempos difíceis e crises tremendas. Mas quer nos parecer que a nossa época a tôdas supera em males e sofrimentos, principalmente em inquietações a respeito do futuro próximo, que aguarda a nossa raça.

No estudo e na inquirição desses males, diversas fontes dos mesmos podem ser apontadas e diversas razões podem ser invocadas, conforme o plano em que se coloque o observador social.

Para nós, os males do presente são originados de velhos erros doutrinários, que se agravaram em nossos dias.

As modernas nações da Europa foram formadas segundo o Evangelho, por intermédio da Igreja, que converteu o império romano e os bárbaros invasores.

Durante séculos, a influência cristã foi um fator predominante na vida de indivíduos e de povos. Mas, no decorrer dos tempos, começou a se processar um divórcio entre a sociedade e a religião, de modo que as forças espi-

rituais e morais tiveram que ceder lugar ás influências políticas e econômicas.

Renaissance, Reforma Protestante e Revolução Francesa foram etapas da descristianização da Europa e dos povos de civilização cristã.

O Santo Padre Pio XII, na encíclica "Summi Pontificatus", tratando dos erros do nosso tempo, diz que "é certo que a raiz profunda e última de todos os males, que deploramos na sociedade moderna, é o negar-se e o rejeitar-se uma regra de moralidade universal na vida individual, na vida social e nas relações internacionais; isto é, a ignorância ou a rejeição da lei natural".

De erro em erro, de negação em negação, chegamos, em pleno florescimento e em pleno progresso material, ao repúdio da lei natural e das verdades elementares, que se encontram gravadas na consciência do homem.

Não devemos nos admirar, pois, de que tão graves erros tenham gerado males tão grandes. As calamidades desencadeadas na ordem material e temporal procedem das paixões rebeladas e das idéias pervertidas.

O cáos do presente deve fazer que as inteligências e os corações se voltem para Deus, que nos guia por meio de sua Igreja, única instituição firme de nossos dias.

Oxalá dos erros e dos males hodiernos saia algum bem e se verifique o que nos diz S. S. Pio XII, em certo ponto do documento acima citado:

"As angústias do presente são uma apologia do Cristianismo, que não poderia ser mais impressionante. Do gigantesco turbilhão de erros e de movimentos anti-cristãos nasceram frutos tão amargos que por si são uma condenação e condenação mais eficaz que qualquer refutação teórica".

O PROBLEMA DO COMUNISMO ATEU

E' certo e evidente que sôbre os países de civilização cristã e de regime democrático a sombra do comunismo ateu se vem projetando de modo alarmante. A influência dos partidos da esquerda se apresenta dia a dia mais forte e com exigências mais declaradas.

Levantam-se vozes que clamam contra o marxismo. Mas entre os que investem contra essa nova orientação política e social, devemos distinguir duas especies de oponentes. Entre os que amaldiçoam o comunismo há uns que o fazem apenas porque êsse regime social condena a propriedade privada; há latifundiários e ricos, apegados aos seus haveres, que malsinam tôda e qualquer ameaça às próprias riquezas.

Talvez êsses invoquem o nome de Cristo, mas os seus corações estão cheios de cousas terrenas.

Há, porém, adversários do marxismo que agem de plena consciência, que o combatem porque conhecem que se trata de uma filosofia inteiramente anti-cristã e de uma moral fundada apenas no materialismo.

Quando contemplamos a miséria que lavra nas camadas inferiores da sociedade e vemos a exploração dos pobres e dos fracos pelos ricos e pelos fortes, não podemos deixar de temer que irronpa a luta armada entre as classes. É

para esse ponto que as encíclicas sociais tem chamado a atenção dos povos e dos governos. A Igreja sempre propugnou pelo estabelecimento de um equilíbrio e de uma cooperação entre o capital e o trabalho, de modo que a grave ameaça da desordem e da luta de classes seja conjurada e solucionada de modo justo e equitativo. Essa tem sido, de há muito, a atuação da Igreja, no campo da evolução da sociedade industrializada.

Em face do cristianismo em geral e do catolicismo, de modo particular, o perigo e a ameaça do comunismo tomam um caráter essencialmente moral e não econômico e material.

Acima dos bens terrenos, o cristão coloca o direito de adorar ao seu Deus, de professar a sua crença e desfrutar da sua liberdade. E são êsses bens superiores que o marxismo ateu lhe quer arrebatat.

CATOLICISMO E TOTALITARISMO

São mui conhecidas as declarações dos sumos pontífices a respeito da posição da Igreja em face dos regimes totalitários. Em documentos públicos, chancelados pelo pastor supremo dos povos católicos, ou antes cristãos, o totalitarismo foi denunciado como um sistema de governo incompatível com a dignidade humana e com os direitos essenciais a uma vida digna de ser vivida..

Tudo isso já tem sido repetido inumeras vezes e já chegou ao conhecimento de todos aquêles "que têm ouvidos para ouvir" e não estão obsecados por preconceitos fundados na propaganda comunista.

Infelizmente, porém, os inimigos da religião católica não cessaram de repetir as mesmas calúnias, reproduzir as mesmas afirmações e repetir inverdades. Isso obrigou a imprensa católica a volta, vez por outra, sôbre o mesmo assunto.

Recentemente, o Santo Padre Pio XII, teve a oportunidade de falar a uma delegação de católicos da Armênia, religiosos e leigos. Nessa ocasião o chefe da cristandade, mais uma vez, denunciou a ameaça que o totalitarismo constitui para os católicos.

Afirmou S. Santidade de que "nestes tempos de tão profunda perplexidade espiritual, recomendamos solene-

mente que vós, agora e no futuro, vos aferreis determinadamente em vossa fé e não vos deixeis seduzir ou enganar por tendências que unicamente levam a um racionalismo superficial, uma lei moral que é puramente terrestre e com demasiada freqüência ateia”.

Aí temos mais um brado de alerta e um aviso salutar da parte daquêle que, por disposição divina, é o supremo pastor do rebanho de N. S. Jesus Cristo.

Os inimigos da Igreja acusam-na de totalitária, afirmam que o Papa, os bispos e os católicos são fascistas... e vivem a repetir a mesma cousa. O Vaticano, em resposta aos insultos e às calúnias, repta a que exhibam as provas, apresentem os documentos. A resposta é o silêncio, por algum tempo; dentro em pouco, ouve-se o mesmo disco.

Isso lembra-nos o que disse Voltaire: “Menti, menti, alguma coisa há de ficar”.

A IGREJA E O COMUNISMO

A brecha que separa a religião católica do regime comunista, dia a dia, mais se alarga e a oposição entre essas duas concepções da vida, cada vez mais, aumenta.

A incompatibilidade doutrinária desde os começos denunciada por Leão XIII e outros luminares do pensamento cristão, veio ajuntar-se verdadeira impossibilidade de a religião subsistir onde domine o comunismo. Resta declarar-se, em nome da verdade dos fatos, que não foi a Igreja e, sim, o comunismo quem criou tal situação, implantando o terror e a perseguição sanguinolenta dentro de suas fronteiras, dentro de seus domínios.

A princípio, pensava-se e se dizia que era passageira a fúria do regime implantado na Moscóvia. Julgava-se que, uma vez consolidada a nova forma de governo, os soviéticos fôsem cuidar dos problemas do povo russo e deixassem a religião em paz.

Infelizmente, porém, tal não aconteceu e a perseguição religiosa vem aumentando sempre, principalmente no que toca ao catolicismo.

Daí estabeleceu-se uma incompatibilidade irreductível entre Roma e Moscou, entre o Vaticano e o Kremlin.

Tudo isso são verdades demais sabidas; são fatos dos nossos dias.

Não é, pois, de admirar que o Exmo. Sr. Cardeal Caro, Arcebispo de Santiago do Chile, em declarações feitas à imprensa, haja afirmado, positiva e abertamente, que "sendo o comunismo contrário ao cristianismo, a Igreja não pode deixar de ser anti-comunista".

Falando das condições políticas de sua terra o Cardeal chileno, referindo-se ao Partido da Falange Nacional, salientou que "o mais doloroso, para nós foi o interêsse com que a Falange cooperou para o estabelecimento de relações diplomáticas com a Rússia. O governo desta grande nação desde que passou a mãos bolchevistas, declarou guerra ao Sêr Supremo, Pai Universal de tôdos os homens e fonte de tôdo o bem e de tôda autoridade".

O Cardeal terminou expressando fazer "estas declarações unicamente com o propósito de remediar o profundo mal que estava, aos poucos, fazendo-se sentir na Ação Católica e entre muitos católicos e pedir-lhes que todos renovem sinceramente seu amor e adesão à Santa Igreja que, mais do que nunca, está padecendo de ataque implacavel dos inimigos".

Vemos, pois, o venerando príncipe da Igreja condenar a atitude daqueles que favorecem a ação e o trabalho do comunismo, dando-lhe apoio sob falsos princípios democráticos...

A TOLERÂNCIA DA IGREJA

Uma das acusações mais freqüentemente levantadas contra a religião católica é a de ser intolerante... O Papa, os bispos, os padres e os católicos todos, no dizer e no falar dos nossos inimigos, são uns homens intolerantes, que não sabem tratar com aquêles com os quais se acham em divergência.

Os que militam no campo oposto àquele em que nos encontramos, ignoram ou até mesmo fingem ignorar que a Igreja, embora não transija com o erro e com o mal, sabe bem quais são os deveres que lhe incumbem, quando deve entrar em contacto com adversários.

Amar os homens e combater-lhes os erros tem sido sempre a norma de proceder da Igreja, por intermédio dos seus mais altos e qualificados representantes. É que a religião católica vê e considera como filhos transviados os seus mais rancorosos inimigos.

Assim tem sido sempre, em todos os tempos; assim o é também agora, em nossos dias.

Da Itália católica, assolada pela guerra e pelas lutas políticas; de Roma, dentro da cristandade e séde do Vigário de Cristo, chegam-nos testemunho de como a Igreja costuma tratar os seus inimigos.

O CENTRO DE INFORMAÇÕES PRO DEO acaba de anunciar que muitos dos políticos italianos que tem participado do governo chefiado por Bonomi devem a própria vida à caridade e à energia do Santo Padre, que durante a ocupação alemã, lhes deu asilo no Palácio de Latrão e em outros edifícios, que, pertencendo ao Vaticano, gozavam do direito de extraterritorialidade.

Bonomi, Pietro Nenni, De Ruggiero, Cassati, Alberto Cianca e outros chefes dos partidos da esquerda deveram a liberdade e talvez a própria vida ao fato de terem encontrado asilo e proteção à sombra do poder eclesiástico. Não é pois, de admirar que, após a libertação de Roma, muitos desses chefes esquerdistas tenham sido recebidos em audiência pelo Santo Padre, ao qual manifestaram sincera gratidão.

Não é só. Inúmeros inimigos do regime fascista, judeus, soldados e até uns sessenta russos, foragidos dos campos de concentração, foram azilados, alimentados e auxiliados pelo clero católico da Italia. Foi assim que o clero católico, na hora de extremo perigo, respondeu às provocações, aos ataques e às perseguições dos anticlericais...

Aí está uma amostra da tolerância da religião católica, dos seus chefes e dos seus ministros.

É impossível que tais fatos não exerçam uma influência benéfica no sentido de uma aproximação desses filhos desgarrados do rebanho de N. S. Jesus Cristo.

A IGREJA E A DEMOCRACIA

Em meio da crise política e social, em que se debate a humanidade contemporânea, todos apelam para a democracia, todos se voltam para as formas de govêrno e os sistemas políticos que se apoiam no povo. Isso é tão verdade que ninguém em nossos dias terá a coragem de propor um regime político que não pretenda se basear na democracia.

De tal modo essa opinião se universalizou que o comunismo que de primeiro se intitulava a ditadura do proletariado, hoje em dia tomou o rótulo de democracia, embora se firme em um só partido e não tolere nenhuma espécie de oposição... É que todos querem ser democratas.

A Igreja também tem o seu conceito de democracia, tal qual se praticá entre os povos de civilização cristã. As bases da democracia, de acôrdo com o ensinamento cristão, repousam na igualdade de todos perante a lei, na universalidade do voto, na pluralidade dos partidos e nas instituições políticas da Europa Ocidental e das repúblicas da América.

É esta a nossa democracia e o sistema político que adotamos e que defenderemos à custa de todos os sacrifícios, inclusive o da própria vida.

Em favor dêsse sistema de govêrno já se tem pronunciado os mais altos representantes do catolicismo, a começar da pessoa augusta do chefe da cristandade.

O Exmo. Cardeal Mindszenty, primaz da Hungria, em entrevista recentemente concedida à imprensa de sua pátria negou que exista qualquer espécie de incompatibilidade entre o catolicismo e a democracia.

O ilustre purpurado fêz esta observação:

“É preciso verificar realmente o que pregam.” E acrescentou mais: “Segundo o conceito da Igreja acerca da democracia, todo ser humano tem certos direitos inalienáveis, que devem ser respeitados.

Os ensinamentos da Igreja nunca se viram nem se verão em conflito com a verdadeira democracia”.

A Igreja sustenta certos direitos inalienáveis da pessoa humana. Os regimes que negam ou desconhecem esses direitos entram fatalmente em conflito com a religião católica e deixam de ser democratas.

Outro ilustre purpurado, e êsse muito nosso conhecido, o Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, acaba de declarar que, em nossos dias, o comunismo é a maior ameaça à humanidade e à liberdade.

E a razão de ser dessas ameaças é que o comunismo não respeita nem conhece os direitos e as liberdades individuais.

Uma vez que o comunismo mais e mais se aferra em seu desprezo pelos direitos essenciais da personalidade humana, mais e mais irredutível se torna a oposição entre o materialismo histórico e a democracia cristã, sustentada e difundida pela Igreja com todo o empenho e o máximo esforço, no mundo moderno.

ATRAVÉS DA RÚSSIA SOVIÉTICA

Wendel Willke, o competidor de Roosevelt nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, realizou, faz algum tempo, uma excursão verdadeiramente maravilhosa.

Em viagem fora da rota, deu volta ao mundo, sobrevoando duas vezes a linha equatorial; por cima de oceanos e continentes, percorreu 31.000 milhas em 49 dias, sendo 19 dias de percurso aéreo e 30 dias em terra, dedicados a estudos, entrevistas e observações de acôrdo com o plano pre-estabelecido.

Semelhante viagem digna da imaginação de Júlio Verne e que estontearia os homens do século passado, é hoje quase banal, desde que a técnica moderna venceu as distâncias e aproximou as mais remotas regiões do globo.

Dessa volta ao mundo, W. Willkie dá-nos conta em um livro-relatório, *One World*, já traduzido em português, sob o título "Um mundo só".

A despeito de ser por demais exíguo o tempo de que dispunha, o autor para observar os povos em guerra, auscultando-lhes os desejos de vitória e as aspirações da paz, o livro de W. Willkie é digno de ser lido e encerra depoimentos muito interessantes e muito valiosos.

Do nosso ponto de vista, os capítulos mais interessan-

tes são os que se referem a U. R. S. S. , a saber, "Nossa aliada a Rússia" e "A República de Yakutsk".

Apesar do grande entusiasmo que o autor revela pela colaboração do Governo soviético com as Nações Unidas, há no livro certos reparos que não podemos deixar de consignar. Registemos alguns dos mais importantes.

Revela-nos à página 80, que "em muitas oficinas as crianças trabalham as mesmas sessenta e seis horas por semana dos adultos".

Tratava-se, no caso, de operários de pouco mais de dez anos. É de notar também que o autor nos afirma que mais de trinta e cinco por cento do trabalho fabril é feito por mulheres.

Na página 82, ao alto, encontramos a expressão "apelo ao patriotismo", que julgamos chocante, de vez que se trata de um regime que não conhece pátria, mas se inspira somente no mito de classe. E' o que dizem, pelo menos...

Da página 84 à página 89 há um interrogatório ou melhor uma palestra que lança alguma luz sobre as relações do regime soviético com o capitalismo; ou antes, sobre a pretensa igualdade de classes implantada pelo comunismo.

O autor foi apresentado a um engenheiro hábil, enérgico e moço, o qual ganhava cerca de dez vezes mais do que qualquer um dos operários especializados da fábrica em que exercia suas atividades. Salário tão elevado o permitira fazer economias; comprar uma casa bonita; em tempo de paz, tinha um automóvel; adquirira um sítio no campo, onde passava férias. Acrescentou mais que poderia fazer maiores economias, se a sua mulher não gastasse tanto... Donde se pode inferir que, no paraíso proletário, também há oportunidade para os gastos próprios à burguesia feminina...

Mais ainda, interrogado acerca do futuro e da velhice,

quando não mais pudesse trabalhar, o engenheiro respondeu: "Terei reservas economizadas — e se não bastarem, o Governô cuidará de mim". Francamente, essa resposta é o que há de mais estranho. Não podemos conceber como, sob o regime comunista, alguém possa, legalmente, fazer economias a ponto de prever o futuro — isso é da essência do malsinado regime capitalista.

Tratando do pessoal das fazendas coletivizadas, o autor, à página 94 diz: "tive a impressão de que muitos com os quais conversei possuíam bastante dinheiro em caixa".

Essas poucas referências nos provam que, sob o regime soviético não reina a propalada igualdade socialista. Aliás isso de certo modo, não nos deve encher de admiração, de vez que o partido comunista — que perfaz apenas meio por cento do total da população — exerce contrôlé absoluto sobre os duzentos milhões de habitantes da Rússia. (Pág. 119). É verdadeiramente singular essa espécie de democracia.

Depois de tudo isso é o caso de perguntarmos: Em que consiste o comunismo?

A VERDADE SÔBRE A U.R.S.S.

Em nossos dias, nessa metade do agitado século XX a Rússia é, incontestavelmente, o país mais discutido do universo. Sôbre a vasta superfície da União Soviética, que cobre mais da metade do território europeu e perfaz, no total, uma sexta parte de todo o globo, voltam-se as vistas da humanidade.

Curiosos muitos querem conhecer a realidade da situação e saber ao certo o que se passa naquelas paragens frias e céticas, não poucos, ficam sem poder ajuizar, em definitivo, o que vai por aquela parte do mundo.

Não admira, pois, que haja uma vasta literatura hodierna sôbre o império vermelho, cujo trono, como nos tempos dos czares assenta em Moscova, às margens do Moscova.

Grande parte dessa literatura procede de fontes marxistas, que por meio de livros ou de periódicos, fazem a propaganda do materialismo histórico. Outra parte provém de publicações feitas pela próprio governo russo e pelos expoentes do partido comunista. Tudo que provém dessas fontes deve ser, senão recusado, pelo menos recebido com suspeição.

É sabido que, na Rússia, tudo pertence ao Estado e vive debaixo do mais rigoroso contrôle estatal. Dai não se

poder dar pleno crédito no que um regime totalitário diz em favor de si mesmo.

Cumpra ainda observar que as fronteiras soviéticas estão fechadas aos estrangeiros; uma perfeita e sólida "cortina de aço" veda as comunicações entre o império soviético não reina a propalada igualdade socialista. Aliás A Rússia não permite que estrangeiros, mesmo correspondentes internacionais da imprensa, a visitem com plena liberdade e observem o que há naquelas terras e como vive aquele povo. As correspondências que os poucos agentes admitidos pelo governo, mandam para o exterior, são sujeitas à rigorosa censura, que não desapareceu nem abrandou depois de a guerra haver cessado faz quatro anos.

Os próprios visitantes estrangeiros, que, em casos excepcionais, percorreram alguns pontos do território russo, só visitaram e só viram o que se lhes permitiu visitar e ver, isso mesmo sob as vistas dos intérpretes oficiais, pois, na Rússia, tudo é controlado pelo governo, conforme acima dissemos... Ainda assim, não são lá muito favoráveis ao regime soviético os depoimentos dos visitantes estrangeiros.

O Deão de Cantuária, autor do livro "O Poder Soviético", ao escrever sua obra teve em vista combater a repulsa que o povo inglês experimentava pelo regime comunista e, por isso mesmo, procurou deixar de lado as sombras e ressaltar apenas o lado côr de rosa daquilo que lhe mostraram. Isso não deixa de infirmar, e não pouco, o que nos diz o prelado anglicano.

Socialistas e comunistas, que percorreram certos pontos da U.R.S.S., voltaram de lá desencantados e desmascararam as farsas do governo soviético. Mesmo permanecendo fiéis às doutrinas marxistas, declararam que na Rússia não havia nada de verdadeiro comunismo, tal qual se deduz da teoria comunista.

Panait Istrati, André Gilde, André Smith, entre os comunistas; Walter Citrine, Goubeline, Devrient, Auhangen e muitos outros socialistas denunciaram a opressão em que vive o proletariado vermelho, debaixo da ditadura soviética.

William L. White, que esteve na Rússia em companhia do presidente da Câmara de Comércio dos Estados Unidos, sr. Johnston, viu e observou muita coisa que publicou num livro hoje vertido em português, sob o título de "Impressões sobre os Russos". Este autor revelou muitas verdades até então ignoradas no mundo democrático.

Alguns egressos da Rússia ou foragidos das paragens soviéticas têm prestado depoimentos esparsos sobre certos pontos debatidos na imprensa livre do mundo inteiro. Faltava-nos, porém um homem que conhecesse a fundo a estrutura do sistema soviético, houvesse assistido à formação e consolidação do mesmo; tivesse passado pelos expurgos e experimentado pelo menos em parte, os métodos de tortura empregados pela polícia política russa; algum que houvesse tomado parte na luta contra os "Kulaks" e na coletivização, que estivesse em dia com o sistema de espionagem vigente e houvesse cooperado com o governo em setores de administração.

Em suma: era preciso que pudéssemos tomar o depoimento de quem conhecesse bem a Rússia Soviética e os seus homens.

Agora, felizmente, já temos o que nos faltava e era de todo necessário para se conhecer melhor a verdade sobre o império soviético.

O Camarada Victor Kravchenko que chegou a ser elemento da confiança, conta-nos a sua vida privada e política de funcionário soviético. O seu livro **I Chose Freedom**, ora editado em português com o título de "Escolhi a Liberdade", é obra que se impõe pelo seu valor intrínseco e está a exigir

a leitura acurada de quantos querem saber a verdade sobre a Rússia Soviética.

O autor foi um comunista sincero e entusiástico; não estava vinculado à nobreza e ao antigo regime, pois é filho de um operário revolucionário; não tinha preconceitos religiosos e foi educado sob a orientação soviética. Tudo isso torna mais valioso aquilo quanto se lê nas 500 páginas desse desiludido do marxismo.

REVELAÇÕES COMPROMETEDORAS

É sabido que o govêrno soviético exerce' absoluto contrôle sôbre tôdas as vias de comunicação e sôbre o noticiário e as informações acerca do que se passa no imenso território russo ou ocupado pelo exército vermelho.

Ninguém ignora que os representantes diplomáticos e os agentes comerciais do govêrno russo são escolhidos com o máximo cuidado e suas atividades no exterior são cercadas de tôda a vigilância. O fito de tudo isso é ocultar ao mundo democrático o que se passa dentro das fronteiras do império soviético. Visam também os dirigentes vermelhos evitar que o povo russo conheça a verdade sôbre a situação real das massas proletárias dentro dos países onde impera o regime democrático.

Apesar de tôdas as precauções, vez por outra, aparece alguma revelação acêrca do que se passa do outro lado da famosa "cortina de aço".

Alguns foragidos, que lograram escapar à vigilância da polícia política russa, já têm revelado muita coisa sôbre o que vai lá pelas terras moscovitas. A êsse número vem juntar-se Kiril M. Aleixilev, adido comercial interino à embaixada russa no México, conforme o que anunciou um telegrama de Nova Iorque.

O ex-adido comercial soviético acaba de publicar uma

declaração na qual diz sentir-se no dever de “afirmar publicamente que se opõe ao regime soviético, pois nenhuma outra nação é mais explorada ou escravizada que a União Soviética”.

O sr. Alêixilev, enquanto viveu encerrado dentro das fronteiras de sua pátria, ignorava o clima de segurança e liberdade de que se desfruta nos países democráticos, por isso podia aceitar o regime implantado na U. R. S. S., agora, porém, não pôde mais compreender a vida dentro de um regime policial, em que tudo é controlado pelo govêrno, que não reconhece os direitos fundamentais da personalidade humana.

É mais uma testemunha que veio depôr contra o totalitarismo da extrema esquerda. E aos poucos se vai fazendo luz por entre a bruma do Oriente da Europa...

O COMUNISMO E O CATOLICISMO

Entre o comunismo e o cristianismo existe uma oposição formal e absoluta, porque o comunismo é, em sua essência, o contrário de toda e qualquer religião. Repousando sobre o materialismo, isto é, a negação de Deus e de uma ordem sobrenatural, o comunismo não pode tolerar nenhuma religião que ele classifica de opio ou cachaça para embrutecer o povo. Aqui reside essa oposição irreconciliável entre o comunismo e o catolicismo.

Trata-se, primeiro, de um antagonismo doutrinário, que separa, de modo radical e definitivo, os fundamentos do materialismo histórico e os da religião cristã. Basta consultar os livros, os escritos, os discursos e os programas dos mestres do marxismo, para se verificar que o Evangelho é o oposto do livro "O Capital", que é a bíblia do comunismo.

Mas não é apenas no campo das idéias e no plano doutrinário que se contradizem e se opõem o comunismo e o catolicismo. Na ordem prática, nos fatos, encontra-se também verdadeiro antagonismo entre os dois conceitos de vida, que se firmam, respectivamente, em Moscou e em Roma.

Os fatos são demasiado recentes para serem esquecidos ou mal interpretados. Pertencem êles à experiência dos dias que vamos vivendo, neste período obscuro e conturbado da história humana.

Onde o comunismo se sente debil, sem apoio dos poderes públicos e sem ambiente favorável nas camadas populares, aí o partido marxista se mostra tolerante, restringe seu programa a uns pontos mínimos e acena para os católicos com a política da "mão estendida". É o que vemos entre nós; afirma-se que o comunismo nada tem com o problema religioso que é uma questão individual... Onde, porém, os vermelhos se instalam, a situação muda por completo, de uma vez.

Os exemplos são diversos e podem ser estudados por quem tem "olhos de ver", segundo o Evangelho. Em primeiro lugar, citamos a Rússia, onde a Igreja não tem mais vida alguma. Vejamos o México dos tempos do Padre Pro e de seus companheiros de martírio. Consideremos a Espanha, onde o comunismo não logrou vingar por pouco, fazendo correr sangue de milhares e milhares de católicos, que outro crime não tinham senão a fidelidade às suas crenças religiosas... O exército vermelho fêz descer verdadeira "cortina de aço" que separa do resto do mundo os países ocupados pelos russos; apesar de tôdas as precauções e da rigorosíssima censura imposta à imprensa e aos correspondentes estrangeiros, sabe-se que, naqueles infelizes regiões, os católicos vivem debaixo de cruel e sangrenta opressão por motivos de crença religiosa.

Em teoria e na prática, o que vemos é uma oposição irreconciliavel entre o catolicismo e o marxismo.

DUAS ATITUDES DOS COMUNISTAS

Aos que observam os acontecimentos verificados na política internacional e na vida dos povos, não pode passar despercebida a atitude dos comunistas.

Senão vejamos. O sistema de governo vigente no império soviético, que se intitula de paraíso das classes proletárias, não permite que se faça greve; o operário tem de trabalhar onde, quando, como e quanto lhe fôr determinado pelos seus superiores. Isso no intuito de intensificar a produção e fortalecer o poder da U.R.S.S?

Onde quer que domine o governo russo, dentro das fronteiras soviéticas ou nos desgraçados países conquistados ou ocupados pelo exército vermelho, não há pluralidade de partidos, que é a base e a essência dos regimes democráticos. Qualquer veleidade de oposição é logo sufocada por meio de "expurgos" e processos. É assim a democracia na prática dos comunistas, quando senhores da situação.

Onde o comunismo está em minoria, onde é um pequeno partido, ninguém zela mais pelos direitos dos opositoristas, ninguém mais intransigente na manutenção dos mandatos parlamentares.

Lá na mãe-Rússia, nada existe de liberdade de imprensa e circulação livre de informações e de outros direitos essenciais à pessoa humana.

Fóra da Rússia, vivem os comunistas a reclamar as "liberdades burguesas".

São duas atitudes completamente diversas e inteiramente opostas.

Mais uma vez, recentemente, tivemos a confirmação disso.

Em discurso proferido na cidade de Salzburgo, na zona de ocupação norte-americana da Austria, Ferdinand Graf, sub-secretário do Interior, declarou que os comunistas se retiraram do govêrno de coalisção da Austria afim de que Cominform — Bureau Comunista de Informaçoes, há pouco estabelecido em Belgrado, atacasse melhor o govêrno.

Os movimentos grevistas e as agitações operárias que se registram na França e na Itália, comprovam a grande verdade que o sr. Ferdinand Graf acaba de anunciar.

O IMPERIALISMO SOVIÉTICO.

Um dos chavões mais empregados pela propaganda comunista, no mundo inteiro e na hora presente, é a guerra contra o imperialismo. Hipócritamente, os partidários de Moscôu, que se acobertam debaixo dos tais partidos comunistas, atacam tôda sorte de imperialismos; debateram contra os impérios coloniais das diversas nações que os possuem.

Aparentemente, portanto, a Rússia Soviética é o país mais amigo da independência das nações pequenas e fracas, é ainda o povo mais contrário às conquistas territoriais. Para efeito de propaganda isso é magnífico; a realidade, porém, é cousa totalmente diferente.

William Chamberlain, em artigo publicado na revista "American Mercury", chamou a atenção do mundo inteiro para o imperialismo russo, que está em plena expansão.

Diz o autor neste artigo que foram arrastadas para a órbita de influência russa 12 nações com 165 milhões de habitantes. Sob o jugo opressor da Rússia Soviética gemem as seguintes nações: Polônia, Tchecoslováquia, Húngria, Áustria, Iugoslávia, Mandchúria, Coréia do Norte, Mongólia, Bulgária, Rumânia, Alemanha Oriental, Finlândia.

Além disso, foram anexados à União das Repúblicas

Soviéticas Socialistas nada menos de 274 mil quilômetros quadrados, com 25 milhões de habitantes.

E quais os motivos para esta expansão territorial? Segundo Stalin, estas anexações são motivadas pela procura da "segurança" para a Rússia.

Essa espécie de "segurança" está ameaçando a paz mundial e pondo em perigo a independência de todos os povos.

A serviço deste expansionismo voraz está não somente o formidável exército russo, armado até os dentes, mas também a perigosa quinta-coluna dos partidos comunistas, que atuam fortemente em muitas nações..

Dai manifestar-se a necessidade evidente da união de todas as nações democráticas e cristãs para o combate decisivo contra o imperialismo russo, que ora ameaça a civilização.

A NOVA INTERNACIONAL COMUNISTA

A União Soviética resolveu ressuscitar o "Cominform" cuja missão precípua era orientar os partidos comunistas e dirigir-lhes as atividades no sentido da revolução, nos diversos países.

A criação do "Bureau Internacional de Informação" dos Partidos Comunistas de nove países é recebida e proclamada, nos círculos ocidentais e democráticos, como a ressurreição da Internacional Comunista. A sede antiga era Moscou; a nova séde é Belgrado, mas ninguém se iluda a orientação continuará do Kremlin, através do governo da Iugoslávia, satélite da Rússia Soviética.

O que acaba de acontecer e deixa estonteados os desconhecedores do espírito e dos propósitos do comunismo, não constitue motivo de surpresa, e de espanto para aqueles que conhecem melhor a doutrina, os propósitos e os métodos do regime vigente na U. R.S.S.

O comunismo, pela sua natureza e pela sua finalidade, é um regime de luta pela dominação do mundo, pela conquista do poder universal, pela guerra entre as classes sociais, em todos e sôbre todos os países.

O comunismo poderá, quando lhe convenha, apresentar

planos de paz e de harmonia entre as nações e invocar propósitos de cooperação e firmar tratados de aliança. Mas, no fundo, continuará a ser um regime que visa o domínio do mundo inteiro e a submissão de todos os povos ao seu poderio avassalador.

Alguna dúvida que pudesse subsistir a êsse respeito está dissipada, completamente, ante a atitude de não-cooperação com o mundo ocidental, que a Rússia assumiu e vem mantendo sistematicamente, desde que cessou a luta armada contra o derrotado Eixo.

Daí a divisão do mundo em dois blocos, em dois campos, cujos propósitos se chocam, cujos interesses se manifestam antagônicos. As potências democráticas querem a paz; a Rússia Soviética lhes bloqueia os esforços, a fim de manter um clima favorável à revolução social, que derrube os governos democráticos e entregue o poder aos agentes do comunismo, espalhamos por toda a parte.

Agora a U.R.S.S. deu mais um passo no sentido de fortalecer a sua própria posição para a luta, que se antevê próxima, entre as nações democráticas e o mundo dominante pelo totalitarismo russo.

A Rússia assumiu, ostensivamente, a chefia da nova organização internacional do comunismo, pondo termo formal à cooperação estabelecida, durante a última guerra.

Em documento publicado pelo "Pravda", de Moscou se afirma, entre outras coisas, que se torna "necessário o intercâmbio de informações e a coordenação voluntária entre diversos partidos, dada a situação internacional no pós-guerra e tendo em vista que a desunião referida pode causar prejuízos às classes trabalhadoras".

Linhas abaixo o mesmo documento acrescenta: "A tarefa do Bureau de Informações será organizar o intercâmbio de informações e, caso necessário, coordenar a atua-

ção dos partidos comunistas sobre a base de acordos mútuos".

Aí está a realidade dos fatos estampada nas colunas de um órgão autorizado do governo soviético.

A nação que tudo isso vem provocando no seio dos países democráticos dá bem a entender para que esses povos compreendam perfeitamente a realidade da situação.

Cumpra agora perguntar: foi um mal ou foi um bem?

Em nosso entender foi um mal no sentido de que veio agravar a situação internacional, já de si grave; foi um bem no sentido de que tornou públicas e desmascaradas as manobras dos partidos comunistas dentro dos países democráticos.

ACUSAÇÕES CONTRA A IGREJA

Todo aquêlê que, em meio de contendores, procura ocupar posição equidistante das paixões em conflito, acaba desgostando os dois grupos que se degladiam. Não é raro que seja alvo de acusações contraditórias e se encontre responsabilizado por cousas inteiramente opostas, aquêlê que pretende dar a cada um o quê lhe pertence, sem se tornar partidário dêste ou daquele.

A história da Igreja documenta, de sobejo, o que acabamos de afirmar.

Quando se fazem estudos apologéticos, isto é, quando se procura a resposta para as acusações levantadas contra o catolicismo, ficamos espantado ao vêr que se atribuem à religião católica atitudes opostas e contraditórias.

Uns afirmam que a Igreja faz política; outras acusam-na de se desinteressar do bem comum.

Muitos qualificam-na de obscurantista e retrógrada; outros dizem que ela procura impor sua ciência e sua civilização aos povos.

Não falta, em nossos dias, quem diga que o catolicismo quer dominar as massas populares, por meio de obras de assistência e caridade; não poucos sustentam que a religião só olha para os ricos e os poderosos.

Para os comunistas, a Igreja é um entrave, por causa

dos seus dogmas de existência de Deus, da alma, da vida eterna... Para os reacionários, a Igreja traiu sua missão e vive cortejando as massas populares.

A extrema direita julga que o catolicismo avança demais, no que toca ao problema operário, assumindo uma atitude perigosa na questão social.

A extrema esquerda acusa a Igreja de ser aliada do capitalismo, dos reacionários e dos instigadores de guerras.

O grande órgão da imprensa católica, o "Observatore Romano", recentemente, deu cabal resposta aos modernos acusadores da Igreja.

Em um de seus editoriais, assim se exprimiu:

"Pede-se muitas vezes à Igreja o que a sociedade civil e os próprios governos são incapazes de realizar. Pede-se-lhe a paz, justiça social, tomada de posição em tal ou qual disputa política. A Igreja é acusada de fazer política de traição a seu mandato religioso quando — afetando a economia á moral, ou afetando a política ao altar — ela intervem na aplicação desse apostolado social que decorre do Evangelho".

A seguir, o mesmo jornal demonstra o quanto tem feito, a Igreja em prol da civilização e do progresso humano, sustentando sistemas e reformas favoráveis ao bem comum e á justiça social.

"A última revolução em marcha — prossegue o jornal — a revolução proletária, se levanta hoje, como as outras, contra a Igreja, contra o que ela tem de mais sagrado e é a sua razão de ser. Desde o momento em que resiste,

protesta e luta, a Igreja é acusada, não de querer Deus, que se condena, nem a religião, que se despreza, ou a caridade, que se achincalha, mas de não querer as reivindicações sociais propostas, ao mesmo tempo que se alimenta a descristianização sob uma forma de todo inseparável. Eis porque a Igreja é posta no banco dos acusados, a Igreja cujo único erro é não ser amiga daqueles que a consideram como sua inimiga”.

É assim que ficam respondidas as acusações levantadas contra a Igreja.

UMA PASTORAL CORAJOSA

A Polônia sempre foi contada entre as nações católicas, ou melhor, entre as grandes potências, que se serviam de sua força e de sua influência em prol da religião e da defesa da civilização cristã. A história desse grande povo nos oferece muitos casos de intervenções valiosas, senão decisivas, em defesa da Europa civilizada e cristã.

Não pretendemos fazer uma recapitulação histórica, nem dispomos de oportunidade para tanto; mas aludimos apenas ao que essa nação fez, no passado, em favor do bem comum.

Depois de muitos e variados acontecimentos, temos hoje uma Polônia que não é mais a Polônia, isto é, um Estado fantoche, manobrado pela Rússia Soviética, que não é a Polônia católica e democrática dos outros tempos.

Mais da metade do legítimo território polonês, habitado por população católica, é hoje conquista da Rússia Soviética, que o incorporou pelas armas aos seus imensos domínios. Outra parte do que hoje foi atribuído à Polônia, como espécie de compensação, é território alemão e que, faz cerca de novecentos anos, é habitado por população de raça germânica.

Essa é a face geográfica do problema polonês; há ainda a face política.

A Rússia impôs à infeliz Polônia um governo títere, um governo feito pelo figurino soviético e modelado para os países ocupados pelo exército vermelho. Por isso, não há mais liberdade política, os partidos da oposição acham-se jugulados, os seus líderes, senão fogem para o estrangeiro, são metidos na prisão ou mandados aos campos de concentração, onde gemem nada menos de setenta mil pessoas segundo o que informam os jornais.

Em meio de uma situação tão desgraçada, ergueu-se o episcopado católico para protestar contra a escravidão do povo polonês, ao qual se negam os direitos essenciais à pessoa humana. Em corajosa pastoral coletiva os bispos poloneses denunciam as perseguições e os vexames de que são vítimas os católicos num país dominado pelos agentes de Moscou.

Deixando de parte muitos pontos importantes e graves denúncias, vamos citar apenas um breve trecho da pastoral coletiva de 28 de setembro de 1947, em que os senhores bispos fazem estas afirmações:

“Os católicos estão sendo coagidos a participar de movimentos políticos baseados em princípios que a Fé repudia. Isto se faz agora, sob a ameaça de diminição do salário ou expulsão da moradia. O direito a obter emprego repousa inteiramente sobre a inscrição no partido.

A maior e mais injusta das humilhações sofridas pelos poloneses, foi constituída pela censura à correspondência e às comunicações telefônicas, que muitas vezes ultrapassa as próprias necessidades do Estado, sendo arbitrária e absoluta. Esta censura não faz exceção, e principal-

mente as autoridades eclesiásticas não têm nenhum sigilo em suas comunicações, sendo profundamente afetado o seu direito divino de ensinar a tôdas as gentes. Assim, também são proibidas as publicações das Encíclicas do Santo Padre, as pastorais dos bispos, e mesmo os livros de instrução católica".

Aí está um pouco da escravidão que existe e domina por detrás da tristemente célebre "cortina de aço", que a Rússia Soviética desceu sobre a Europa Oriental.

A PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA NA IUGOSLÁVIA

A história da religião cristã, que vem reproduzindo através dos séculos a vida do Homem-Deus, é um tecido de perseguições sangrentas e de lutas cruéis movidas pelo poder das trevas. Escribas, fariseus e herodianos, as mais contraditórias seitas e os partidos mais irreconciliáveis, se aliaram contra Cristo. O mesmo se verifica na história da religião católica, contra a qual se dão as mãos homens em tudo discordes.

Doze perseguições sanguinolentas, no espaço de três séculos, derramando torrentes de sangue humano e sacrificando alguns milhões de vítimas, assinalaram o aparecimento do cristianismo sobre a face da terra.

Todos os recursos sugeridos pela crueldade, todos os ardis da superstição e todos os embustes suscitados pelo inferno foram empregados com tenacidade diabólica, no intuito de levar os cristãos à apostasia.

Abraçar a lei do Evangelho e receber o batismo equivalia a entregar-se aos verdugos e às feras, pois aos discípulos de Cristo não era concedido o direito de viver.

Anciãos venerandos, tenras crianças, virgens delicadas, matronas respeitáveis e homens robustos; nobres, plebeus,

miseros escravos e membros da família imperial, quando se tornavam cristãos, eram entregues, sem consideração alguma, à sanha implacável dos algozes.

Mais tarde, após a conversão de Constantino, amainou o furor das perseguições, mas não tem deixado de haver luta e combate contra a Igreja.

Em certos tempos sofre-se mais; noutras épocas há relativa bonança. Há sempre, porém, algum ponto da terra onde sofrem os católicos e se persegue a verdadeira religião.

No momento presente, sem falar da Rússia Soviética, é a Jugoslavia a terra que se ensopa do sangue dos católicos, que pagam com a vida o crime de quererem praticar a sua religião.

Lá impera um certo Tito, que a si mesmo se fez marechal, depois de alguns anos empregados em conspirações e guerrilhas. É ele agora o herói nacional da Jugoslavia, que ele transformou em satélite da U. R. S. S.

Interessante e digno de nota é que, enquanto durou a harmonia entre Berlim e Moscou e os dois governos totalitários retalhavam a Polônia democrática e católica, Tito não apareceu para combater as tropas alemãs, que haviam ocupado sua terra. Sómente depois que Hitler invadiu a Rússia e o comunismo e o nazismo entraram em luta, é que esse "patrióta" se lembrou de que devia combater contra os inimigos da União Soviética.

Tito, no presente, controla e domina tôda a Jugoslavia, onde instalou uma democracia "sui generis", recortada pelo figurino russo, com um único partido, o do governo, já se sabe. E o marechal quer consolidar o seu predomínio e estabelecer em sólidas bases o totalitarismo, que lhe permitiu escalar o poder. Para tanto é mister calar as vozes que clamam pelos elementos essenciais à personalidade humana: a liberdade religiosa e os direitos políticos. É por isso que

os católicos estão sendo perseguidos e os padres e os bispos vão sendo eliminados.

Matar, pura e simplesmente, suscita o clamor universal... por isso, procura-se um pretexto que encubra o crime. Trata-se então de desmoralizar os mártires e denegrir as vítimas, lançando-lhes os epítetos de criminosos de guerra, de fascistas...

Eis a verdadeira origem daquele monstruoso processo de Belgrado, que tenta legitimar uma iniquidade.

A provação é tremenda e o sacrifício é sanguinolento, mas os ditadores passarão e a Igreja continuará de pé, porque tem as promessas da imortalidade.

A LIÇÃO DE BUDAPESTE

A farsa judiciária, levada à cena no tribunal de Budapeste, vem dar ao mundo democrático e às nações civilizadas uma grande lição: a lição de que a prática do comunismo é incompatível com a liberdade humana.

Aos católicos, mais do que aos outros cidadãos, deve ser proveitosa e oportuna esta lição. Os fatos são de hoje, as testemunhas estão tôdas vivas e podem manifestar o que pensam e o que sabem, exceto, é claro, aquelas que vivem por trás da "cortina de ferro".

Coube à antiga capital do velho reino de Santo Estevão apresentar ao mundo moderno o fato inédito de um cardeal da Santa Igreja ser levado à barra do tribunal e ocupar o banco dos réus... Este inominável atentado foi cometido por um govêrno titere, por uma camarilha manobrada por Moscou.

A Hungria, a verdadeira Hungria nada têm a vêr com isso; o povo magiar, que é católico como o povo brasileiro, não cometeu êsse atentado, não perpetrou o crime de violar os direitos de profanar a pessoa sagrada do chefe de sua herarquia eclesiástica.

O povo húngaro, embora apresente estar livre, vive tão prisioneiro e tão oprimido quanto o seu grande líder espiritual, ora lançado numa prisão perpetua.

A pátria de Santo Estevão é hoje uma pobre nação es-

erivisada, onde impera o terrôr e domina o totalitarismo materialista, que o comunismo ateu implantou. Merece tanta compaixão quanto o Cardeal Mindszenty, ou mais ainda; o eminente prelado encontrará luz e fôrça no heroísmo da virtude cristã. o povo simples e humilde talvez não saiba onde haurir as energias sobrenaturais de que precisa.

Aí estão os fatos. Aí temos o horror e o negrume da situação.

Disso devemos tirar lições para nós, em meio das lutas em que vivemos.

Em primeiro lugar, consideremos que o comunismo ateu é, como sempre foi, "o inimigo número um" da crença em Deus, isto é, de tôda e qualquer espécie de religião.

Não há margem para sofismas ou para interpretações errôneas; o comunismo não tolera a religião, visa cercar-lhes tôdas as atividades públicas e negar-lhe todos os direitos.

Em tal caso, é evidente que não pôde haver nenhum acôrdô, nenhuma conciliação entre o comunismo e o catolicismo. Erram, pois, de modo palmar, aqueles católicos que, desviados dos ensin. da Igreja, entendem ser possível qualquer acomodação entre Roma e Moscou, entre o bem e o mal, o erro e a verdade.

Lembre-mos também que a farsa representada em Budapeste o será em qualquer capital católica, se o comunismo empolgar o poder, como fêz na Hungria.

Ninguém pense que o comunismo nos países católicos seja diverso do comunismo que domina na Rússia Soviética. Não. O comunismo é um só; sua substância é a mesma em tôda a parte. E' ateu, materialista, anticristão.

E' essa a grande lição de Budapeste na hora presente.

A ESCRAVIDÃO DO SÉCULO XX

Uma das conquistas mais nobres e mais importantes da civilização cristã é, incontestavelmente, a abolição de escravidão.

As civilizações antigas, que tantos esplendores tiveram e tantos testemunhos de grandeza nos deixaram, eram todas fundadas sobre a escravidão; o labor exaustivo de milhões de escravos foi o construtor de seus monumentos.

Veio o cristianismo e começou a pregar a verdadeira e perfeita fraternidade de todos os homens, filhos de Deus e irmãos em Jesus Cristo. Dêsse modo, através dos séculos, caminhou a idéia de liberdade, que encontrou habitat no mundo moderno.

Quando a face social do mundo parecia transformada e a escravidão devia ser considerada como uma triste recordação dos séculos passados, vemos, na própria Europa, no continente mais culto e civilizado, instalar-se a escravidão. Dizemos escravidão sem medo de errar, pois outra coisa não é senão escravidão o regime de trabalho forçado, que a Rússia Soviética vem pondo em prática, por trás da "cortina de ferro".

Inúmeras denúncias, em nome da civilização e dos sentimentos de humanidade, já levaram à consciência dos povos livres e democráticos o seu protesto contra esse crime do

marxismo. Políticos, militares, escritores e sacerdotes, que lograram escapar aos horrores do inferno soviético, em altos brados clamam contra esse crime de lesa-humanidade.

A esses testemunhos podemos juntar mais um, de máxima importância.

A Associação Federal dos Estados da Europa Central dirigiu à Organização das Nações Unidas um apêlo sobre a sorte dos deportados da Europa Central e Oriental, que se encontram atualmente na Rússia.

Começa por descrever a miséria em que vivem esses prisioneiros. Para habitação só lhes concedem, a maior parte das vezes, barracas expostas aos frios glaciais. A alimentação, que depende do trabalho produzido, é geralmente escassa. A falta de vitaminas produz o escorbuto, a queda dos dentes, o debilitamento dos ossos e da vista. Muitos recebem apenas a quarta parte dum litro de água quente durante 24 horas, a qual tem de chegar para os fins alimentícios e higiênicos. A roupa é diminuta e está-lhes proibido lavar ou mudar o vestuário interior. Em tais circunstâncias a mortalidade infantil ascende anualmente de 35 a 75 por cento.

Foi à custa da mão de obra barata, do braço escravo, que a Rússia sustentou o seu esforço de guerra. E agora, com esse mesmo recurso, o governo soviético, pretende fazer a reconstrução e a industrialização dos seus imensos territórios.

O memorial acima referido cita os números de prisioneiros e deportados de cada nação da Europa Central e dentro

da própria Rússia, e termina assim: "O mundo, as democracias, as organizações mundiais humanitárias guardam silêncio e estão surdas às perseguições e à desumana sorte de 20 milhões de escravos que vivem nos campos de trabalho forçado da União Soviética".

O comunismo ateu pretende fazer a humanidade voltar aos tempos do paganismo, em que imperava a escravidão. Contra isso se levanta a consciência cristã dos povos civilizados.

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Muita miséria foi revelada e muitos martírios foram postos a descoberto a propósito do que sofreram aquêles que tiveram a desgraça de ir parar nos campos de concentração.

O nome de Dachau permanecerá como sinônimo de lugar de torturas... Isso, porém, não é tudo. Muito se tem falado acêrca dos campos de concentração da Alemanha nazista... mas dos campos de concentração da Rússia Soviética nada ou quase nada se tem dito. Em geral o mundo ignora a existência dêsses campos e dos horrores e das torturas que lá curtem os infelizes prisioneiros. A Rússia é um país fechado ao mundo civilizado, que nada ou quase nada conhece do que se passa do outro lado da "cortina de ferro", que separa a Europa Oriental, cristã e democrática, da Europa Oriental, dominada pelo absolutismo terrorista do nazismo soviético.

Da Itália, através da "Associated Press", nos vieram algumas informações acêrca dos prisioneiros de guerra italianos, capturados pelo exército vermelho.

Um telegrama de Roma, de 27 de fevereiro de 1947, informou que o senhor Luigi Gasparotto, ministro da Defesa da Itália, revelou que 94% dos prisioneiros de guerra italianos, capturados pelos russos, morreram nos campos de

concentração. A revelação de Gasparotto, em resposta a uma interpelação do deputado liberal Guido Cortese, foi a primeira informação oficial detalhada publicada pelo governo italiano, tendo sido publicada pelo "Rissorgimento", órgão do Partido Liberal, que descreveu a documentação como "uma terrível acusação".

Gasparotto declarou que, de acôrdo com as cifras em poder do governo italiano, apenas 12.513 prisioneiros de guerra foram repatriados da Rússia, de um total calculado entre 60.000 e 80.000, acrescentando que os demais, na sua maioria, morreram de tifo.

Acrescentou o ministro da Defesa que o Ministério da Guerra, não dispondo de dados oficiais da Rússia, calculou o número de prisioneiros de guerra italianos na União Soviética em 60.000, mas acrescentou que jornais russos de fevereiro de 1943 falavam em 80.000.

"Em agosto de 1945", disse Gasparotto, "o governo russo informou ao Ministério do Exterior que o número de prisioneiros de guerra italianos em mãos russas atingia o total de 19.640; em 1946, a embaixada soviética em Roma comunicava à imprensa italiana que o número de prisioneiros de guerra italianos na Rússia atingia o total de 81.113. Mais recentemente, a embaixada soviética declarou que, com exceção de cerca de 30 soldados retidos como criminosos de guerra e alguns enfermos hospitalizados, a repatriação dos prisioneiros italianos tinha sido completada, fixando o total de repatriados em 21.065. As cifras italianas para o total de repatriados são de 12.513".

De acôrdo com a informação fornecida pelos prisioneiros repatriados, parece que a média de mortes nos campos de internamento atinge à 94%. A maior média de mortalidade ocorreu no período entre janeiro de 1943, ao ser rompida a frente do Don, e junho do mesmo ano, quando os

prisioneiros foram enviados a campos de concentração no Turquestão, devido a uma epidemia de tifo.

Finalizando, declarou Gasparotto que estão sendo realizadas investigações para conciliar a disparidade entre os numerosos italianos e soviéticos a respeito da repatriação.

Até aqui fala o citado despacho da A.P.

Os princípios de humanidade e as normas ditadas pela civilização cristã estão a exigir que se esclareçam êstes tristes fatos e que sejam justicados todos aquêles que cometeram crimes contra as normas estabelecidas pelo direito e pela justiça.

“VÃO PARA A RÚSSIA...”

Os comunistas brasileiros, que protestavam amor à ordem constituída e respeito aos poderes públicos, parece que perderam a linha, como se costuma dizer, depois que o Poder Judiciário cassou o registro da sucursal brasileira da Internacional de Moscou...

O comunismo indígena, dizia-se, era um comunismo “sui generis”, sem violências, sem torturas, sem perseguições e sem os horrores do comunismo russo. Foi assim que conseguiu existência legal ao lado dos partidos brasileiros e democráticos.

Depois surgiram denúncias, apareceram provas, foram trazidos a público certos fatos... veio o processo, o julgamento e o restó é conhecido sobejamente de todos.

Começa então a gritaria contra o Chefe do Governo e contra os Juizes que nada mais fizeram que proclamar a realidade dos fatos: que o Partido Comunista tinha duplos estatutos, obedecia a orientação estrangeira e professava o totalitarismo unipartidário, etc.etc.

Estão, positivamente, descontentes e inconformados os nossos amigos da U.R.S.S.

Em tal situação, damos aos tais o mesmo conselho que lhes deram nos Estados Unidos: “Vão para a Rússia”.

Os amigos e partidários de Stalin, na grande República

do norte do continente, recentemente, organizaram em Washington, um congresso de ex-combatentes comunistas na segunda guerra mundial. O alvo de semelhante manifestação politico-partidária era protestar contra a ajuda que o Presidente Truman pedira para a Turquia e a Grécia, ameaçadas pela União Soviética.

Realizado o pseudo-congresso de ex-combatentes marxistas, foram os componentes do singular conclave visitar os mais ilustres parlamentares ianques, para lhe fazer sentir o que pensavam do projeto do Presidente Truman.

Muitos parlamentares se recusaram a receber a visita desses singulares patriotas. O Senador Edward Martin, veterano da Grande Guerra de 1914-1918, na qual foi ferido e recebeu condecorações, recebeu a visita dos comunistas e escutou-lhes, atentamente, as reclamações e respondeu-lhes depois, nestes termos:

“Eu respeito o veterano com tudo aquilo que seu uniforme representa, mas, quando os senhores se apresentam como membros do Partido Comunista, perdem o direito ao respeito e aos tratamentos devidos aos veteranos.

Ninguém, pôde, sendo comunista, ter fé nos ideais da América. Não tenho dúvidas sobre o que sucederia se homens como os senhores se reunissem em Moscou, em uniforme militar, para criticar atos do Governo soviético. Alguns seriam colocados frente a um pelotão de fuzilamento e outros seriam enviado, acorrentados, para os campos de escravos, onde a fome e a fadiga se encarregariam de matá-los lentamente. Os senhores sabem o que é comunismo? E ainda têm o descaramento de vir dizer aos congressistas norte-americanos como desejam que as coisas sejam orientadas.

Só há um lugar para aquêles entre os senhores, que desejam viver sob o regime comunista — eu lhes sugiro que vão para Rússia e fiquem por lá. E eu poderia trabalhar para apressar a sua pratida; isto sim, os senhores podem me pedir”.

Aí está indicado o caminho, agora só falta seguir viagem para a União Soviética.

“Vão para a Rússia...”

O JULGAMENTO DO PARTIDO COMUNISTA

Na tarde do dia 7 de Maio de 1947, foi julgado o processo a que estava submetido o partido comunista. O Superior Tribunal Eleitoral, a que o caso estava afeto, decidiu pelo fechamento desse mesmo partido, sendo-lhe cancelado o registro.

A sentença do egrégio tribunal, podemos afirmar, correspondeu aos sentimentos da opinião pública, que, em sua maioria, aguardava o cancelamento do registro do partido totalitário. A formação cristã de nossa gente e sua educação religiosa, de par com o seu acendrado patriotismo e seu grande amor à terra natal não podiam ver com bons olhos a legalidade de um partido político, que professa uma ideologia materialista e coloca em segundo plano os interesses nacionais, em face do imperialismo político e econômico de uma potência estrangeira.

As acusações exaradas no "Parecer Barbedo" ficaram sem resposta, o que ali foi escrito, não pôde ser riscado, pois era a expressão da verdade. Mesmo aqueles que eram contrários ao cancelamento do registro do partido soviético do Brasil, aceitaram a verdade do que fôra denunciado em tal documento.

A marcha do processo foi toda ela normal, legal e correta; os papéis arrastaram-se por muito tempo em nossos tribunais; as acusações e os fatos foram discutidos de modo mais amplo possível, nas tribunas parlamentares, nas colunas da nossa imprensa e nas praças públicas. Os próceres vermelhos dispuseram de todos meios de defesa, dentro das normas da justiça brasileira para que ninguém invocasse dolo e fraude no final do julgamento.

A nação está em paz e funcionam os três poderes fundamentais: executivo, legislativo e judiciário, que formam a essência e a base do nosso regime. O parlamento nacional está de portas abertas e trabalha diariamente; os Estados quase todos estão elaborando as suas Constituições e possuem governos constitucionalizados. Os diversos tribunais celebram suas reuniões normalmente e o país inteiro está dentro da ordem e da legalidade. Nenhuma coação, nenhuma violência, nenhum ato ditatorial se fez sentir, durante o tempo em que o processo caminhou para o julgamento.

Foi dentro dessas circunstâncias que foi julgado o partido comunista... foi julgado e condenado.

Contra isso nada se pode articular, nada se pode invocar. Todos os bons brasileiros devem aceitar o "verdictum" dos juizes.

Nada de aquilatar conveniências ou interesses de grupos; o que se deve fazer é cerrar fileiras em torno dos poderes constituídos da democracia, na defesa dos valores decisivos de nossa formação nacional e cristã.

S. Emcia o Cardeal Câmara já deu aos católicos a sua palavra de ordem: Acatamento ao "verdictum" do Tribunal,

O BRASIL E A QUESTÃO SOCIAL

Não se pode negar ou desconhecer a existência da questão social e do problema operário no Brasil. De nada adianta obstinar-se em negar um mal que existe; o melhor é encarar de frente a realidade da situação e, com seriedade e serenidade buscar-lhe remédio, e solução.

Na seqüência ininterrupta dos séculos, no perpassar contínuo dos tempos, a humanidade evolue e se transforma, assumindo feições novas, apresentando prismas diversos.

Desapareceu o mundo greco-romano, como antes dêle haviam passado os impérios da antiguidade; os bárbaros invasores, os barões feudais, os cruzados e os cavaleiros também pertencem aos séculos que se escoaram na meia-idade do mundo, em que floresceram as corporações de "mistères" ou de "ofícios" ... Veio o mundo moderno, a quadra contemporânea; surgiu a era das máquinas, o século das massas populares.

Cada período da história humana, cada ciclo da peregrinação terrestre de nossa espécie apresenta dificuldades próprias e questões que lhe são peculiares.

Assim tem sido em todos os tempos e os dias contemporâneos não deviam exceção à regra geral. Em nossos dias, apresenta-se a famosa questão social que está a exigir solução imediata para os problemas e as dificuldades

provenientes do profundo mal-estar que sentem as massas populares, as camadas inferiores da coletividade humana presentemente atiradas a uma situação de "imerecida miséria", como disse Leão XIII.

O catolicismo, apesar de ter em mira os fins supremos do homem e de encarar debaixo de um ponto de vista sobrenatural as circunstâncias e condições da vida presente, não desconhece as necessidades de ordem material e não cerra ouvidos às queixas dos oprimidos e aos gritos de dor daqueles que suportam, penosamente, um fardo superior às próprias forças. É por esse motivo que, estudando a atuação social da Igreja através dos vinte séculos de civilização cristã, verificamos que o catolicismo é o melhor fator do progresso da humanidade, na triplice ordem — material, intelectual e moral.

O catolicismo, que sempre soube enfrentar as dificuldades e perseguições de toda sorte, saberá resolver, de modo equitativo, o grande mal de nossa época, a questão social.

Falar em questão social é dizer dos sofrimentos e das agruras de vida das classes desfavorecidas da fortuna; é mencionar a alta excessiva dos gêneros de primeira necessidade e o encarecimento extraordinário da locação de casas para moradia; é denunciar as más condições de higiene e salubridade de certas fábricas e oficinas; são os acidentes no trabalho, o desemprego, a exploração dos fracos, e dos indefesos e outras tantas clamorosas injustiças e misérias provenientes de uma civilização fundada sobre o industrialismo contemporâneo.

A Igreja não desconhece a existência de semelhantes males e tem empregado o melhor de seus esforços para transformar, melhorando-as, as condições de vida das classes populares ou pelo menos para atenuar quanto possível, os sofrimentos do proletariado urbano e rural.

Leão XIII, na sua famosa encíclica "Rerum Novarum", merecidamente denominada "a carta magna dos operários", apresentou a solução cristã para o problema social contemporâneo. Pio XI, na sua luminosa encíclica "Quadragesima Anno," veio demonstrar que em nossos dias, como há meio século atrás, a religião católica, dispõe de forças e de recursos eficientes para reajustar o mundo moderno e resolver os conflitos travados entre o capital e o trabalho.

Os católicos do mundo inteiro, em boa hora, chamados ao bom combate pelos chefes supremos do rebanho de Nosso Senhor Jesus Cristo, começaram a empregar generosos esforços em prol da recristianização do vida econômica. Daí o grandioso movimento cristão-social, que apresentam as populações católicas dos centros mais industriais do Velho Mundo.

E o Brasil, a terra batizada com o nome da Cruz do Senhor, não podia ficar indiferente aos apelos do pai comum da cristandade, quando se trata de por à prova a capacidade da Igreja para resolver a questão social. Os católicos brasileiros, compreendendo a gravidade da situação e verificando a justiça e a atualidade das determinações dos sumos pontífices, entraram no caminho da ação social, com o desejo sincero de realizar em nosso meio, a cristianização da vida econômica, harmonizando ricos e pobres, patrões e operários.

Os esforços do catolicismo no Brasil em prol da realização da justiça social traduzem-se na fundação dos Circulos Operários e de outras organizações similares que se propõem ao estabelecimento de um regime cristão do trabalho segundo as diretrizes exaradas nas duas encíclicas acima citadas.

À religião católica procura, por todos os meios, estabelecer o espírito de harmonia e cooperação entre o capital e trabalho e criar no seio das massas populares uma mentalidade sadia e assim preservar a nossa terra e a nossa gente das ruínas com que o nefando comunismo nos ameaça.

O COMUNISMO NO BRASIL

Foram cassados os mandatos dos representantes do partido comunista, partido que, de acôrdo com o espirito da nossa constituição, fôra posto fora da lei, por ser de origem, inspiração e direção estrangeira, e por ser contrário ao regime democrático, vigente entre nós.

O nosso parlamento resolveu tirar as conseqüências práticas, as conseqüências últimas da sentença judiciária, que cancelava o registro de um partido que o obtivera por meios fraudulentos. Tudo isso foi amplamente divulgado e provado com dados insofismáveis.

As manobras protelatórias dos comunistas e dos cripto-comunistas conseguiram procrastinar a cassação, como o balão de oxigênio pode prolongar a vida de um agonizante. Mas a medida reclamada pela constituição tinha que vir e veio...

Emudeceu a voz estranha, que se fazia ouvir em nossas assembleias representativas; os representantes do partido extinto, por fôrça de uma sentença judiciária, foram contrangidos a deixar um pôsto que ocuparam sem beneficio algum para o povo.

Os representantes do marxismo nada produziram de útil, nada fizeram de bom; não deixaram um único traço de devotamento à causa pública; não revelaram a menor

compreensão dos seus deveres para com aquêles que lhes deram o voto.

Demagogia, confusão, obstrução — eis a ação do partido comunista e dos seus representantes, que não deixaram saudades aos bons brasileiros.

Ninguém julgue que o comunismo esteja extinto no Brasil e que êsse problema esteja resolvido.

Nas trevas, na sombra, na vida subterrânea, êle continuará a atuar, em favor da subversão da ordem e de interesses inconfessáveis.

Perdeu os direitos e os privilégios debaixo dos quais trabalhava contra os interesses da pátria e contra os princípios da civilização cristã. Mas não ficarão inativos os chefes da conspiração vermelha, que querem implantar sua truculenta ditadura sôbre a Terra da Santa Cruz.

Aqueles que, felizmente, acreditam em Deus e amam o Brasil, têm graves e sérios deveres a cumprir nesta nova fase de nossa vida política.

O primeiro dever da hora presente é a contra-propaganda, que se deve fazer, em larga escala, em nosso país. É mister que o povo conheça a verdade sôbre o comunismo, sôbre a realidade do que vai pela Rússia Soviética.

As calúnias espalhadas pelos agentes soviéticos, contra os países democráticos devem ser desmascaradas, para que o nosso povo conheça a verdade dos fatos. Devem ser divulgados os depoimentos autênticos dos foragidos do inferno vermelho, dos que conseguiram transpôr a "cortina de ferro". E assim o proletário brasileiro saberá qual espécie de escravidão o aguarda, sob o regime comunista, que a todos nivela na miséria e na opressão.

A campanha de esclarecimento das massas, deve juntar-se a eficiência da ação social, dentro dos princípios cristãos.

A êsse respeito ouçamos o que diz o Cardeal Arcebispo de Toronto, no Canadá:

“E’ menos do que inútil chamar, sómente, contra o comunimo. E além de antiquado, resulta estúpido. A melhor defesa contra o comunismo é uma ação social bem ordenada e cristã e que se dê o devido às necessidades das massas populares, e ajude os que aceitarem as responsabilidades da paternidade e da maternidade a cumprir suas tarefas com segurança”.

É necessário esclarecer o homem do povo, para que não se deixê enganar pelos agentes da desordem, que fazem promessas tentadoras; é preciso fazer que todos compreendam que o comunismo é um perigo geral e que a todos ameaça de escravidão e de morte.

É também necessário, absolutamente necessário, melhorar as condições de existência dos desfavorecidos da fortuna e levantar o nível de vida da classe trabalhadora.

O melhor meio de combater o comunismo é desenvolver uma ação beneficente constante e bem ordenada em favor das camadas populares..

É isso o que ensina a sociologia cristã.

O COMUNISMO NA RÚSSIA

Os críticos do regime soviético, em geral, olham apenas para a superfície das cousas e para as atitudes da política exterior do Kremlin.

Em parte tal atitude se explica pelo fato de ser a Rússia um país trancado e separado das nações civilizadas e democráticas; uma cortina de ferro separa a Europa em dois mundos diferentes e a bem dizer antagônicos: Oriente e Ocidente.

Em virtude dêsse segregamento do mundo soviético, torna-se bastante difícil conhecer-se o que vai por lá, como andam as cousas na casa de Stalin.

Os comunistas vivem alardeando que a Rússia é o paraíso do proletariado, onde não existem exploradores e onde tudo marcha na melhor ordem possível... É assim que se iludem as massas e se faz uma propaganda ruidosa e sedutora.

Nos países de regime capitalista, para nos servirmos da linguagem dos filo-russos, tudo se processa mais ou menos às claras; criticam-se, abertamente, os atos do governo; denunciam-se abusos e irregularidades. Na imprensa e na tribuna dos parlamentos são apreciados os atos daqueles que são responsáveis pela situação.

Nada disso é possível na Rússia, onde o partido úni-

co, que é o do govêrno, se identifica com o próprio Estado. Permite-se, quando muito, seja criticado ou até denunciado algum alto funcionário. Às vêzes tais críticas e denúncias não passam de simples manobra política, afim de "expurgar" alguém.

A julgar pelas aparências e pelo que, de há algum tempo, traz o noticiário telegráfico, as cousas não andam lá muito bem no império de Stalin.

A crise financeira em que se debatem os países capitalistas, atingiu em cheio a Rússia, onde parece lavrar imensa desorganização interna. O reajustamento do após-guerra vai caminhando lá com mais dificuldade que no Ocidente da Europa.

O informe orçamentário apresentado ao Soviet Supremo fala de ineficiências, fraudes, falsificações de documentos, inflações, escassez e falhas de produção e cousas dêsse gênero.

O comunismo, implantado na Rússia desde tantos anos, derramou rios de sangue e continua a fazer "expurgos"; mas, nem assim, conseguiu eliminar dentro de suas fronteiras os males que êle atribui ao sistema capitalista.

Eis o motivo pelo qual já se diz que Stalin se encontra descontente e desiludido com o sistema econômico-político que à custa de sacrifícios sem conta e sem nome se impõe ao desgraçado povo russo.

A DEMOCRACIA CRISTÃ NA ITALIA

No decurso da história, em momentos decisivos para a humanidade, nas terras da península itálica, travaram-se batalhas que decidiram dos destinos da civilização.

Foi assim no mundo pagão, nos tempos do Império Romano, assim tem sido depois do aparecimento do cristianismo, quando os chefes da Igreja, não poucas vezes, intervieram na marcha dos acontecimentos políticos. Na invasão dos bárbaros, na queda do Império Romano, na época das Cruzadas e em diversos outros fatos de máxima importância, o papado tomou a defesa da civilização cristã e dirigiu o curso dos acontecimentos de modo a assegurar a manutenção da vida religiosa e da vida civil dentro das conquistas já alcançadas.

De época em época, repetem-se essas crises institucionais da humanidade e surgem verdadeiras encruzilhadas, quando finda um período da história e principia outro.

Estamos em uma dessas épocas; a luta entre o cristianismo e o comunismo parece marcar uma divisão de períodos da história.

As complicações do após-guerra e os arranjos da paz entre as nações, vieram dividir o mundo em dois; formaram-se dois blocos, que disputam o predomínio. De um lado

os povos cristãos, que desejam a verdadeira paz, a ordem internacional e o respeito aos direitos adquiridos.

A Inglaterra e os Estados Unidos chefiam este grupo, a que se incorporam os povos cristãos e livres do mundo inteiro. De outro lado temos a Rússia Soviética e os seus títeres, isto é, as nações subjugadas a Moscou e isoladas dos povos livres pela "cortina de ferro". O comunismo ateu, por meio da quinta-coluna dos partidos comunistas, procura dominar por toda a parte e busca assaltar o poder, para submeter ao domínio soviético os povos que ainda são senhores dos seus destinos. Daí poder dizer-se que, em cada país, se fêre uma batalha decisiva entre a soberania nacional e o expansionismo russo...

Não é possível um *modus vivendi* com a Rússia Soviética, porque esse país se recusa a um entendimento leal e franco com as potências democráticas, que, acima de tudo, desejam a paz entre as nações e a ordem no mundo.

Na Itália os campos se delimitaram abertamente; de um lado os elementos democráticos, coordenados pela democracia cristã; do outro o comunismo, orientado e insuflado pela Rússia... Ao povo italiano, católico em sua imensa maioria, restava decidir a pugna e dizer se pretendia contiunar livre, cristão e senhor dos seus destinos, ou, pelo contrário, se preferia transformar-se em simples satélite da U.R.S.S. e abraçar o regime truculento que impera nas estepes russas.

A escolha do povo italiano, por milhões e milhões de votos foi o que se esperava, favorável às instituições cristãs e democráticas; consolidou-se a democracia na Itália. O regime vigente consolidou-se e o país permanecerá firme e decidido ao lado do bloco democrático da Europa Ocidental.

O triunfo da democracia cristã foi grande e foi brilhante, mas esse triunfo acarreta graves e sérias responsabili-

dades para aquêles que o lograram. A democracia cristã deve envidar todos os esforços e fazer todos os sacrifícios para cumprir o seu programa e não iludir as promessas feitas ao povo.

Pouco depois das eleições, S.S. Pio XII, em mensagem a Myron Taylor, representante pessoal do Presidente Truman, escreveu estas palavras:

“Fostes testemunhas de um dia que será memorável nos anais da história da Itália. Todo o povo deu provas de seu grave sentido do dever cívico. Os céus da Itália se tornam mais claros, com a esperança dessa tranqüilidade e dessa reconstrução social da nação, tão necessária, se é que se há de fazer justiça a todos, muito em especial, ao operário e ao que não tem trabalho”.

Espera-se o advento de uma era de justiça social e a democracia cristã, orientada pelas encíclicas dos nossos grandes pontífices, saberá realizar as reformas econômicas exigidas pelos nossos tempos.

A CONFERÊNCIA DA IMPRENSA

Sob o patrocínio da Organização das Nações Unidas, celebrou-se, em Genebra, uma conferência da imprensa.

O fim primordial dessa importante reunião foi elaborar um tratado internacional para garantir a liberdade de informação.

A liberdade da imprensa é não só um elemento básico da democracia, mas é também um fator de alta importância para a paz entre as nações.

A liberdade de informações dissipa muitas suspeitas entre os governos e estabelece um clima de confiança entre os povos.

Podemos dizer que todos os governos democráticos estão interessados na consecução desta finalidade. O grande, o maior, o único obstáculo à liberdade de imprensa procede do comunismo russo.

Desde que o bolchevismo tomou as rédeas do poder, o seu primeiro cuidado foi suprimir a imprensa adversa.

Desde então até os nossos dias, na Rússia, cessou de existir qualquer espécie de liberdade de exprimir ou publicar as opiniões pessoais.

Jornais e revistas imprimem-se em grande número, mas têm um só programa, um só estilo, as mesmas idéias

bitoladas pelo credo moscovita, cegamente obedientes, incondicionalmente presos aos mandões da época.

‘ Izvestia (Novidades) e Pravda (Verdade) aparecem em Moscou, Leningrado e cidades principais mas sempre debaixo da mais severa e assídua fiscalização do Estado. Seus artigos todos e as notícias publicadas traduzem, obrigatoriamente, o pensamento dos chefes mais graduados do Partido. Apesar de que só os comunistas reconhecidamente convictos possam redigir órgãos de imprensa, existe uma censura rigorosíssima, que evita a publicação de tudo quanto possa desacreditar as instituições vigentes e revelar ao público as misérias do govêrno proletário.

Uma organização com arbítrio absoluto, com subdivisões nas províncias, exerce o contrôlê da imprensa e dirige a censura.

Aparece, de quando em vez, na imprensa bolchevista, alguma denúncia contra abusos praticados por funcionários do Estado ou agentes soviéticos espalhados pelo interior do país. Isso é feito para iludir o povo e o estrangeiro, aparentando uma liberdade inexistente.

A esse propósito podemos aqui invocar o testemunho de P. Marion, comunista que visitou a Rússia:

“Assim, o leitor ignorante do mecanismo das engrenagens soviéticas pôde ter, de vez em quando, a ilusão de uma certa liberdade de imprensa. Na realidade, um conflito dêste gênero nunca se prolonga por muito tempo. Como aconteceu no exemplo supra citado, a Comissão Política intervém e lembra à direção do jornal rebelado os mais elementares princípios de obediência aos seus superiores e se ela recusa a capitular é destituída..

Recordo-me ainda de um estrangeiro ingênuo que admirava o liberalismo governamental dos comunistas a propósito das caricaturas publicadas contra Lunatcharsky, co-

missário do povo na Instrução pública, por uma pequena revista satírica, o **Crocodilo**: "É admirável, dizia-me êle. Aqui, podem-se ridicularizar livremente as maiores personalidades do Estado". Ele ignorava que os "livres" directores e desenhistas do **Crocodilo** haviam recebido ordem terminantes da Comissão Política que impiedosamente realizava então um trabalho de sapa em tôrno do ministro prestes a sair."

Ainda hoje perdura esta situação, não sómente na Rússia, mas também nos seus satélites...

SOLUÇÃO MARXISTA É SOLUÇÃO CRISTÃ DO PROBLEMA SOCIAL

A questão social existe, em nosso meio, como existe também noutros países.

Nos centros industriais e nas zonas agrícolas, na orla do mar e nas terras altas dos centros de continentes; nos países mais adiantados ou entre povos semi-coloniais, a questão operária e o problema social se manifestam de modo diverso, segundo as condições de lugar e de tempo... O que não se pode é negar a existência desse mal, que vai minando a saúde e a resistência político-sociais das nações civilizadas, prósperas ou decadentes.

De nada vale ao enfermo fechar os olhos para não vê-lo mal que o acomete e lhe envenena as fontes da vida.

O que serve é o diagnóstico certo e o tratamento bem orientado, embora imponha sacrifícios e leve tempo.

* * *

A questão social existe em nossa terra, manifesta-se por entre as massas do povo brasileiro.

Duas soluções se apresentam; há dois sistemas que visam resolvê-la: o comunismo e o cristianismo.

A solução do comunismo está expressa no célebre manifesto comunista, de Karl Marx, que em linguagem de rude franqueza, assim se exprime:

“Os comunistas não cuidam de esconder os seus propósitos, nem o seu objetivo, e declaram abertamente que não podem alcançar êsse objeto senão derrubando por meio da força tôda a ordem social existente. Tremam as classes dominantes ante a revolução comunista que se prepara. Nessa revolução, os proletários não têm o que perder, senão as suas cadeias. Mas têm que ganhar todo o mundo”.

É um programa de força, de luta de classe, de violência, de ódio... “TREMAM AS CLASSES DOMINANTES”...

Trema a BURGUEZIA PROGRESSISTA; tremam os proprietários, capitalistas e industriais, que subvencionam a propaganda do comunismo ateu, na esperança louca de que amanhã serão poupados... Isso, quanto às CLASSES DOMINANTES.

O operário também só tem a perder com a instalação do regime comunista, que se caracteriza por uma ditadura mais cruel, mais sanguinária e mais rígida do que tôdas as outras ditaduras.

A família, a paz do lar, a pequena propriedade, a religião, a honra da esposa e a pureza das filhas, a moral pública, tudo desaparece na onda rubra da subversão revolucionária.

Eis a solução marxista do problema social.

A solução cristã é a do Evangelho, e das encíclicas sociais. Funda-se na solidariedade e na fraternidade, segundo o espírito de N. S. Jesus Cristo, dentro da cooperação entre as classes, para o benefício de todos.

É essa a solução que os bispos do Brasil apontam aos católicos e aos brasileiros de boa vontade.

A SOLUÇÃO DO PROBLEMA SOCIAL

Não se pode pôr em dúvida que o problema mais sério e mais importante dos nossos dias seja o problema social.

Os conflitos que separam as nações e as lutas que se travam no seio dos povos entre indivíduos e agrupamentos de indivíduos, quase tôdas, para não dizer tôdas as fontes de atritos e de choques procedem da questão social, que cavou verdadeiros abismos em alguns setores da caletividade humana.

Os dados dos problemas sociais, estão assim dispostos: de um lado o capital, isto é, os ricos e proprietários, os patrões; de outro o trabalho, isto é o operariado, a classe produtora, as massas trabalhadoras. O capital arroga-se o direito de ficar com todo o lucro e lançar mão de todo o rendimento das empresas de sua propriedade. O trabalho, por sua vez, está a exigir para si todo o valor da matéria prima aperfeiçoada ou transformada pelo esforço humano.

Nisto consiste a chamada questão social, cuja solução tem que se achar em próximo futuro. Socialistas e comunistas são partidários da luta de classes, que agravando, dia a dia, as condições de vida, lançará a sociedade no caos de que resultará a abolição de toda a propriedade privada.

a qual passará para o Estado. Os socialistas querem atingir êsse resultado lentamente, por meios legais, os comunistas apelam para a violência imediata. Ambos, comunismo e socialismo, visam a mesma finalidade.

A Igreja, fiel ao espírito do Divino Mestre, propõe-se a resolver o problema social empregando a cooperação e a harmonia entre as duas grandes classes divididas pelo interesse material, capital e trabalho.

A Igreja se empenha e se esforça no sentido de harmonizar as duas grandes alavancas do progresso social, o capital e o trabalho.

Visa aproximá-lós e fazer que os frutos de um e de outro ou sejam os produtos das indústrias, fiquem partilhados pelos patrões e pelos operários, dentro dos princípios da justiça social.

É êsse o alvo da religião católica no mundo moderno, tão trabalhado pelas competições de classe e pelas doutrinas dissolventes e revolucionárias.

A PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS DO CAPITAL

O manifesto do Episcopado Nacional, que o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano publicou no domingo de Pentecostes, é um desses documentos em que não sabemos o que mais admirar, se a clareza das idéias, se a profundidade dos conceitos, se a amplitude dos assuntos tratados. Lá se encontra a síntese da doutrina social da Igreja, ao lado do panorama político do Brasil.

Daqui se explica a aceitação extraordinária e o acolhimento incomparável dispensados ao trabalho firmado por S.Excia. Revma., o Sr. D. Jaime de Barros Câmara.

Queremos comentar, ao menos de modo rápido e sucinto, um ponto desse memorável documento: o que se diz respeito à participação dos operários nos lucros das empresas.

Só os que desconhecem, os princípios básicos da sociologia cristã e os que não estudaram as encíclicas sociais é que poderão estranhar o enunciado do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, enunciado esse que está dentro do espírito cristão e de ensino dos sumos pontífices.

A princípio, o trabalho humano era considerado como

simples mercadoria, sujeito, pois, às oscilações da oferta e da procura, segundo a escola liberal. As iniciativas numerosas e diversas de caridade particular e pública deviam suprir as insuficiências do salário.

Contra essa doutrina se insurgiram os católicos-sociais e classificaram-na de desumana e anti-cristã.

Leão XIII, em 1891, condenou a teoria do salário-mercadoria e aprovou o sindicalismo cristão.

Pio XI, finalmente, nas encíclicas **Casti Connubii** e **Quadragesimo Anno**, confirmou e atualizou os ensinamentos de Leão XIII e consagrou a doutrina do salário familiar, preparando assim o caminho, a a reconciliação das classes, mediante o acôrdo entre os interesses do capital e do trabalho

Reconhecendo as múltiplas dificuldades que surgem, no tocante à fixação do justo salário, que deva ser pago ao operário, Pio XI condenou a leviandade e a precipitação com que alguns tratam de resolver êsse grave e delicado problema e alvitrou que se combinassem os contratos de trabalho com os de sociedade e diz:

“Julgamos, contudo, que nas presentes condições sociais é preferível, onde se possa, mitigar os contratos de trabalho, combinando-os com os de sociedade, como já começou a fazer-se de diversos modos, com não pequenas vantagens para os operários e patrões. Dêste modo operários e oficiais são considerados sócios no domínio da gerência, ou compartilham os lucros”.

Estas palavras indicam, de modo claro, e insofismável, que o operário deve ter parte nos lucros do capital, o que se poderá fazer de dois modos: primeiro, incluindo os tra-

balhadores manuais ou intelectuais entre os sócios ou acionistas da empresa; segundo, reservando-se para os operários uma certa parte dos lucros da empresa, segundo modalidades fixadas de comum acordo ou por dispositivos legais, segundo as circunstâncias de meio e de tempo.

Está visto, pois, que a Igreja inclui a participação do trabalho nos lucros do capital entre os pontos fundamentais de seu sistema social. O Manifesto do Episcopado veio apenas vulgarizar esses princípios entre nós.

CAPITALISMO E ESPIRITO CAPITALISTA

Em nossos dias fala-se muito, fala-se até demais contra o capitalismo. Para muita gente esta palavra é um grito de combate, pelo qual se pretende dar cabo da ordem social vigente e implantar, pela violência, o socialismo absoluto, isto é, o comunismo.

Há também católicos que clamam contra os ricos, os latifundiários, os donos de fábricas e de grandes propriedades... são esses uma espécie de bode expiatório universal, sobre o qual se pretende deitar culpa de todo o mal e de toda a desordem, que lavram no mundo.

Contra o dinheiro e os seus possuidores tudo se invoca; Cristo e Marx: os Evangelhos e o livro "O Capital"... tudo serve quando se trata de combater os que possuem milhões de cruzeiros... mas quase nada se diz contra o espírito do capitalismo, o excesso de apêgo ao ouro e às riquezas.

Ninguém quer se lembrar de que o mal não está propriamente na riqueza e no dinheiro, mas, sim, no mau emprego dos bens temporais e no esquecimento dos princípios sagrados da justiça social.

Há muitos que não são capitalistas, mas tem o espí-

rito do capitalismo, pois, quanto possível, exploram as classes pobres, pagam um salário de fome aos que estão a seu serviço e não querem sequer ouvir falar de leis sociais, que protegem as classes proletárias...

Donos de oficinas, pequenos proprietários ou industriais, que pagam mal aos operários, são outros tantos capitalistas, pois sua atividade visa o enriquecimento ou pelo menos o acúmulo de economias à custa da exploração do próximo, o que é próprio do chamado regime capitalista.

E o mais curioso e também o mais triste é que assim procedem certos católicos, que embora incapazes de assaltar o seu semelhante, não sentem remorsos de explorar as pobres criaturas que vivem do labor quotidiano. Examinem a consciência os patrões católicos e talvez encontrem culpas graves nesse assunto, pois tanto é condenável a exploração por parte do alto banqueiro ou milionário, quanto a do pequeno burguês ou do modesto proprietário de oficina..

SEGUROS SOCIAIS

O progresso humano e as transformações pelas quais tem passado a sociedade moderna, criaram certas modalidades de viver e estão a exigir instituições desconhecidas e desnecessárias nos tempos de antanho. E' o que nos demonstram os fatos e a experiência confirma a propósito dos chamados seguros sociais.

Os seguros sociais constituem uma das instituições mais úteis e mesmo mais necessárias dos tempos presentes.

São meios de atender aos azares da fortuna e aos imprevistos a que estão expostos os pobres mais que ninguém.

Foi adotado na Bélgica um plano de seguros sociais, que põe em prática muitas das melhorias propostas por Sir William Beveridge, num famoso plano que foi apresentado e submetido ao estudo do govêrno da Inglaterra.

Em virtude do plano belga e como inovação lateral, cada operário receberá um bonus com o qual poderá adquirir em armazens por êle mesmo escolhidos, matérias texteis, calçados e utensílios domésticos à proporção que êstes sejam fabricados.

E' esta medida que visa apressar o "reequipamento doméstico" do povo belga, que experimentou durante os efeitos destruidores da última guerra. Calcula-se que será necessário um período de dois ou três anos para que se restaurem as coisas em um nível igual ao tempo anterior a

guerra. Tudo isso depende de constante e generoso esforço dos indivíduos, auxiliados e orientados pelo poder público.

As instituições particulares de crédito adiantarão o dinheiro necessário à execução do plano. Os patrões amortizarão esses créditos dentro de um período de quinze anos, mediante um sistema de cotizações.

A Bélgica, nação católica, está procurando vencer as crises sociais e econômicas dos nossos tempos. Sem se deter em um conservadorismo reacionário e sem se deixar arrastar pelo extremismo da esquerda, o povo belga se apoia em princípios firmados na justiça social cristã.

O que se passa na Bélgica é a demonstração mais evidente e a prova mais irrecusável de que não é necessário recorrer ao comunismo ateu para se resolver o problema social de uma nação católica.

SOCIALISMO CRISTÃO

Em meio da grande confusão, que lavra no mundo das idéias, entre as várias escolas de sociologia e economia política surgem certas denominações verdadeiramente absurdas.

Para ilustrar o que dizemos, apresentamos um exemplo: "Socialismo cristão".

Há uns tantos indivíduos que, pretendendo justificar suas opiniões e tendências favoráveis ao materialismo histórico, declaram-se socialistas cristãos. Não sabem êsses senhores que estão pretendendo ajuntar cousas diametralmente opostas e que estão dizendo verdadeiro absurdo.

Embora o socialismo não chegue aos extremos a que o comunismo atingiu, não deixa de haver total incompatibilidade entre o socialismo, que é materialista, e o cristianismo, que é por índole espiritualista.

O grande Leão XIII, em 1891, condenou de modo radical, as tendências socialistas, que já então se manifestavam, e declarou:

"Os princípios fundamentais do socialismo, que pretendem fazer da propriedade privada posse pública, devem ser afastados completamente, porque vêm em prejuízo dos que elles pretendem ajudar, contrapõem-se aos direitos naturais do indivíduo e precipitam na confusão as funções do Estado e a paz da sociedade".

Com o andar dos tempos a Igreja não modificou a sua

doutrina nem foi levantada a condenação do socialismo. Assim é que Pio XI, com todo acêrto e clareza, disse estas palavras:

“Socialismo religioso, socialismo católico são têrmos contraditórios. Ninguém pode ser ao mesmo tempo um bom católico e verdadeiro socialista”. (Quadragesimo Anno.)

Em sua mensagem de Natal, em 1942, o Santo Padre Pio XII condenou a “despersonalização dos homens”, que é o fundamento e a base do socialismo. Estas foram as palavras do chefe supremo da cristandade:

“Aquêles que desejam vêr a Estrêla da Paz derramando sua luz sôbre a sociedade, deveriam cooperar, devolvendo à pessoa humana a dignidade que lhe foi atribuída por Deus, desde o princípio; deveriam opor-se à excessiva despersonalização dos homens, como se fôssem uma simples massa, sem alma”.

Desses textos e dessas declarações segue-se que existe e perdura a incompatibilidade entre o cristianismo e o socialismo e que a Igreja não conheceu nem pode conhecer o chamado socialismo cristão.

Repelimos o nome de socialismo cristão, mas abraçamos o do cristianismo social, que indica a aplicação dos princípios do cristianismo à vida da coletividade humana.

CATÓLICOS PROGRESSISTAS

As épocas sacodidas por guerras, abaladas por convulsões políticas e sociais, cheias de problemas difíceis e complicados produzem confusões de idéias e de princípios.

Os nossos tempos, plenos de toda espécie de perturbações, apresentam também não pequena desordem no mundo das idéias.

Na procura de solução segura e eficaz para os problemas que dominam o mundo contemporâneo, os espíritos que não estão muito seguros de seus princípios e de suas convicções, inclinam-se, facilmente, a encontrar uma solução, qualquer que ela seja, para as dificuldades do momento. Esses tais aceitam qualquer meio que se lhes apresente, qualquer expediente que se lhes proponha.

A falta de uma solução justa e duradoura, admitem qualquer paliativo, que se lhes ofereça... querem fugir às responsabilidades do momento presente... querem evitar a dura realidade dos fatos, à qual querem escapar, ainda que seja por uma porta falsa.

Produto do meio ambiente e das crises dos nossos tempos são os pretensos católicos progressistas, que acendem uma vela a Deus e outra ao diabo, conforme o diz a linguagem plébea.

Sem coragem para enfrentar a dura realidade, sem um sentido arraigado de seus deveres e das obrigações impostas

pelas circunstâncias, essa nova espécie de católicos não olha para as consequências últimas de suas atitudes, quer apenas estar bem com todos.

Por mais que tenha sido condenada pela Igreja, na pessoa de seus mais altos representantes (a começar pelo Papa), a colaboração com o comunismo, ainda há católico que se afasta desta norma disciplinar.

Eis o motivo pelo qual, vez por outra, alguma figura da mais alta hierarquia católica adverte os fieis contra as tentativas de aproximação entre cristãos e marxistas.

Agora mesmo o Cardeal Achille Lienart, bispo de Lille, na França, ergueu a sua voz para condenar os chamados católicos progressistas.

Em pastoral lida em todos os púlpitos da diocese, o Cardeal Lienart declara que "as táticas comunistas são inseparáveis das doutrinas atéias e materialistas que as inspiram, e que buscam esconder-se por todo lugar; colaborar com semelhante tática é arriscar-se a contribuir para o triunfo de um regime que o Papa Pio XII chamou intrinsecamente perverso e que se mostra onde tenha poder para fazê-lo como inimigo implacável de Deus e de sua Igreja".

"Temos uma doutrina cristã. Os verdadeiros progressistas entre os cristãos, não são os que colaboram com o comunismo, mas os que tratam resolutamente de por em prática "nossa doutrina".

Assim falou um dos mais ilustres príncipes da Igreja e um dos distintos sociólogos dos nossos tempos.

AS DIRETRIZES SOCIAIS DA IGREJA

Na confusão política e social que lavra pelo mundo, extremam-se três correntes, que se entrechoca, dia a dia mais fortemente, na disputa pelo predomínio sôbre o mundo inteiro.

Em primeiro lugar, podemos enumerar o capitalismo, que nada quer ceder de seus lucros, não se mostra disposto a perder nenhuma de suas posições nem tolerar vêr diminuído o seu prestígio. De outro lado está o socialismo avassalador, que tem no comunismo ateu e totalitário a derradeira etapa da sua evolução. Em meio dessas duas correntes, levanta-se a Igreja, serena, imperturbável no mar das paixões humanas, propondo ao mundo civilizado a experiência social cristã como taboa de salvação para os povos modernos.

Baseado no Evangelho aplicado aos nossos tempos, pelas encíclicas dos Papas, o plano da Igreja abrange tôdas as condições de vida e resolve as dificuldades que se apresentam ameaçadoras perante as classès sociais em luta.

E' necessário, porém, que se observe que a doutrina social da religião católica não se limita apenas a orientar os poderes públicos e os responsáveis pela situação presente; essa doutrina tem um espírito que a vivifica e informa, que lhe dá fôrça e energia; é o espírito cristão a alma de nossa doutrina social.

Sem uma mentalidade cristã, sem a observância da mo-

ral evangélica e sem a vida de fé, torna-se impossível realizar-se na prática, o que a Igreja propõe em teoria.

Em nossos dias, pelas nações católicas, há um verdadeiro despertar dos sentimentos religiosos das massas populares.

O Movimento Republicano Popular, na França, e o Partido Democrata Cristão, na Itália, são provas manifestas de que os católicos dessas duas grandes nações acordaram e estão dispostas a agir, em face do perigo que lhes ameaça a independência da pátria. Ambos êsses partidos pretendem realizar alguns pontos fundamentais do programa social da Igreja.

Na América, em vários países, os católicos vão tomando posição no campo social, de acôrdo com as diretrizes assentadas pelas encíclicas sociais.

Acaba de assumir a presidência da República, na Colômbia, o dr. Mariano Ospina Perez, o qual declarou abertamente que o seu governo pretende seguir as diretrizes sociais da Igreja.

Ospina Perez é um católico sincero e praticante, é também um grande político e um grande estadista, que honra a sua pátria. Temos a certeza de que cumprirá a palavra dada aos católicos colombianos.

É com alegria e com esperança que vemos ser seguida e acatada a voz do supremo pastor da cristandade, que se empenha em salvar a democracia e a liberdade dos povos.

A COMPETÊNCIA E A AUTORIDADE DA IGREJA EM ASSUNTO SOCIAL E ECONÔMICO

Entre os caluniadores e acusadorês da Igreja, entre os que procuram responsabilizar a religião cristã pelas desigualdades e injustiças sociais, há uns tantos que negam ao catolicismo qualquer competência ou autoridade para tratar da questão social e dos problemas econômicos.

Dizem uns estudiosos das ciências sociais que a Igreja só deve ocupar-se da alma, dos negócios eternos e dos interesses espirituais. O padre, o ministro de Deus, só tem a vêr com os pecados e as virtudes daqueles que os procuram, que vão aos templos para receber os sacramentos.

Do corpo, dos negócios temporais, das cousas pertencentes ao corpo e à parte material e sensível do homem, sómente o poder público, o govêrno, o Estado é que deve tomar conhecimento. A autoridade civil é a única competente para tratar desses assuntos.

É por meio de semelhante sofisma e com tão capciosos argumentos que os comunistas e os seus simpatizantes pretendem afastar a influência e a ação da Igreja em tudo que

visa a solução dos mais graves e ingentes problemas da nossa era.

Mui diversa, porém, é a opinião da religião católica, que se afirma autorizada e competente para tratar das questões econômico-sociais, que assumem tanta importância e gravidade em nossos dias.

A êsse propósito devemos ouvir o que diz S.S. Pio XI, na sua célebre e oportunnissima encíclica "Quadragesimo Anno": "Faz-se mister declarar o princípio, já por Leão XIII estabelecido com tanta clareza: isto é, que em nós reside o direito e o dever de julgar com suprema autoridade sobre semelhantes questões sociais e econômicas. Na verdade à Igreja não foi confiado o encargo de guiar os homens para uma felicidade tão sómente temporal e caduca mas eterna. Antes, não quer nem deve a Igreja sem justo motivo se intrometer na direção das cousas puramente humanas".

Feito, porém, esta ressalva, o mesmo pontífice, proseguindo na mesma ordem de idéias, acrescenta o seguinte: "De modo nenhum, porém, póde renunciar ao officio que Deus lhe determinou, de intervir, com a sua autoridade, não nas cousas técnicas, para as quais não tem meios adaptados nem a missão de tratar, mas em tudo aquilo que diz respeito à moral".

A intervenção da Igreja em assuntos atinentes à questão social justifica-se de pleno direito de vez que a ordem econômica não pode ser estranha e muito menos contrária à ordem moral.

À Igreja compete legislar sobre a moral; compete-lhe, portanto impôr seus princípios quando se trata de resolver a questão social e econômica, que envolve assuntos de ordem moral.

DIREITOS E DEVERES DO CLERO

Em sermão quaresmal aos pastores de Roma, o Santo Padre Pio XII reivindicou para a Igreja o direito de participar da vida pública e exortou o clero a instruir os fiéis sobre os seus deveres para com a comunidade e para com a pátria.

Não foi sem motivos graves que S. Santidade tomou tal atitude: uma lei italiana pretendeu restringir as atividades do clero católico, limitando a liberdade de ação e o campo de influência do catolicismo.

— “A Igreja Católica, disse o Santo Padre, nunca consentiu em ficar encerrada entre quatro muralhas. Separar do mundo a religião e a vida da Igreja é contrário à idéia cristã e católica.

“Os mandamentos de Deus são válidos para todos os terrenos do empreendimento humano sem qualquer exceção, seja qual fôr”.

Quem tem um dever, tem também o direito de lhe serem concedidos meios e condições e necessários e favoráveis ao cumprimento do mesmo.

Isto é tão intuitivo, que não padece dúvida.

Ao clero católico incumbe obrigação grave de orientar os fiéis em todos os problemas sérios e em todas as cousas que envolvam responsabilidade em consciência.

Ora ninguém poderá dizer que os problemas políticos e a escolha dos representantes do povo não sejam cousas graves, pois se referem à administração pública.

Quando se trata de resolver a forma de governo e sobre a elaboração de uma carta magna, e êsse era o caso da Itália, o direito de voto assume um caráter todo especial.

Eis aí o motivo pelo qual o Santo Padre Pio XII disse, textualmente, estas palavras:

— “É uma grave responsabilidade moral êsse direito de voto, principalmente no que diz respeito à escolha daqueles que serão chamados a dar ao país a sua constituição e as suas leis, especialmente no que diz respeito, por exemplo à santificação da família e à escola, e à justa e equitativa regularização das condições sociais”.

Como se verifica das próprias palavras do Sumo Pontífice, não se trata de interêsses mesquinhos de política partidária, mas, sim, de questões da mais alta importância dentro do ponto de vista moral e social.

O chefe da cristandade reivindica para o catolicismo o direito de orientar a consciência dos fiéis, para que êstes, na vida pública, não se afastem das normas traçadas pela religião.

Os nossos inimigos, com certeza, dirão que isso é uma intolerância, palavra que anda sempre na bôca daqueles que negam todos os direitos ao catolicismo e aos católicos. Mas perguntamos nós: onde está a intolerância da Igreja?

Em primeiro lugar, respondemos que o Papa legisla e dá

ordens aos católicos; quem não é católico, nada tem que vê com as determinações do Sumo Pontífice.

Em segundo lugar, observamos que, até mesmo sobre os católicos, o Santo Padre não dispõe de força material para constringer alguém à obediência. A autoridade da Igreja é uma força que se impõe apenas à consciência formada e esclarecida pela fé.

O que o Papa está a exigir é que se conceda ao clero o direito de cumprir o seu dever. Só e mais nada.

A CARIDADE CRISTÃ E OS PROBLEMAS SOCIAIS

“A verdadeira lei do progresso moral é a caridade; sem o seu impulso é impossível a perfeição humana e quantos esforços emprega o homem por atingi-la num alvo excêntrico ao amor de Deus e do próximo, serão esforços impotentes”.

Esta frase lapidar, que saiu da pena de um dos mais ilustres e primórosos escritores do século passado, encerra a noção exata da caridade cristã e parece irmã gêmea da sentença exarada, no texto sagrado: “A plenitude da lei é o amor”.

O Evangelho, o livro dos Atos dos Apóstolos e as Epístolas estão de tal modo impregnados do espírito de caridade, que seria impossível compreender a religião cristã, se lhe tirássemos o amor de Deus e o do próximo, que vivifica e penetra a nossa crença.

O Divino Mestre sintetizou o Decálogo em dois únicos preceitos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. São Pedro, o chefe do colégio apostólico, declarou que são estéreis as ações não vivificadas pelo amor de Deus e do próximo. São Mateus afirma que a caridade é o primeiro e o maior dos mandamentos. São João

Evangelista, como última recomendação, dizia aos seus discípulos que se amassem uns aos outros.

Desses princípios doutrinários brotaram, desde os primeiros séculos da era cristã, as obras de beneficência e as instituições de caridade, de que a Igreja tem sido tão fecunda em todos os tempos. Ao lado dos templos se erguiam, por tôda a parte, instituições destinadas a aliviar as misérias humanas, enxugar lágrimas, cuidar dos abandonados e socorrer aos miseráveis.

A história social da religião cristã está cheia de benefícios inúmeros prestados à humanidade sofredora.

Não há necessidade pública que não encontre uma organização de caridade para lhe fazer frente. Onde surge uma calamidade geral ou aparece um gênero especial de dificuldade, aí comparece alguma organização social cristã, que procura atender às vítimas e melhorar a situação dos que são atingidos pelo mal.

Essa tem sido sempre a ação da Igreja no campo social. Os tempos modernos complicaram a vida e advieram problemas desconhecidos dos séculos pretéritos. A tudo isso a caridade cristã tem dado remédio, procurando resolver as questões de ordem social, para o bem do homem e da humanidade.

A CRISE SOCIAL E AS MEDIDAS ECONÔMICAS

E' evidente e ninguém terá a veleidade de contestar aquilo que é um fato: a humanidade atravessa, em nossos dias, tremenda crise social.

Os espíritos pensantes, os líderes da política e os homens do governo preocupam-se com o que se passa em nossos tempos e procuram remédios para os males do mundo, os quais dia a dia se agravam, assumindo caráter ameaçador.

Os partidários do totalitarismo vermelho pretendem remover tôdas as dificuldades por meio da implantação da ditadura do proletário. Atribuem à propriedade privada tudo que de mal existe debaixo do sol.

A experiência já demonstrou que o comunismo não resolve a crise social, pois o regime soviético não logrou extirpar na Russia os males que pretende liquidar no mundo inteiro. Há uns tantos espíritos bem intencionados que pretendem resolver a crise social por meio apenas de certas medidas de ordem econômica. Propõem a abolição da especulação, que perturba igualmente a produção e o consumo, encarecendo a vida. Indicam que se deve estabelecer o seguro contra o desemprego, a velhice e a enfermidade. Combatem em fa-

vor das férias remuneradas, da estabilidade nos empregos, das cooperativas de produção e de consumo e da obtenção da casa popular por parte das famílias proletárias.

Essas e outras medidas, quase tôdas em vigor entre nós, diz-se, seriam ou serão suficientes para se resolver a crise social e se implantar a perfeita harmonia entre as classes.

Assim pode parecer à primeira vista; assim poderá julgar o observador superficial, que olhar apenas o exterior dos acontecimentos humanos.

E' certo que para se resolver a crise social é necessário que se tomem enérgicas providências de ordem material e se promova o alevantamento das condições de vida das massas sofredoras e laboriosas. A paz e a harmonia entre as classes dependem, grandemente, de uma melhor repartição dos bens temporais. Isso está de acôrdo com o bom senso e as encíclicas pontificiais já firmaram os princípios cristãos dos direitos e também dos deveres dos ricos e dos pobres, dos patrões e dos operários.

Mas isso não é tudo. As medidas de ordem econômica e o melhoramento das condições materiais não bastam para resolver o problema social.

A crise atual é uma crise humana e é preciso não perder de vista que o homem é um composto de dois elementos: corpo e alma, um elemento material e outro espiritual.

Não é somente o corpo que está cheio de necessidades e precisa de reformas e de medidas protetoras. A alma também tem suas necessidades e tem sêde de verdade, de justiça e de bem.

Uma reforma social que não olhe para o corpo e para a alma está fadada a completo fracasso.

GREVES E MAIS GREVES

Perpassa pelo mundo hodierno um sôpro de agitação, uma onda de revolta; um espírito de rebelião levanta as massas populares, induzindo-as à paralização de tôda e qualquer atividade produtora.

Em diversos países, as greves vão surgindo, acarretando imensos prejuizos de ordem material e ameaçando a própria estabilidade dos governos constituídos e das instituições vigentes.

Os Estados Unidos, acima de todos os demais países, são os mais afetados e prejudicados pela crise trabalhista da hora presente. Apenas saída da grande convulsão da guerrá mundial, a nação americana estava entregue à reorganização de sua produção, tratando da reconversão de suas indústrias ao tempo de paz.

Enquanto se processava essa transformação dentro de seu imenso parque industrial, aparecem as greves, que transformaram essa grandiosa operação, ameaçando arruinar as indústrias nacionais.

Entre nós, as greves também já se tornaram uma coisa quotidiana; a cada dia surgem novas greves e aqueles mesmos que, há pouco fizeram greve e foram atendidos em suas reclamações, ameaçam cruzar os braços, se não forem de novo atendidos em suas novas reclamações.

Reconhecemos o fato da carestia de vida; sabemos que há excessos de lucros em certas industrias; mas não podemos

admitir que tudo se resolva, e do melhor modo e da maneira mais prática e segura, pelas greves continuadas, que se reproduzem periódicamente, como que obedecendo a um plano traçado.

A solução dessas crises trabalhistas, que se vão generalizando também aqui, está a exigir um estudo sério e consciencioso, sob pena de acarretar um tremendo desastre financeiro, de consequências imprevisíveis.

O aumento constante do preço da mão de obra ocasionará equivalente senão maior aumento no custo das utilidades, trazendo crescente encarecimento da vida...

No final chegaremos à ruína das indústrias e de todas as empresas de produção, dando em resultado uma crise financeira de proporções catastroficas para os países industrializados.

Da crise financeira e da desorganização subsequente, advirá a revolução social, que é o fito dos inimigos das nossas instituições políticas.

E' aí, julgamos, que se deve encontrar a razão última das greves que vão rebentando por toda a parte.

AS COMEMORAÇÕES DO DIA DO TRABALHO

O mundo civilizado celebrou, conforme está estabelecido universalmente, o dia do Trabalho.

Em homenagem ao exercício da atividade humana ordenada, tendo em mira um fim útil, pararam as grandes fábricas, silenciaram as máquinas possantes e cessaram seus ruídos: os engenhos e os instrumentos de produção.

A humanidade que labora e se esforça em todos os setores de atividades, resolveu parar um pouco, fazer alto em meio de sua labuta. E isso foi feito em homenagem a êsse grande e incomparável fator do progresso humano: o trabalho. Isso significa que o homem não é ou pelo menos não deve ser um escravo de suas próprias atividades, mas deve ordená-las a fins nobres e superiores, que ultrapassem os limites dos interesses materiais e das circunstâncias econômicas.

O trabalho foi uma das finalidades da obra divina, da criação. Deus tirou do nada o primeiro homem e o colocou num jardim de delícias, o Eden, segundo o que nos conta a Sagrada Escritura. Mas a criatura mais perfeita que saíra das mãos do Senhor, não deveria ficar ociosa e inútil; deveria aproveitar-se de suas próprias energias e cultivar o solo que habitava.

Antes mesmo que se consumasse a desgraçada previação dos nossos protoparentes, havia na mente e na inten-

ção do Eterno o intuito de fazer que o homem trabalhasse e cultivasse a terra. O labor do ser racional deveria tornar-se uma espécie de complemento da obra infinita, um como desenvolvimento ou aproveitamento das forças e dos elementos da natureza.

O pecado original veio apenas dar o caráter de pena àquilo mesmo que era condição da vida da nossa raça. É o que se deduz do que está escrito no livro do Genesis.

No Novo Testamento, Jesús Cristo dignificou e elevou o trabalho, a êle se submetendo, para o santificar diante de Deus e o enobrecer perante os homens.

Em nossos dias, vemos que os povos e os governos reconhecem a grandeza e a nobreza do esforço humano; as leis sociais cercam de garantias e de proteção aqueles que vivem do labor quotidiano.

Uma série de providências está decretada em favor das classes proletárias, que, em nossos dias, possuem direitos e vantagens desconhecidas das maiores e mais adiantadas civilizações antigas. É isso uma verdade incontestada e evidente.

A que se devem tôdas essas medidas favoráveis aos que trabalham?

A resposta sincera e franca a tal pergunta só poderá ser esta: tudo isso se deve ao espírito cristão que informa e modela a civilização dos nossos dias. O que há de bom, de justo, e de humano em nossos costumes públicos e em nossas instituições políticas, deve-se exclusivamente ao Evangelho, que operou a mais profunda transformação e realizou a mais radical das revoluções.

As gerações contemporâneas se beneficiam de efeitos que têm como causa última os ensinamentos do Divino Mestre.

Devemos repetir esta afirmação e estas verdades às massas operárias, que se distanciaram da religião, desertaram dos templos e se esqueceram de Deus...

JUSTIÇA E CARIDADE

Justiça e caridade são duas grandes virtudes que nem sempre estão juntas e cuja importância e amplitude nem todos sabem avaliar.

Quando se fala de justiça, quase sempre só se tem em vista a justiça chamado vindicativa, que castiga os criminosos, de acordo com o mal praticado e o que determinam os códigos. Pouco ou nada se diz a respeito da importância social dessa virtude e do papel que está destinada a representar na vida dos povos.

No que respeita à virtude da caridade não é menor a incompreensão. A prática da caridade resume-se, para muita gente, em dar um óbulo àquele que lhe estende a mão ou, no máximo, em concorrer para obras de assistência em prol de certa classe de necessitados.

Essas duas noções não são erradas, mas pecam por incompletas.

O Santo Padre Pio XII, em memorável homília pascal, em 9 de abril de 1939, deu-nos conceitos e ensinamentos seguros e oportunos sobre a justiça e a caridade, na vida pública de indivíduos e de povos.

“A justiça, diz o Sumo Pontífice, exige que a autoridade legitimamente constituída seja respeitada e obedecida pelos súditos; que as leis se ordenem sàbiamente para o bem comum e todos as observem com consciência. A justiça impõe que se reconheçam e tolerem os sacrossantos

direitos da liberdade e dignidade humanas; que convenientemente se distribuam aquelas riquezas que Deus espalhou pelo mundo para bem de seus filhos. A justiça quer enfim que a ação salutar da Igreja de Cristo, mestra infalível da verdade, insigne benfeitora da humanidade humana, não seja perseguida nem dificultado.

Só neste trecho encontramos sábios ensinamentos e diretrizes seguras para se conseguir a estabilidade social e a tranquilidade entre as nações.

O mesmo Pontífice nos diz, porém, que a justiça só não estabeleceu aquela ordem que assegura a verdadeira paz. E por isso diz ainda S.S. Pio XII:

“Se à justiça inflexível e vigorosa não se une, em fraterna aliança, a caridade, é muito fácil que os olhos se ceguem para vencerem os direitos dos outros, os ouvidos se tornem surdos à voz daquela equidade, de cuja aplicação sábia e benévola podem nascer, até nas mais árduas controvérsias, soluções razoáveis e vitais”.

As palavras do Vigário de Cristo na terra são plenas de oportunidade para o momento em que os povos civilizados e as nações cristãs pretendem reorganizar o mundo e instaurar uma nova ordem na vida social e internacional.

LEÃO XIII E A CLASSE OPERÁRIA

Em nossos dias, a classe operária desfruta de vários privilégios e regalias que as gerações passadas desconheciam.

A golpe de esforços contínuos, no decorrer dos últimos tempos, os operários foram fazendo novas conquistas e alargando os direitos adquiridos. Passou-se do trabalho escravo, da civilização pagã, para o trabalho livre dos séculos cristãos.

Entre aquêles que, nos tempos modernos, se levantaram na defesa do operariado e se bateram, desde a primeira hora, em favor dos que vivem do seu trabalho, avulta a figura excelsa de Leão XIII, o pontífice que traçou a carta cristã do trabalho.

Antes que as leis humanas proclamassem os direitos e as garantias dos operários, inflamado de caridade cristã, na encíclica "*Rerum Novarum*", escreveu este período de ouro:

"Nós estamos persuadidos, e todos concordam nisto, de que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes humildes, atendendo a que eles estão pela maior parte numa imerecida situação de infortúnio e de miséria".

Nêsse mesmo documento, o grande pontífice ergue a sua voz poderosa para condenar a concentração das riquezas materiais nas mãos de uns poucos, com grandes prejuízos para as multidões trabalhadoras:

“Veio agravar ainda o mal uma usura voraz, a qual, condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, continúa a ser praticada sob a outra forma, por homens ávidos e gananciosos; acresce o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito posto nas mãos de uns poucos, de modo que um número diminuto de opulentos e ricos impuseram um jugo quase servil à imensa multidão de proletários”.

Noutra passagem da “*Rerum Novarum*”, Leão XIII faz aos patrões ricos esta severa advertência:

“De um modo geral recordem-se o rico e o patrão que explorar a pobreza e a miséria e especular com a indigência são coisas igualmente reprovadas pelas leis divinas e humanas: E’ um crime enorme, que brada por vingança ao céu, defraudar o pobre no preço de seus labores. Eis que o salário, que tendes extorquido por fraude aos vossos operários clama contra vós; e o seu clamor subiu até os ouvidos do Deus dos exércitos”.

Nestes tempos em que os comunistas e socialistas da extrema esquerda vomitam blasfêmias contra Deus, insultam o Santo Padre e caluniam a Igreja Católica, é bom e é mesmo necessário relembrar as palavras e as ações de Leão XIII, que foi o grande defensor da classe operária.

AÇÃO SOCIAL E COMBATE AO COMUNISMO

A propaganda intensa e persistente que os agentes do comunismo internacional vão desenvolvendo por tôda a parte, entrou a produzir frutos: agitações operárias, greves e outras manifestações contrárias às instituições políticas e sociais dos povos democráticos.

Esses fatos, a princípio esparsos e sem relêvo, entraram a repetir-se, avolumaram, tomando corpo e, apresentando aspecto de movimentos coordenados em um plano geral organizado. Já não se tratava apenas de um pedido justo de aumento de salário e de mais racional horário de trabalho; eram greves de tal monta que desarticulavam a vida industrial, ameaçando seriamente a produção do país. Eram pedidos constantes de maiores salários, o que acarretava contínua elevação do custo das utilidades, de modo a encarecer sempre a vida.

A coisa chegou a tal ponto e assumiu aspecto tão grave que começou a inquietar os homens de govêrno e a todos que observam os fenômenos econômicos, políticos e sociais. Descobriu-se então que, debaixo de tudo isso, havia a ação direta do comunismo, acobertado em partido político.

Foram apontados os responsáveis pela empreitada que ia desarticulando a produção e o consumo, em benefício dos que conspiravam contra a pátria.

E os governos começaram a agir e a tratar de remédio para a situação tendente a agravar-se.

Em alguns países o partido comunista foi pôsto fora da lei, como aconteceu no Brasil. Noutras nações cogita-se de medida idêntica ou de qualquer coisa que combata a ação dissolvente e revolucionária.

Os responsáveis pela situação, em vários países, chegaram à conclusão de que o comunismo é um mal que deve ser combatido, sob pena de desabarem sôbre as nações democráticas calamidades de consequências imprevisíveis.

Até êsse ponto há acôrdo geral. Quando, porém, se trata de escolher os meios a empregar no combate ao marxismo ateu é que não há a desejável unanimidade. E é pena.

Exigem alguns, medidas policiais e violentas; outros pedem reformas precipitadas e cheias de perigos. Os primeiros esquecem-se de que vão criar mártires e atrair simpatias para aquilo mesmo que combatem. Os últimos, com suas medidas imprudentes, talvez precipitem o cáos social e a revolução.

Ambos estão esquecidos de que o comunismo é uma idéia e, como tal, deve ser combatido por outra idéia. A' concepção materialista devemos opôr a concepção espiritualista; ao comunismo ateu devemos opôr o sistema cristão; à luta das classes devemos opôr a colaboração e cooperação entre capital e trabalho.

Os princípios do comunismo devem ser combatidos pelos princípios de sociologia cristã; os ensinamentos marxistas precisam ser destruídos ou pelo menos neutralizados pelos ensinamentos do Evangelho, atualizados pelas modernas encíclicas pontificias sôbre a questão social.

O melhor meio de que dispomos para enfrentar o regime soviético e a propaganda solerte de seus agentes é a ação social cristã, em tôda a sua plenitude, na teoria e na prática, principalmente.

Nesse sentido acaba de pronunciar-se o Cardeal James M. O'Gan, Arcebispo de Toronto, Canadá.

Em palestra com um correspondente de "Notícias Católicaas", o ilustre purpurado teve oportunidade de declarar que a melhor defesa contra o comunismo é "ação social bem ordenada e cristãmente iluminada".

Disse o Cardeal O'Gan:

"É menos do que inútil clamar contra o comunismo. É, além de antiquado, resulta estúpido. A melhor defesa contra o comunismo é uma ação social bem ordenada e cristã e que se dê a devida atenção às necessidades das massas populares, e se ajude os que aceitam as responsabilidades da paternidade e da maternidade a cumprir suas tarefas com segurança."

Depois dessa declaração, o egrégio príncipe da Igreja faz esta enérgica advertência aos católicos:

"Os católicos devem despertar de seu letargo, e não somente os católicos, mas quantos amem esta liberdade de que tanto nos vangloriamos. Devemos compreender que a vigilância é o preço da liberdade. Mas, em vez disso, caminhamos sem destino. Vemos o que se passa em tantos outros países cristãos de tôdas as partes do mundo, mas nunca nos ocorre pensar que o mesmo possa acontecer aqui."

Excluindo qualquer colaboração com os comunistas, o Cardeal Arcebispo de Toronto faz um apêlo a todos os homens de boa vontade e declara:

"Chegou o momento em que todos nós, que acreditamos em Deus, trabalhemos conjuntamente no campo social, pois já se percebe claramente que a fé em Deus, a boa vontade internacional e a liberdade estão inseparavelmente ligadas. Não pode haver democracia ou liberdade sem fé em Deus".

Ação benéfica em prol das camadas populares e vigilância sobre os agentes de Moscou são medidas preconizadas pelo eminente prelado católico, que assim se exprime:

“Estamos completamente de acôrdo com qualquer avanço que ajude as massas populares; mas nos apegamos à liberdade individual e às liberdades cívicas e religiosas que constituem nossos mais caros tesouros e nossas mais queridas tradições britânicas. O perigo do comunismo no Canadá não provém do povo, mas das hábeis e insidiosas táticas dos chefes comunistas e de nossa própria complacência e miopia diante dos perigos que certamente existem.”

A IGREJA CATÓLICA E OS NOSSOS TEMPOS

O mundo contemporâneo, oprimido pela mais complexa das crises, assoberbado pelos mais graves problemas, volta-se para todos os lados à procura de algum meio que o salve. Mas, infelizmente, até agora, não foi encontrada a solução das dificuldades que ameaçam a humanidade.

Diremos melhor se dissermos que os dirigentes e os responsáveis pelos destinos dos povos não querem ir à fonte salvadora; não querem procurar a chave dos problemas modernos onde esta chave se encontra, a saber, na verdade católica, nos princípios cristãos.

As questões políticas e os problemas econômicos procedem de dificuldades morais.

Essa mesma religião, que salvou a civilização do mundo antigo e reformou as instituições políticas, pode também resolver todos os problemas da nossa época; salvar, mais uma vez, a humanidade, que está à beira de um precipício.

Natale Turco, sociólogo da Itália, escreveu estas palavras plenas de verdade e de atualidade:

“A economia do Cristianismo não é deste ou daquele século, deste ou daquele lugar, desta ou daquela nação; ela se desvincula de todas essas contingências de tempo, de lugar e de pessoa: a economia do Cristianismo é o homem, o homem na profundidade de sua natureza, o homem de todos os

tempos, de todos os lugares, de tôdas as condições, dentro dos horizontes imensos da justiça e da salvação. E quando chega um tempo como o nosso, no qual às preocupações de tôda espécie, que interessaram a humanidade nos séculos passados, se substitui a preocupação econômica, é ainda o Cristianismo, livre de ligações e preconceitos, vazio de fantasias e ilusões, que abre à humanidade nova o seio de sua eterna e sempre nova fecundidade, pela qual o homem de tôdas as classes encontrará o pôsto exato, também econômico; e como os séculos passados lhe confiaram o segrêdo da sistematização moral e religiosa, o nosso século, repetindo o mesmo ânelo, lhe confiará também o segrêdo de sua sistematização econômica, em tudo quanto esta se apóia nos insubstituíveis e eternos fundamentos da verdade, da justiça e do amor, que são os seus eternos privilégios”.

A Igreja Católica com um tirocínio de vinte séculos de lutas e de experiências, possui a chave e a solução de todos os problemas dos nossos dias.

Resta, apenas que os governantes e os governados procurem nas fontes do Evangelho a palavra de orientação.

As encíclicas pontifícias atualizaram e aplicaram aos nossos tempos os princípios eternos encerrados na doutrina de N. S. Jesus Cristo.

DEMOCRACIA POLÍTICA E DEMOCRACIA ECONÔMICA

A Igreja, que deu o seu concurso e todo o seu apôio ao estabelecimento da democracia política e ao reconhecimento da igualdade de todos os homens perante a lei, está trabalhando, em nossos dias, em prol da democracia econômica, isto é, do alevantamento das classes populares e trabalhadoras.

Enganam-se e laboram em êrro todos aquêles que afirmam ser o catolicismo uma religião réacionária e que pretende deter a onda do progresso social. Êsses que assim falam, se não o fazem de má fé, estão esquecidos dos fatos históricos. Foi a Igreja a primeira instituição a proclamar a igualdade entre os homens, isso numa época em que todo trabalho dependia exclusivamente do braço escravo.

Os princípios de igualdade e liberdade, de que hoje tanto se fala, encontram suas raízes no Evangelho. Se, em nossos tempos, é possível um movimento universal, em favor do proletariado, isso se deve às idéias fundamentais do cristianismo. E a prova disso é que não encontramos movimentos similares entre maometanos, budistas e pagãos. Se na India e no mundo árabe há agitações políticas e pruridos de independência, tudo isso não passa de reflexo do que vai no seio dos povos cristãos.

Nos tempos modernos, a religião católica, pela palavra de seu chefe supremo, tem feito as mais graves advertências àqueles que tentam modificar o curso dos acontecimentos e não querem aceitar os princípios da justiça social. Esses é que são os verdadeiros reacionários, pois não admitem na prática aquilo que admitem na teoria. Tal cegueira e tamanha obstinação servem apenas para afastar da religião as classes laboriosas, que se desviarão para o marxismo ateu, pleno de falsos princípios e de mentirosas promessas.

John E. Smith, presidente dos Cavaleiros de Colombo, em solenidade realizada na cidade de São Luis, por ocasião da visita do arcebispo do Berlim, o Cardeal Konrad von Per-sing, aos Estados Unidos, teve oportunidade de declarar que o fracasso da democracia política em estabelecer junto dela a democracia econômica, é a causa do comunismo.

E afirmou o seguinte:

“Para vencer os abusos do capitalismo irrestrito, contra os quais o comunismo apresenta queixas justas, nós os cristãos devemos superar o capitalismo e converter a todo trabalhador honrado em um proprietário.”

Ao comunismo, que pretende concentrar toda a riqueza em mãos do governo, unindo o poder político ao poder econômico, a Igreja opõe o seu sistema de justiça social, que garante os direitos dos trabalhadores e trata de elevá-los, na ordem material, até que se tornem proprietários. Em vez de querer nivelar os homens na miséria geral de um pauperismo, explorado pelo Estado onipotente, a sociologia cristã trabalha por tornar a propriedade particular acessível ao maior número possível de indivíduos.

E' assim que entendemos a democracia econômica, que deve reinar ao lado da democracia política.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

O último manifesto publicado pelo Episcopado Brasileiro é um documento que, com a máxima sinceridade e lúcida visão das coisas, aponta aos católicos os males, as dificuldades e os perigos que, na hora presente, ameaçam a nossa terra e a nossa sociedade.

Consciêntes de seus gravíssimos deveres, os nossos pastores e guias espirituais sabem e conhecem a situação verdadeira em que se encontra a nossa pátria. Estão convencidos de que é necessário agora mais do que nunca, um trabalho contínuo, persistente e bem coordenado em favor da reestruturação econômica, social, política e espiritual do Brasil. E para se atingir a êsse alvo, para se conseguir a reestruturação almejada, é necessária, absolutamente necessária a união não sómente de todos os católicos, mas também de todos aquêles que crêem em Deus. Não se requer apenas a cooperação dos católicos praticantes, dos que não perdem a missa dominical e frequentam os santos sacramentos... Êsses, é claro, são os que devem estar na linha de frente, ocupando os primeiros postos de responsabilidade e de trabalho; mas também os que são apenas cristãos, os que possuem sentimentos religiosos, devem trabalhar nêsse sentido. Quem deseja que a sua pátria continue grande e feliz e que o seu povo se reja pelas instituições democráticas, não pode nem deve recusar o seu concurso ou subtrair os seus esforços em prol do bem público.

Entre os meios indicados para a solução das dificuldades presentes, segundo a opinião do episcopado brasileiro, a Assistência Social ocupa o primeiro lugar e está citada antes de tudo o mais. Não é que se pretenda resolver todos os problemas por êsse único meio; isso é evidente. Mas não se pode pôr em dúvida o que diz o citado manifesto, à saber, que a Assistência Social "constitui, contudo, quando bem organizada e aplicada, um elemento de desafogo de milhares de criaturas que, de outra forma, nas circunstâncias presentes, não encontrariam outra maneira de reajustamento, nem outros meios imediatos para atender às necessidades urgentes de sua vida, na defesa da saúde, da educação da moradia e da higiene".

E' êsse o pensamento e a intenção do episcopado nacional; aos católicos e aos cristãos de boa vontade cumpre atender ao apêlo dos mais altos representantes da religião professada por quase todo o povo brasileiro.

EVOLUÇÃO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A religião cristã, fundada no tempo e destinada a cumprir uma missão terrena, tem sua origem na divindade e tem por fim realizar um destino eterno. Embora, em sua essência e em sua finalidade última, não esteja, sujeita ao tempo e às versatilidades da criatura, deve ela realizar sua missão no tempo, por entre as criaturas humanas, sujeitas a toda espécie de mutações e contingências.

Permanecendo sempre igual a si mesma no que há de essencial em seu todo, a Igreja tem sabido adaptar-se a todas as transformações por que tem passado a humanidade em vinte séculos de história. De acordo com o evoluir dos costumes e da marcha da civilização, a religião cristã vai aplicando os princípios eternos da verdade, que estão exarados no livro dos livros, o Evangelho.

Dos pontos essenciais, traçados por Jesus Cristo, a Igreja nunca se afastou, nem se afastará jamais; aplica as regras morais e os ditames da verdade revelada de acordo com as circunstâncias de tempo e lugar, a que está sempre sujeito o homem.

Evoluem os costumes; modificam-se os sistemas políticos e as formas de governo; as leis e as constituições são forçadas à aceitação dos fatos que vão ocorrendo; a Igreja

também acompanha êsses fenômenos sociais e aos mesmos se acomoda.

Aquêles que não compreendem as condições de vida do cristianismo, não conseguem explicar como a religião católica tenha conseguido atravessar tantos séculos. É que, não admitindo o milagre de uma assistência divina, não se explica a sobrevivência a tantos acontecimentos adversos e tão grandes perseguições. Outros há que julgam ser a Igreja eminentemente oportunista, que se prevalece das circunstâncias para mudar de atitude e conquistar novos asseclas. Atribuem à doutrina social católica o propósito de cortejar a maioria ou o partido para o qual parece inclinar-se a vitória.

Todos êsses estão longe de entender o espírito que anima e vivifica a religião católica.

A doutrina social da Igreja evoluiu através dos séculos, até chegar ao que hoje é, em todo o seu esplendor e em tôda a sua plenitude.

Desde os primeiros tempos de seu aparecimento, vemos que o cristianismo apresentou um direito seu, um direito cristão, oposto ao direito pagão.

O direito pagão permitia o "uso" e o "abuso" dos bens possuídos; era um direito visceralmente individualista.

O cristianismo, irmanando todos os homens em Deus, estabeleceu os vínculos da virtude, da caridade, que devia produzir o uso comum da propriedade privada.

Foi essa a base das reformas sociais cristãs, operadas através dos séculos.

Na Idade Média os Escolásticos foram mais longe, estabelecendo que, em caso de extrema necessidade, qualquer

homem tem direito ao uso da propriedade privada. Daí o ponto de partida para a moderna doutrina social da Igreja, que reivindica os direitos das classes operárias e de todos os que são desfavorecidos de bens materiais.

Isso foi evoluindo com os progressos das indústrias, a expansão do comércio e as transformações operadas nos usos e nos costumes.

Dêsse modo, sem violências, o catolicismo soube colocar-se à altura dos tempos modernos e das necessidades de nossa época.

IGREJA E AS REFORMAS SOCIAIS

Através dos comunicados das agências de informações, chegam-nos referência à carta pastoral da quaresma do Cardeal Suhard, arcebispo de Paris. Não possuímos, infelizmente, o texto original e completo desse documento, mas, pelo que já está anunciado, deve ser notável e de máxima oportunidade na hora presente. O ilustre prelado francês aprova e preconiza certas reformas sociais que a nossa época está a exigir.

Atravessamos momentos decisivos, cuja importância talvez não sabemos e nem podemos avaliar, mas é certo que a civilização cristã, sob cujo signo viemos ao mundo, está ameaçada de ser substituída por algo fundado apenas em fatores de ordem econômica e em realidades puramente materiais.

Isso é evidente.

Não é de agora que a Igreja vem pugnando pela redenção do proletariado, pelo alevantamento das classes operárias e de quantos ganham o pão quotidiano à custa do suor da própria frente...

Ninguém, com razão e em boa lógica, poderá acusar agora a Igreja de oportunista, de propôr reformas para contrabalançar as reivindicações populares e evitar a revolução.

Não é preciso lembrar a história da ação social da religião católica, através dos tempos, dos primeiros séculos até hoje. Restringindo-nos aos nossos dias, basta recordar Leão

XIII, que foi ao encontro das reivindicações do socialismo e apresentou a solução cristã para a questão social.

Sem se prender a um tradicionalismo emperrado e sem cair no extremo oposto, o pontífice das imortais encíclicas, enfrentou o magno problema da era da máquina e do capital. E se a voz do chefe da cristandade tivesse sido escutada por quem de direito, não estaríamos hoje na crise político-social em que nos encontramos.

A orientação da Igreja, de então até agora, tem sido firme, clara e constante, no fito de conciliar os interesses de todos por meio da mútua cooperação, que deve tomar o lugar da famigerada luta de classes.

Mui recentemente, S. S. Pio XII; ao receber em audiência os membros das Organizações dos Trabalhadores Católicos de Roma, focalizou a importância crescente dos problemas trabalhistas, problemas que afetam o mundo inteiro e não apenas empregados e empregadores. Mais uma vez o chefe da cristandade recordou que essas questões deviam ser encaradas do ponto de vista moral e espiritual tanto quanto do material: Quer dizer que não se pode resolver a questão social sem se levar em conta os valores morais e espirituais que estão ligados aos problemas do trabalho. Qualquer solução que se afaste desses dados, será injusta e ineficiente.

O ANIVERSÁRIO DA “RERUM NOVARUM”

A data de 15 de maio de 1891 será sempre cara aos católicos do mundo inteiro e a todos aquêles que, de reta intenção e de boa vontade, procuram resolver, pacificamente e dentro dos limites da justiça e do direito, os problemas sociais contemporâneos.

Por êsse motivo e dentro dessa ordem de idéias, 15 de maio de 1891 merece comemoração, porque relembra o dia em que foi publicada uma das mais célebres e importantes encíclicas, que os sumos pontífices dirigiram ao mundo cristão.

Pela encíclica “RERUM NOVARUM” Leão XIII traçou novas diretrizes e orientação certa à sociologia, marcando o comêço de um período de assinaladas e grandes realizações, tendentes a solucionar o agudo conflito levantado entre o capital e o trabalho, isto é, a questão social.

Não significa isso que a religião católica até 1891 se houvesse posto à margem dos grandes problemas humanos da quadra contemporânea; não quer isso dizer que até então os católicos estivessem assistindo do palanque ao conflito travado entre o proletariado oprimido e o capitalismo opressor.

Em diversos países e em circunstâncias graves, a voz da Igreja se fizera ouvir na defesa dos fracos e na condenação das injustiças e explorações.

A história moderna regista nomes e fatos que documentam o interesse da religião católica em prol das classes desprotegidas da fortuna. E' essa uma verdade que não pôde ser contestada.

Mas até a publicação da memorável encíclica de Leão XIII sôbre a condição dos operários, faltava a todos a palavra oficial da Igreja a propósito de um assunto importantíssimo, que dividia os espíritos, dentro e fora dos arraiais cristãos.

Os próprios católicos sentiam a necessidade de uma diretriz segura pela qual orientassem os seus esforços em favor de uma solução equitativa para os problemas sociais. Por falta de uma orientação que a todos se impusesse, os católicos ora se inclinavam para as soluções avançadas do socialismo, ora permaneciam presos a tradicionalismo incompatível com os progressos dos seus dias. Alguns dos católicos eram apontados como socialistas e inimigos da propriedade; outros passavam por inimigos das classes pobres e laboriosas.

Havia quem pretendesse resolver todos os problemas apenas por meio da caridade pública ou particular; homens de larga visão compreendiam que a caridade por si só não poderia solver as dificuldades das classes populares e pediam que se delimitassem os direitos e os deveres dos patrões e dos operários, mantendo-os a todos dentro das respectivas esferas.

Foi o que fêz Leão XIII, com a publicação da carta cristã do trabalho, isto é, a encíclica sôbre a condição dos operários. Depois dêsse documentos, outros emanaram da S. Sé, mas todos êles se inspiraram, pelo menos nos seus princípios básicos, na "Rerum Novarum".

Por êsse motivo o aniversário da publicação dessa encíclica será sempre grato aos católicos do mundo inteiro.

ESQUERDA E ESQUERDA

Nessa hora de angustiosas expectativas e de sérias indecisões, é mister que se precise o sentido de certas palavras e que se limite o emprego de uns tantos termos, sob pena de se cometerem graves êrros e de se praticarem injustiças muito grandes.

Circulam, em nossos dias, umas expressões, que ficam com um sentido vago e amplo, embora nem sempre estejam empregadas com justiça e propriedade.

Tomemos, por exemplo, a palavra **ESQUERDA**, hoje tão em voga e de tanta aplicação.

Todos falam de esquerda e de esquerdismo.

Dizem, por aí, que o mundo caminha para a esquerda; há mesmo quem tal afirme a respeito da religião católica. Já se fala de católicos esquerdistas e de esquerda cristã.

Ora bem. E' preciso distinguir entre esquerda e esquerda.

Se tomamos a palavra em bom sentido, isto é, defesa das classes trabalhadoras, dos direitos dos fracos, dos humildes e dos proletários; então sim, aceitamos o esquerdismo, somos da esquerda. Infelizmente, porém, esquerda, quase sempre significa o regime político do comunismo ou do socialismo avançado. Esta esquerda nós a combatemos, porque se funda no materialismo e no ateísmo, inimigos radicais da Igreja e do cristianismo.

Cumpra, porém, observar que, antes mesmo das reivindicações dos socialistas e comunistas a Igreja defendia os direitos dos fracos e dos oprimidos.

A êsse propósito vamos citar o Padre Sertillanges, no seu livro **"SOCIALISMO E CRISTIANISMO"**:

"Eu não creio fazer um paradoxo, dizendo que a Igreja, em certo sentido, é mais socialista do que os socialistas; porque o espírito de que êstes se gabam, não é, afinal, senão o nosso espírito evangélico, desmarcado e infelizmente, muitas vezes falseado, misturando com êrros e loucas paixões.

Libertação e socialização, eis os dois polos da Ação Católica: a doutrina e a história fazem fé. Libertar o indivíduo, primeiramente lhe pregando o seu valôr pessoal e o seu destino próprio; mas em seguida, enquadrá-lo, para o multiplicar, em coletividades hierárquicas".

A ABOLIÇÃO DAS CLASSES SOCIAIS

Os socialistas e os comunistas, o que vale dizer todos os esquerdistas, vivem a bradar, constantemente e por tôda a parte, contra a divisão da humanidade em classes diversas.

Em meio de operários e pobres, vivem os arautos do crêdo vermelho a proclamar a necessidade do extermínio das classes sociais, que dizem ser o alvo da propaganda do marxismo. Clama-se, entre as camadas trabalhadoras contra as desigualdades existentes entre os homens; levantam-se brados de protestos contra a existência de patrões e de chefes, que dão ordem a inferiores; insiste-se pela igualdade absoluta e pelo nivelamento perfeito entre os homens.

E dêsse modo, trabalha-se pela revolta das multidões e pela revolução social, cujo fito, no dizer dos propagandistas do materialismo histórico, é igualar os homens todos entre si.

A experiência e a realidade aí estão, em plena evidência, para demonstrarem a falsidade das afirmações dos inimigos jurados da sociologia cristã.

Em primeiro lugar, devemos vêr e confessar que os homens não possuem todos as mesmas aptidões e as mesmas qualidades de modo que sejam todos capazes para o desempenho das mesmas tarefas.

As desigualdades na força física, na capacidade intelectual e no procedimento moral são incontestáveis, se mos-

tram evidentes entre tôdas as classes sociais e no seio de tôdas as nações.

Em segundo lugar, concedido por absurdo que todos os homens fossem igualmente capazes para o desempenho de tôdas as tarefas, ainda assim seria impossível estabelecer-se a igualdade absoluta entre todos os indivíduos, pois as posições — chaves e os cargos de direção e responsabilidade são muito limitados, em comparação com o número de trabalhadores necessários às diversas atividades e industriais.

O que se passa na Rússia Soviética, qualificada como o país que aboliu as classes, está em perfeito desacordo com a abolição das classes, que o comunismo promete adotar.

Sob o regime soviético, como em todos os demais, há os que mandam e os que obedecem; os que trabalham com os braços e os que trabalham com o cérebro; os que ocupam postos de responsabilidade e os que são operários comuns. E cada qual recebe um salário proporcionado ao trabalho executado, isto é, ao que produz.

Para que tal coisa não acontecesse e tal fato não se desse, seria necessário que a sociedade fôsse composta de indivíduos que fizessem sempre exatamente a mesma coisa... disso, porém, resultaria a própria destruição da sociedade destituída de classes.

O homem não pode nem poderá jamais destruir certas desigualdades estabelecidas pela própria natureza.

COMUNISTAS E COMUNISTAS

Não devemos generalizar quando se trata de julgar uma coletividade. Quando é necessário emitir um juízo sobre os componentes de uma associação religiosa, de uma seita filosófica ou de um partido político, devemos ter em vista que nem todos os membros de semelhantes organizações estão igualmente, possuídos dos princípios que professam.

Isso deve valer também para o partido comunista que o Tribunal Superior Eleitoral colocou fora da lei.

Sabemos que o comunismo tem como base o materialismo histórico e a luta de classes; é um partido revolucionário, subordinado à orientação de uma potência estrangeira, que procura estender seu domínio à Europa inteira e ao mundo todo, se possível. Tudo isso foi pôsto a descoberto num processo regular feito à luz do dia, nem sombra de violência ou de fraude pode infirmar a sentença dos magistrados da Justiça Eleitoral.

Feitas essas ressalvas, vamos, diretamente ao assunto que pretendemos analisar.

Está o comunismo posto fora da lei, nas terras da Santa Cruz. Estão os filiados do partido internacionalista privados dos direitos conferidos aos nacionais e democráticos...

No entanto, é de justiça reconhecer que não podemos medir pela mesma craveira todos os comunistas e aqueles que votaram nos candidatos do partido totalitário e estrangeiro. Não são, pois, iguais e não devem ser como tais

julgados os comunistas. Deve haver comunistas e comunistas.

Por um olhar rápido, podemos distinguir três espécies ou grupos de filiados ao marxismo ateu: os chefes ou dirigentes; os fanáticos ou obsecados; é, finalmente os iludidos ou enganados.

Os chefes ou dirigentes sabem o que querem, os fins últimos da empreitada internacional; que deve transformar a face política e social do mundo. Desde já vão tirando o proveito possível em benefício próprio, enquanto preparam o estabelecimento da "ditadura universal do proletariado", sob a égide da União Soviética.

Os fanáticos, os obsecados, iluminados modernos, estão possuídos pela idéia marxista, de tal modo que não pensam em outra coisa, nem sabem falar de outro assunto. Seus ideais e suas aspirações de tal maneira se enquadram no materialismo histórico, que se tornam verdadeiros desajustados e inconformados em nossa sociedade... Conhecemos pessoalmente alguns desses indivíduos.

Com essas duas classes de comunistas nada ou quase nada se conseguirá, no sentido de chamá-los à razão e à realidade dos fatos.

Há, porém a grande legião dos iludidos e enganados. São os pobres operários, os modestos funcionários e todos os que lutam com dificuldades de vida, sentem pêso do trabalho e suportam, não raro, as injustiças de nossa organização social.

Pobres e humildes filhos do povo, que descrêem dos grandes e dos poderosos e desconfiam dos políticos e da gente do govêrno. Esses foram os iludidos e os enganados da propaganda soviética e das arengas dos comícios da seção brasileira do marxismo-leninista. Entre vários programas políticos, escolheram aquêle que lhes parecia mais radical; e lá se foram votar com o totalitarismo esquerdista.

A êsses iludidos e enganados é que é preciso dizer a verdade, esclarecer-lhes sôbre a natureza e os fins do comunismo ateu e demonstrar-lhes o êrro e o lôgro em que cairam e ainda se encontram.

São irmãos nossos que, transviados, amanhã tomarão armas contra Deus e contra o Brasil porque não houve quem lhes abrisse os olhos à realidade dos fatos.

Aí está o motivo para uma grande e intensa campanha, uma verdadeira cruzada para a reconquista dêsses nossos irmãos. É preciso que os nossos partidos políticos se empenhem, de verdade, em esclarecer êsses iludidos e enganados todos, para que a democracia os reabsorva dentro dos quadros dos nossos partidos políticos.

Essa é uma campanha de máxima importância e de tôda a urgência, para que tantos brasileiros não fiquem à margem de nosso vida política, constituindo um verdadeiro quisto, que se poderá tornar em fóco de revoltas e de revoluções futuras.

O CRIME DA ABSTENÇÃO

Ao considerar o procedimento do católico que, sem graves razões e sem motivos muito sérios, se deixa ficar em casa e deixa de votar, só podemos qualificar de criminosa uma tal atitude.

Alguns exemplos bastam para justificar uma qualificação que talvez, pareça a alguns católicos rigorosa demais.

Em 1902, em França, subiu ao poder um bloco inimigo da Igreja. Por uma maioria de 200.000 votos, num pleito em que houve abstenção de 2.396.515 eleitores, a esquerda fêz-se govêrno, expulsando as congregações religiosas e confiscando-lhe os bens, fechou os colégios católicos e tentou escravizar a Igreja por meio da monstruosa lei de separação.

Houvessem comparecido às urnas mais uns quinhentos mil católicos, todos êsses males teriam sido evitados... Culpa de tudo a abstenção comodista.

Em fins do século passado, na Bélgica, pelo mesmo motivo acima citado, **PELA INSIGNIFICANTE MAIORIA DE DOIS VOTOS** sôbre seu concorrente católico, foi eleito um deputado anticlerical.

Êsse parlamentar assim eleito deu a maioria necessária à aprovação de uma legislação escolar, que atentava diretamente contra a liberdade de que gozavam as escolas católicas. Só mais tarde, quando o partido católico subiu ao poder, essa legislação iníqua foi revogada.

O caso da Espanha é ainda mais impressionante. Nos começos de 1936, o eleitorado espanhol era de cerca de 13 e meio milhões de votantes. Desses eleitores, 4.910.000 votaram com os partidos da direita, chefiados por Gil Robles; 4.356.000 votaram com as esquerdas coligadas; mais de 4.000.000 de eleitores ficaram tranquilamente em casa. O que aconteceu depois todos o sabem: a esquerda assumiu o poder, começou a perseguir o catolicismo e sobreveio a guerra civil, que transformou o solo da Espanha em campo de combate e cobriu o país de ruínas.

Com meio milhão de católicos, que tivessem cumprido o dever de votar, a direita teria assumido o contrôlo da situação e outra teria sido a sorte da Espanha católica.

O que se passou na França deve abrir os nossos olhos ante as duras realidades e as graves responsabilidades do eleitorado católico.

Nas eleições municipais os partidos da esquerda obtiveram 52% dos mandatos. Ante uma situação tão alarmante, os católicos compreenderam o perigo em que se achavam. O episcopado francês apelou para o espírito cristão do povo e nas eleições para a Assembléa Constituinte os católicos levaram às urnas quatro milhões de votos, o dobro dos votos contados no pleito anterior. Graças a esse fato, contam hoje os católicos franceses uma representação ponderável no parlamento. No entanto, devemos observar que, se os católicos franceses tivessem agido com mais energia desde o começo, melhor seria a sua posição na Assembléa Constituinte e os comunistas não se mostrariam tão audazes e tão intransigentes nas suas imposições.

Diante de fatos tão instrutivos e de provas tão concludentes, nenhum católico pode, em boa consciência, ficar na abstenção comodista, quando estão em jôgo os destinos da pátria e os princípios da civilização cristã.

AS DIRETRIZES DE ROMA

Em meio da campanha levada a efeito entre nossos católicos no intuito de lembrar-lhes o dever do voto, chegou-nos de Roma uma noticia importantissima, cujo valor não pode deixar de ser salientado na presente oportunidade.

A Sagrada Congregação Consistorial, conforme se divulgou, tomou uma atitude que deve ser uma lição e uma diretriz para os católicos do mundo inteiro; a referida Congregação dirigiu, em circular, aos católicos italianos instruções relativas às próximas eleições que se vão realizar na Itália.

A mencionada circular determina que os bispos dêem aos eleitores instruções no sentido de que: 1.º) — em vista do perigo que ameaça a religião e o bem estar público, cuja salvaguarda requer a colaboração dos homens de boa vontade, é dever de todos, qualquer que seja seu sexo ou condição, exercer o direito do voto; 2.º) — os católicos só poderão votar com as chapas que respeitarem os postulados da lei divina e os direitos da Igreja; 3.º) — se o programa e o comportamento prático dos candidatos indicarem intenção de observar as condições acima, os católicos poderão a eles dar seu voto.

Por esse modo, os católicos da Itália são chamados ao exercício da liberdade de ação, que a Igreja adquiriu pelo Tratado de Latrão. Até aquela época, não sendo reconhecida pela Santa Sé a legitimidade do Estado italiano, a ação pública da religião católica estava muito restringida. Du-

rante a vigência do regime fascista, virtualmente não houve eleições, pois só existia um partido, o do governo. Impossível, pois, tomarem os católicos uma atitude política. Agora, porém, mudou, completamente, o panorama político do velho reino peninsular; é chegada a hora de os católicos tomarem parte nos pleitos eleitorais, na defesa de sua crença e de seus direitos.

É de notar que a situação da política interna italiana é particularmente séria, dada a atitude dos extremistas, que procuram apoderar-se do governo. Em tais condições, a Igreja, mantendo-se sempre "fora e acima dos partidos", não pôde nem deve desinteressar-se de um pleito, do qual dependerá a orientação geral do país. No momento atual, como bem o declara a mencionada circular, os católicos italianos se encontram em face de um "perigo que ameaça a religião e o bem-estar público."

Abster-se por comodismo e ficar tranquilo em casa, sem tomar em consideração os perigos que ameaçam as instituições cristãs e democráticas, é trair a religião e a pátria. Em ocasião tão delicada e em situação tão difícil, nenhum católico pôde negar-se a exercer o direito de voto, em favor dos partidos que defendem a ordem pública e sustentam os princípios básicos da civilização cristã. É por isso que a Santa Sé ordena que os católicos italianos se preparem para o exercício do direito do voto.

Examinando, com serenidade e clarividência, as condições políticas de nossa terra, somos obrigados a reconhecer que a nossa situação tem muitos pontos de semelhança com a da Itália; daí se segue que o dever dos católicos brasileiros é o mesmo que o dos seus irmãos de crença, italianos.

Nota — As diretrizes de Roma, felizmente, foram seguidas pelos católicos italianos, fato que ocasionou o esplêndido triunfo dos partidos da direita, que assumiram o poder, sob a chefia de Alcide De Gasperi, democristão.

O CATOLICISMO NO MUNDO

Os extremistas da esquerda e os simpatizantes do crêdo vermelho andam a espalhar que o catolicismo está em plena decadência, que a Igreja está perdendo terreno em tôda a parte.

Esta linguagem visa, certamente um duplo fim: intimidar ou pelo menos desencorajar os católicos nesta hora grave e cheia de responsabilidades, e angariar novos amigos e partidários da revolução social, que o materialismo histórico prepara.

Para se tomar conhecimento da situação e se interpretar devidamente os fatos, devemos, primeiro observar as condições políticas internacionais. É fato que a União Soviética, tradicional inimiga do catolicismo, emergiu da última guerra com um poderio e uma fôrça que jamais havia possuído. Isso, é evidente, não pôde ser favorável à Igreja.

Nações católicas, como a França e a Bélgica, entre os vencedores, e a Austria, a Hungria e a Itália, entre os vencidos, ficaram debilitadas e enfraquecidas. A Lituânia está anexada à Rússia e a Polônia continúa sob a ocupação das tropas soviéticas. Nas zonas ocupadas pelo exército vermelho ou onde a Rússia exerce influência, há perseguição mais ou menos declarada e forte pressão contra os católicos.

São fatos tristes e lamentáveis; são consequências do resultado da guerra e somente no andar dos tempos, com a restauração da verdadeira democracia, tal situação poderá melhorar.

Se o comunismo, em certos pontos, logrou vantagens, estas, porém, estão muito além do que os vermelhos desejavam e os conservadores temiam.

Onde vai havendo eleição livre e sufrágio democrático, a população continua firme nos seus princípios religiosos e os elementos conservadores, liberais e democratas levam grande vantagem sobre a gente da extrema esquerda. A Austria, bem como a Holanda e a Bélgica, são belos e incontestáveis exemplos da confiança popular nos regimes democráticos.

Isso servirá para desacreditar os profetas do marxismo, que anunciam para breve o estabelecimento de regimes comunistas em toda a Europa. Servirá também para abrir os olhos dos pessimistas, que julgam inútil lutar e resistir contra a onda do totalitarismo da extrema esquerda.

O mundo, porém, não é só a Europa; há as outras partes do universo e a Igreja está presente em todas elas.

A Sagrada Congregação da Propagação da Fé acaba de publicar estatísticas que nos devem encher de confiança e quase de orgulho.

Por obra do labor dos missionários espalhados pelo mundo inteiro, anualmente, se convertem cerca de oitocentas mil pessoas... Perto de um milhão de almas abraçam a verdadeira religião e aceitam a lei de Jesus Cristo. E o trabalho das Missões se intensifica de ano para ano, em toda a parte.

Tudo isso vem provar que o catolicismo não está morto, nem agonizante; mas, sim, é uma religião em plena vitalidade e que faz novas conquistas a cada momento.

A UNIÃO DOS CATÓLICOS

Uma das passagens mais sublimes das Sagradas Escrituras é aquêlê memorável discurso de despedida, que Jesus Cristo proferiu quando da última ceia, terminando-o pela oração sacerdotal.

Foi um momento tão augusto e solene que o Senhor promulgou um novo mandamento e deu aos seus discípulos um novo preceito, dizendo:

“Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros: assim como eu vos amei, que vos ameis também vós mutuamente. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”.

E prosseguindo nesta mesma ordem de idéias, acrescentou o Mestre que os seus discípulos deviam ser consumados na unidade, afim de que por esse modo o mundo conhecesse que o Pai o havia enviado.

Esses textos tão claros e incisivos manifestam que Jesus Cristo quer que reine verdadeira união entre os seus discípulos e que esta união seja um sinal pelo qual se reconheçam os seguidores do Mestre.

A união entre os católicos é, pois um velho tema, que, apesar de velho, tanto tem de importância quanto de atualidade.

Dos tempos primitivos do cristianismo aos nossos dias, através dos escritores apostólicos, dos apologistas, dos Santos Padres, dos Doutores da Igreja, das encíclicas pon-

tificias, das decisões conciliares e das cartas pastorais, encontramos recomendada, sempre aos católicos a união dentro da caridade. Não é de admirar, pois, que também em nossa época se faça apêlo ao espírito fraternal que deve reinar entre os discípulos e seguidores do Divino Mestre.

A insistência com que os pastores de almas voltam a tratar desse assunto, manifesta, por si só, a transcendental importância do mesmo.

Já o Mestre dizia que todo reino dividido será assolado e ruirá pedra sobre pedra. E os fatos se encarregam da demonstração da veracidade desta sentença.

Se, em todos os tempos, a união dos católicos foi coisa de vital interesse para a Igreja, em nossos dias torna-se imperiosa necessidade. Quando homens que discordam em todos os pontos, se congregam para combater o cristianismo, é mister que mantenhamos firme e sólida a frente interna, se não quisermos sucumbir aos assaltos dos inimigos de Deus e da Igreja.

O mundo já se acha por demais dividido; há esferas de influências, choques de imperialismos, lutas de classes e embates entre os partidos da direita, da esquerda e do centro...

Ao menos os católicos, em meio de tantas divergências e lutas, saibam conservar-se unidos na caridade de Cristo.

OS FATORES MORAIS

A civilização, o progresso e a cultura das nações não se podem nem devem medir tomando apenas em consideração os dados e os números relativos à instrução pública, às trocas de produtos naturais ou manufaturados, às indústrias e aos sistemas de comunicação. A grandeza de um povo não consiste somente no amontoado da riqueza pública e na prosperidade material. A tudo isso importa ligar a cultura intelectual, a disciplina dos costumes públicos e a expansão da vida espiritual e religiosa do povo .

O formidável poder das forças de terra, mar e ar, junto ao progresso e ao desenvolvimento material, representa apenas uma facêta da civilização.

Acima de tudo isso está e deve sempre estar a moralidade pública. Um povo sem moral, um povo de costumes laxos e depravados, ainda mesmo que disponha de inesgotáveis recursos, é um povo condenado à ruína e votado a desaparecer.

Basta recordar a antiga Roma, que pereceu em meio de inensos tesouros confiscados pelas armas do império dos Augustos e dos Césares. A civilização romana soube preparar e disciplinar tropas que dominaram o mundo antigo; não soube ou não foi capaz de preservar e disciplinar os costumes públicos e por isso, a ruína cobriu o Império.

O mesmo tem acontecido a outros povos, que não conseguiram deter as ondas das paixões humanas em revolta.

O mesmo está ameaçando de suceder em nossos dias pois o nível moral desce, embora aumente o progresso na ordem material.

Hartman observa, aliás com muita exatidão, que tanto mais o homem multiplica os meios disponíveis para tornar mais agradável e mais feliz a própria existência, tanto mais se manifesta a sua impotência para dominar a angústia da vida e atingir pelo progresso material, a felicidade de todos ou pelo menos, um relativo bem-estar.

É que os condutores dos povos e os seus líderes se esquecem de que o homem não é apenas um animal aperfeiçoado, ao qual seja bastante proporcionar um certo conforto material desprezando, por completo as tendências superiores do espírito. que é o sêlo da divindade impresso em nossa pessoa.

Daí tantas crises e tantas lutas, que abalam a sociedade e inspiram funda inquietação acerca do futuro da civilização contemporânea.

Tudo que ora angustia o mundo, provém do desprezo ou da subestimação dos fatores morais.

RECRISTIANIZAÇÃO...

Quando volvemos um olhar indagador sôbre a sociedade contemporânea, perscrutamos e penetramos os seus males e as suas misérias. Em qualquer dos setores da vida e da atividade humana, encontramos chagas que devem ser curadas, desvios que devem ser corrigidos.

Na vida internacional vemos a guerra atirar povos contra povos e as nações se trucidarem nos campos de batalha, umas na defesa de seus princípios e idéias, outras na satisfação de suas ambições e de sua sêde de poderio e de conquista.

Na vida da sociedade encontramos uma reprodução, em miniatura, do que se passa entre as nações grandes e pequenas: as rivalidades e as ambições preparam as lutas de classes; os que desfrutam dos bens temporais não querem ceder alguma coisa aos que nada possuem; os proletários e as classes pobres tudo exigem e ameaçam tomar pela força aquilo que julgam ser de seu direito. A luta de classes prepara convulsões internas, que muito se assemelham às guerras entre nações. Até mesmo no restrito círculo da família, nem sempre reina a paz, nem sempre existe a ordem, nem sempre impera a tranquilidade.

O mundo está em luta e trava-se uma guerra de extermínio, na qual a inteligência humana aperfeiçoou ao máximo os elementos de destruição e de morte.

Em meio das angústias e da apreensão ora reinantes, surgem espíritos que podem ser muito bem intencionados, que podem alimentar os mais generosos projetos, mas que, infelizmente, não nos parecem mui sólidos nos seus otimismo-nem mui seguros nos seus projetos para o após-guerra.

A humanidade está em luta e combate com tôda a generosidade e com todo o espírito de sacrifício, dizem: para que não haja mais guerras; não haja mais agressões de fortes contra fracos; não haja mais conquistas... E como corolário desta paz perene, haverá trabalho, pão e lar para todos os homens, em todos os cantos da terra.

Isso é muito belo, é muito sublime, é muito nobilitante, mas está, infelizmente, muito distante dessa humanidade, que é tão cheia de fraquezas e tão arraigada nas suas tendências e nas suas paixões.

Só há uma força capaz de pôr um dique às lutas que dividem os povos: a caridade segundo o Evangelho de Jesus Cristo.

“A verdadeira lei do progresso moral, escreveu alguém, é a caridade; sem o seu impulso é impossível a perfeitibilidade e quantos esforços emprega o homem por atingi-la, num alvo excêntrico ao amor de Deus e do próximo, serão esforços impotentes”.

Devem estar lembrados dessa grande verdade aquêles que se propõem reconstruir o mundo e perservá-lo de novas guerras para o futuro.

E' preciso que a ordem mundial se assente em bases cristãs, do contrário teremos, periodicamente, uma guerra cruel, que conflagará o orbe terráqueo, cobrindo-o de ruínas argamassadas com sangue humano.

Eis o motivo pelo qual julgamos que estão com a verdade e o direito os autores das “Preleções Merrick de 1913”, quando propugnaram pelo estabelecimento da ordem internacional sôbre fundamentos cristãos. Para que a paz reine sôbre a terra, faz-se mister a recristianização do mundo.

CRISTO NO PARLAMENTO

A imagem sagrada de Jesus Cristo, Redentor do mundo, foi entronizada no Parlamento Nacional.

Antes mesmo que os representantes do povo brasileiro tomassem uma tal deliberação, os senhores constituintes de vários Estados da Federação já tornaram realidade essa feliz idéia. Em diversas de nossas assembléias estaduais a imagem de Cristo, colocada no mais alto destaque, está a presidir as reuniões daqueles que devem elaborar a lei básica de seus Estados.

Aí está uma iniciativa das mais nobres e das mais significativas para a nossa população. A nossa formação histórica e colonização e o progresso de que desfrutamos recebem sua origem do cristianismo; a nossa moral pública e particular e as nossas instituições políticas procedem, em linha reta do Evangelho. E' certo que em nossas manifestações de vida política nem sempre se procede de acôrdo com os princípios e as leis que a religião cristã promulgou e estatuiu para todos os povos. Isso, porém não quer dizer que a nossa civilização e os nossos costumes não procedam da religião de Jesus Cristo. Se, por desgraça nossa, nos afastamos, por vêzes, do prototipo do saber, da justiça e do bem, que o Mestre veio trazer a êsse mundo, no essencial, no que é característico de nossa vida de povo livre, estamos

informados e orientados pelo que haurimos do Antigo e do Novo Testamento. Ninguém poderá negar essa verdade ou por em dúvida êsse fato. Aquêles mesmos que combatem as nossas instituições e querem subverter as bases de nossa organização político-social, os comunistas, se insurgem contra os fundamentos religiosos da nossa civilização.

* * *

A humanidade vive uma de suas horas mais atribuladas; o mundo passa por uma de suas crises mais terríveis; os povos atravessam momentos dos mais decisivos na sua história.

O futuro da nossa espécie está cheio de nuvens sombrias e tempestuosas...

Os agentes da desordem e os fomentadores de lutas fratricidas não cessam de trabalhar e preparar nas trevas a execução de seus sinistros e abomináveis planos, que devem produzir lutas, sangueira e destruição.

E' mister, pois que aquêles que governam, aquêles que devem elaborar as leis e tomar providências vitais para o povo, estejam verdadeiramente iluminados e esclarecidos, para que suas deliberações não ocasionem danos irreparáveis.

* * *

Não ignoramos que há quem se insurja contra a presença do Cristo nos parlamentos e clame contra o que se diz ser a exposição de imagens sagradas em recintos profanos.

E' excesso de zêlo, é zêlo farisáico, se não fôr coisa pior...

Deus está em tôda a parte e sua infável presença se faz sentir por efeitos de ordem moral e espiritual.

Cristo está, acima de tudo, no coração do nosso povo e na consciência da gente fiel e ninguém o arrancará d'esses santuários indevassáveis. Nada ha' de mal, pois, que a sagrada imagem seja colocada nas casas onde se fazem as leis para um povo católico e para uma nação cristã.

EM CRISTO A SALVAÇÃO DO MUNDO

A sociedade moderna encontra-se em uma situação que, humanamente falando, podemos chamar desesperadora, dadas as dificuldades a solucionar e os problemas a resolver.

Por qualquer parte que se encare o mundo contemporâneo, qualquer que seja a face pela qual se olhe para a coletividade humana, em nossos dias, só se vislumbram pontos obscuros e nuvens ameaçadoras tolgem a visão nítida dos horizontes.

As forças morais e as colunas mestras, sobre que se apoia a organização política e social dos nossos dias, acham-se abaladas desde os seus fundamentos.

A autoridade que é o fundamento da ordem pública e a distribuidora da justiça está em crise; se recorre à força, para se impôr à obediência dos súditos, é taxada de despótica e absolutista; se assim não procede, não consegue manter o seu prestígio.

A família, que é a célula mater dos agrupamentos humanos, encontra-se corroida pelos elementos de dissolução interna, que visam arrancar ao lar os seus fundamentos cristãos. Os filhos não querem mais obedecer aos pais e os esposos, às mais das vezes, não se entendem. Daí a deserção

e o abandono dos lares, que se desmoronam, deixando órfãos os filhos de pais vivos.

As classes sociais alargam as brechas que as separam e empregam em luta esteril as energias que deviam ser despendidas em prol do bem comum. O mesmo podemos dizer dos partidos políticos, que olham mais para a conquista do poder do que para o interêsse geral.

No mundo internacional, nas relações que devem aproximar os povos, maior ainda é o descalabro; vemos os países divididos em dois blocos, que dia a dia mais se afastam.

E' essa a realidade da situação; são essas as condições de vida do mundo moderno. São verdades tristes, mas que ninguém pode contestar.

* * *

Mas será mesmo que não há salvação para a sociedade moderna?...

Será que o mundo caminha mesmo para a auto-destruição?...

Não haverá uma tábua de salvação para a humanidade?

Há. Felizmente pode haver salvação para o homem do século XX.

Em Jesus Cristo está a solução de todos os problemas do nosso tempo e o remédio para todos os males da nossa época.

Há mais de um século, os Papas chamam a atenção dos dirigentes e dos dirigidos para as grandes questões da quadra contemporânea.

O que ora se passa e assombra os que conhecem a realidade da situação, já foi previsto, com grande antecedência, pelos Pontífices Romanos, que apontaram os meios de salvação e os remédios adequados aos males.

Se a situação chegou ao ponto culminante, em que nos achamos, é porque não foram ouvidas as palavras do chefe da cristandade.

Em nossos dias, vemos Staford Cripps, notável e conhecido homem público inglês, afirmar o seguinte:

“O melhor meio para salvar o nosso país e o mundo é seguir os ensinamentos de Cristo.”

E acrescentou mais:

“A causa principal que impede a solução dos problemas mundiais reside na ausência de qualquer base ética ou religiosa, sôbre as quais devem ser fundadas as ações dos indivíduos e das nações”.

O que disse o estadista inglês são coisas nossas conhecidas, mas apraz-nos ouvi-las da bôca de alguém que não é católico.

A Perseguição Religiosa na Iugoslávia	87
A Lição de Budapest	91
A Escravidão no Século XX	93
Campos de Concentração	97
“Vão para a Rússia”	101
O Julgamento do Partido Comunista	105
O Brasil e a Questão Social	107
O Comunismo no Brasil	111
O Comunismo na Rússia	115
A Democracia Cristã na Itália	117
A Conferência da Imprensa	121
Solução Marxista e Solução Cristã da Questão Social .	125
A Solução do Problema Social	127
A Participação do Trabalho nos Lucros do Capital ..	129
Capitalismo e Espírito Capitalista	133
Seguros Sociais	135
Socialismo Cristão	137
As Diretrizes Sociais da Igreja	141
A Competência e a Autoridade da Igreja em Assunto Social e Econômico	143
Direitos e Deveres do Clero	145
A Caridade Cristã e os Problemas Sociais	149
A Crise Social e as Medidas Econômicas	151
Greves e mais Greves	153
As Comemorações do Dia do Trabalho	155
Justiça e Caridade	157
Leão XIII e a Classe Operária	159
Ação Social e Combate ao Comunismo	161
A Igreja Católica e os Novos Tempos	165
Democracia Política e Democracia Econômica	167
Assistência Social	169

Evolução da Doutrina Social da Igreja	171
A Igreja nas Reformas Sociais	175
O Aniversário da "Rerum Novarum"	177
Esquerda e Esquerda	179
A Abolição das Classes Sociais	181
Comunistas e Comunistas	183
O Crime da Abstenção	187
As Diretrizes de Roma	189
O Catolicismo no Mundo	191
A União dos Católicos	193
Os Fatores Morais	195
Recristianização	197
Cristo no Parlamento	199
Em Cristo a Salvação do Mundo	201

Composto e impresso na
Gráfica POLITIPO Ltda
Rua Asdrubal do Nascimento, 114
Fono: 4-1530

2 Opiniões sôbre “Vida de Jesus”

De PLÍNIO SALGADO

“Falando da Vida de Jesus, queria confessar que é a mais bela de quantas tenho lido. Tão difícil de escrever, a Vida de Jesus, de Plínio Salgado é, de fato, a vida de Jesus feita com a inteligência, com a alma e com o coração todo”.

(Palavras de Sua Eminência
o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa)

* * *

“Neste grande monumento literário elevado à glória de Cristo colaboraram em contínua harmonia a informação exata do historiador, a piedade sincera do cristão e a inspiração sempre delicada e por vêzes sublime do artista. E a concorrência rara de todos êsses dotes é sempre necessária para escrever uma **Vida de Jesus** destinada a ser, como a sua, a jóia de uma literatura”.

Pe. Leonel Franca, S. J.

EDIÇÕES PANORAMA

Caixa Postal, 4.815

SÃO PAULO